



Programa
de Pós-Graduação
em Psicologia-UFPE



Dissertação de Mestrado

Bissexualidades femininas: repertórios entre jogos de (in)visibilidade

Marianna Barbosa Almeida
Orientador: Benedito Medrado





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

MARIANNA BARBOSA ALMEIDA

Bissexualidades femininas: repertórios entre jogos de (in)visibilidade

Programa de
Pós-graduação em
Psicologia - UFPE
Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, 9º andar - Recife/PE
CEP 50670-901
Fone: (81) 2126 8730

RECIFE
2015

www.ufpe.br/pospsicologia

Marianna Barbosa Almeida

Bissexualidades femininas: repertórios entre jogos de (in)visibilidade

Dissertação apresentada pela Mestranda Marianna Barbosa Almeida ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Medrado

**RECIFE
2015**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A447b Almeida, Marianna Barbosa.
Bissexualidades femininas : repertórios entre jogos de (in)visibilidade /
Marianna Barbosa Almeida. – Recife: O autor, 2015.
121 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Medrado.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2015.
Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Bissexualidade. 3. Mulheres. 4. Direitos sexuais. 5.
Movimentos sociais. I. Medrado, Benedito (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2015-95)

MARIANNA BARBOSA ALMEIDA

**BISSEXUALIDADES FEMININAS: REPERTÓRIOS ENTRE
JOGOS DE (IN) VISIBILIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 30/04/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas

(Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca

(Examinador Interno)

Prof^a Dr^a Telma Low Silva Junqueira

(Examinador Externo)

Universidade Federal de Alagoas

Dedicatória

Dedico essa dissertação aos meus pais, Neguinha e Zig, por cada gesto de cuidado e amor de sempre e, principalmente, nos momentos mais difíceis desse Mestrado.

AGRADECIMENTOS

*Não se assuste pessoa
Se eu lhe disser que a vida é boa. [...]
Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés.
(Dê um role, Novos Baianos)*

E depois de luta, sonhos, frustrações e lágrimas, finalizo esse mestrado. Para escrever esses agradecimentos, acabei refazendo e revivendo alguns anos da minha vida que foram indispensáveis para conseguir chegar até aqui e percebi que sem amor não teria chegado tão longe.

Fazer ciência não é uma tarefa fácil e aprendi na marra que a produção coletiva é menos dolorosa e mais divertida. Sem dúvidas, essa foi a maior lição aprendida nesse mestrado.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Severiano e Ivana, e meus irmãos, Bernardo e Armando Almeida, que sempre me incentivaram a continuar a estudar e que muito contribuíram nos momentos de discussão, festas e, claro, com muito amor. Mesmo morando espalhados pelo Brasil, vocês foram as presenças mais marcantes e importantes nos momentos de escrita. Junto a eles agradeço às minhas avós e meu avô, tios e tias, primos e primas, madrinhas e padrinho e todos (as) amigos (as) da família, que vibraram, perguntavam e me relaxavam a cada encontro e nas horas de conversa fiada.

A meu orientador e conterrâneo, Benedito Medrado – que antes mesmo da minha entrada no mestrado já era presente na minha formação, através dos encontros da ABRAPSO –, o meu muito obrigado. Nossa relação, nem sempre tranquila, foi e sempre será importante pra mim, seja pelo cuidado, os abraços, os cheiros, os silêncios (as vezes bons e outros nem tanto) ou pelas “matações”.

Agradeço ao meu eterno grupo de pesquisa da UNIVASF, o “pesquisa boa”, lugar onde dei meus primeiros passos dentro da academia, rodeada de

amigos(as). Em especial Samella Vieira, a pessoa que mais me incentivou a fazer esse mestrado e, acima de tudo, é uma amiga para todas as horas, situações e risos, valeu Samelinha!

Agradeço ao GEMA-UFPE, pelos momentos de descontração, estudo e aperreios. Aprendi demais com cada um de vocês, em especial ao grupo do Projeto “Diversidade” com quem convive mais intensamente. Além de muito trabalho, o GEMA me trouxe pessoas muito especiais: Ana Paula Pimentel, Celestino Galvão, Fernanda Ximenes, Luiz Braúna, Julianas (Gama e Sampaio) e Talita Rodrigues. Vocês me provaram que as relações de trabalho são (e sempre devem ser) leves, saborosas e com muito amor. Cada um de vocês sabe da importância de cada abraço, dos momentos de risada, choro e claro, nossas idas à Toca tomar aquela cerveja.

Ao meu sócio, Beto. O seu carinho, beleza e sorriso acalma sempre o meu coração.

Ao Fórum LGBT de Pernambuco como um todo, mas especialmente a Thiago Rocha, Iris e Ivo, pessoas muito especiais e com muita garra. Obrigado por abrirem espaços de discussão fundamentais para essa dissertação e para minha formação como cidadã.

Minha temporada em terras pernambucanas não foi fácil e sem Thaissa Machado e Ana Luisa Cataldo o dia a dia do mestrado teria sido muito pior. Meninas, vocês me mostraram que devemos sim acreditar nos nossos sonhos e lutar, independente dos obstáculos. Muito obrigada por acreditarem em mim e por dizerem: “tudo vai dar certo, confie em mim”.

Meu agradecimento mais que especial a Tiago Oliveira, meu companheiro. Você, mais do que ninguém, sabe o quanto tenho a te agradecer, desde planejar nosso mestrado, até os puxões de orelha, os incentivos, os carinhos e amores e, principalmente, o seu colo sempre acolhedor nos meus vários momentos de choro incontrolável, de raiva e

desânimo. Agradeço também à família Oliveira, em especial Mirian e Tamires, família que me acolheu e que amo demais!

Em nome de Luiza e Bidido (BiLu), agradeço aos meus amigos cavernosos pelas conversas mobilizadoras, pelas viagens e claro, pelas loucuras éticas que me relaxavam nos momentos mais tensos e conflituosos desse mestrado. Abram os portais que estou voltando.

Agradeço à Isabela Sena, minha amiga-irmã, que mesmo sem entender nada do que eu estudo (e não fazia questão de entender) sempre esteve ao meu lado nos momentos que mais precisei.

Agradeço a Fernando Seffner e Karla Galvão pelas contribuições na qualificação que foram fundamentais para o desenrolar dessa pesquisa. Fica o meu pesar pela impossibilidade por não ter vocês na minha defesa. Outros encontros certamente virão.

Agradeço também a Jorge Lyra e Telma Low, agora integrantes da minha banca, mas que desde o início do mestrado estiveram comigo, sempre com muito cuidado e abraços apertados e contribuindo para minha formação.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPE e principalmente a João, que me mostrou que as burocracias sempre podem ser resolvidas e desconstruídas com um sorriso e muita educação.

Por fim, agradeço a FACEPE por financiar e viabilizar essa pesquisa.

*Hoje desaprendo
o que tinha aprendido até ontem
e que amanhã recomencarei a aprender.
Todos os dias desfaleço e
desfaço-me em cinza efêmera:
todos os dias reconstruo
minhas edificações, em sonho, eternas.
Esta frágil escola que somos,
levanto-a com paciência
dos alicerces às torres,
sabendo que é trabalho sem termo.
E do alto avisto os que folgam
e assaltam, donos de riso e pedras.
Cada um de nós tem sua verdade,
pela qual deve morrer.
De um lugar que não se alcança,
e que é, no entanto, claro, minha verdade,
sem troca, sem equivalência
nem desengano permanece constate,
obrigatória, livre: enquanto aprendo,
desaprendendo e torno a reaprender.*

Celícia Meireles, 1961

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a produção de sentidos sobre bissexualidade feminina em contextos de comunicação virtual. Como objetivos específicos, pretendemos: 1) apreender repertórios sobre bissexualidade que circulam em espaços de sociabilidade virtual; 2) apreender repertórios sobre feminilidades e masculinidades nestes espaços; e 3) investigar motivações, argumentos, resistências e demandas por visibilidade política neste contexto. Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que, em alguma medida, a bissexualidade pode ser compreendida como uma posição crítica das relações binárias de sexo e de orientação sexual. Do ponto de vista da contextualização do problema, destacamos a sua pouca visibilidade, tanto na academia (na medida em que há poucos estudos sobre o assunto) como nos movimentos sociais (em cujos debates e proposições, o tema também é pouco explorado). Essa invisibilidade também se inscreve na vida cotidiana, em que o tema é raramente abordado e poucos/as são aqueles que verbalizam essa experiência e/ou “assumem” essa identidade ou orientação sexual. O marco teórico em psicologia social que orienta as leituras deste trabalho se baseia no construcionismo social, que compreende linguagem como ação, e na noção de sexualidade como performatividade. Com vistas a localizar material discursivo que possibilitasse a identificação de repertórios discursivos sobre bissexualidade, foi produzido um levantamento em site de busca aberta, a partir da expressão “bissexualidade feminina”, e o primeiro site identificado (e possivelmente o mais acessado por aqueles que buscam dialogar sobre o assunto, em língua portuguesa), foi o “BlogSouBi.com”. Este blog apresenta um total de 5.655 páginas (conforme consulta realizada em 24/01/2015, via site urlMétrica: <http://urlm.com.br>). Considerando os objetivos de nossa pesquisa, bem como a natureza, o conteúdo e o volume do material disponível neste blog, optamos pela análise das produções discursivas disponíveis da Sessão “Bissexualidade feminina”, que inclui um total de 134 postagem, distribuídas em 14 páginas, sendo a mais recente datada de 25 de outubro de 2014 e a mais antiga de 15 de julho de 2011. A análise do material foi orientada pela construção de quadros e mapas, conforme orientam Spink e Lima (1999), considerando permanências e rupturas de conteúdos. Foram identificados repertórios sobre bissexualidade feminina que vão desde a reafirmação da heteronormatividade de relacionamentos e “modos de ser” até a influência cultural nos microespaços de aceitação e do ato de “assumir-se”. Nossas análises sugerem um olhar crítico, articulando com possibilidade de novos estudos e novos campos de produção política em que a bissexualidade possa transitar entre a afirmação identitária (politicamente estratégica e portanto parcial, precária e provisória) e o questionamento da identidade como forma de construção/regulação de si. Este debate, certamente, pode contribuir para os movimentos contemporâneos de defesa de direitos humanos, especialmente, os direitos sexuais.

Palavras-chave: bissexualidade feminina, LGTB, produção de sentidos, repertórios discursivos, mídia.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the production of meanings about female bisexuality in virtual communication contexts. As specific objectives we will: 1) learn about bisexuality repertoires circulating in virtual sociability spaces; 2) learn about femininity and masculinity repertoires in such spaces; and 3) investigate motivations, arguments, resistance and demands for political visibility in this context. In this research, we assume that, to some extent, bisexuality can be understood as a critical position of the binary relations of sex and sexual orientation. From the point of view of contextualization of the issue, we highlight its poor visibility, both in academia (insofar as there are few studies on the subject) and in social movements (in which debates and propositions, the theme is also little explored). This invisibility is also present in everyday life, in which the topic is rarely addressed and few are those who verbalize the experience and/or "assume" this identity or sexual orientation. The theoretical basis on social psychology that guides the reading of this work is based on social constructionism, that understands language as action, and on the notion of sexuality as performativity. In order to locate the discursive material that enabled the identification of discursive repertoires about bisexuality, a search was made in an open search engine website for the keyword "female bisexuality", and the first site identified (and possibly the most accessed one by those seeking dialog on the subject, in Portuguese), was the "BlogSouBi.com". This blog features a total of 5,655 pages (according to consultation made on 01/24/2015, via urlMétrica site: <http://urlm.com.br>). Considering the objectives of this research, as well as the nature, content and the volume of the material available on this blog, we chose to analyze the discursive production available in the Session "Female Bisexuality", which includes a total of 134 posts, distributed among 14 pages, being the most recent dated October 25, 2014 and the oldest from July 15, 2011. The material analysis was guided by the construction of tables and maps as proposed by Spink and Lima (1999), considering content stays and breaks. It were identified repertoires about female bisexuality ranging from the reaffirmation of heteronormativity of relationships and "modes of being" to the cultural influence in the micro-spaces of acceptance and of the act of "be assumed". Our analysis suggest a critical look coordinated with the possibility of new studies and new policy production fields in which bisexuality can transit between the identity affirmation (politically strategic and therefore partial, precarious and temporary) and the questioning of identity as a way of construction/regulation of the self. This debate can certainly contribute to contemporary movements of defense of human rights, especially the sexual rights.

Keywords: female bisexuality, LGBT production of meaning , discursive repertoires, media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, QUADROS E GRÁFICOS

| | |
|---|-----------|
| Figura 1: Fotografia do “laguinho” da UFPE | 61 |
| Figura 2: Distribuição percentual dos participantes da 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco (2006) segundo sexo..... | 63 |
| Figura 3: Distribuição percentual dos participantes da 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco (2006) segundo sexualidades agregadas..... | 64 |
| Figura 4: Imagem da tela inicial do Blog “SouBi” (02/03/2015)..... | 68 |
| Figura 5: Imagem do chat (em destaque) do Blog “SouBi” | 72 |
| Figura 6: Marcadores de análise | 76 |
| Figura 7. Categorização das nomeações atribuídas à bissexualidade nas postagens do blog “SouBi” | 82 |
| | |
| Quadro 1: Quadro de organização das informações dos textos disponíveis no site, em função de marcadores de análise.. | 75 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLAM- Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos

DST- Doenças Sexualmente Transmissíveis

GEMA - Grupo de Pesquisa em Gênero e Masculinidade

HIV - Human Immunodeficiency Virus

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

SUS - Sistema Único de Saúde

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 1.1. Objetivos | 19 |
| 1.2. Estrutura da dissertação | 19 |
| 2. CONTEXTUALIZANDO A BISSEXUALIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO | 21 |
| 2.1. Influências do discurso biomédico e do hermafroditismo | 29 |
| 2.2. Freud, a Psicanálise e a bissexualidade originária | 33 |
| 2.3. Movimento LGBT e a inserção bissexual | 37 |
| 2.4. Desafios, limites e (im)possibilidades da identidade | 42 |
| 3. REPERTÓRIOS COMO DISPOSITIVOS DE PESQUISA SOBRE PRODUÇÃO DE SENTIDOS | 47 |
| 3.1. A mídia enquanto prática discursiva | 54 |
| 4. PERCURSO METODOLÓGICO ENTRE TRILHAS AMBIVALENTES E REORIENTAÇÕES | 56 |
| 4.1. Encontros e desencontros no campo e com as mulheres Bi | 62 |
| 4.2. Caminhando por espaços virtuais | 68 |
| 4.3. Cuidados éticos | 74 |
| 4.4. Estratégias de análises | 75 |
| 5. REAFIRMANDO E/OU REPENSANDO A BISSEXUALIDADE FEMININA | 76 |
| 5.1. Ideias centrais e gênero discursivo | 78 |
| 5.2. Nomeações | 83 |
| 5.2.1. <i>Termos associados a um entendimento da bissexualidade como jogo, brincadeira ou fantasia.</i> | 83 |
| 5.2.2. <i>O desejo e as práticas bissexuais como promíscuas</i> | 85 |
| 5.2.3. <i>Bissexualidade como indecisão.</i> | 86 |
| 5.2.4. <i>Possibilidade de gostar de ambos os sexos.</i> | 87 |
| 5.2.5. <i>É melhor não usar rótulos</i> | 88 |
| 5.3. Origem da bissexualidade | 88 |
| 5.3.1. <i>Nascemos bissexuais</i> | 89 |
| 5.3.2. <i>Influências sociais do torna-se/ descobrir-se bissexual.</i> | 90 |
| 5.4. Práticas que definem a bissexualidade | 91 |
| 5.4.1. <i>Experiência bissexual como transitória para o exercício e definição da heterossexualidade</i> | 92 |
| 5.4.2. <i>Repressão do desejo</i> | 94 |
| 5.4.3. <i>Relação á três.</i> | 95 |
| 5.4.4. <i>Ter que escolher entre homens e mulheres</i> | 97 |
| 5.5. Características de bissexuais | 98 |

| | |
|---|------------|
| 5.6. Demandas públicas que favoreciam direitos dos bissexuais | 102 |
| <i>5.6.1. Denúncia de preconceitos sofridos por bissexuais</i> | <i>103</i> |
| <i>5.6.2. Visibilidade como estratégia de produção de felicidade</i> | <i>104</i> |
| <i>5.6.3. Necessidade de espaços de sociabilidade e produção cultural “bi” ..</i> | <i>106</i> |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 109 |
| REFERÊNCIAS | 114 |
| APÊNDICE | 118 |

1. INTRODUÇÃO

A motivação para realização deste trabalho – que talvez não justifique, mas permita a visibilidade das primeiras linhas que deram origem a este estudo – surgiu a partir de inquietações pessoais e acadêmicas em conversas e discussões sobre sexualidade.

Do ponto da minha formação acadêmica, durante a graduação em psicologia, fiz parte de um projeto de pesquisa sobre direitos sexuais e reprodutivos com adolescentes mulheres, atendidas por equipe de saúde da família, em Petrolina, cidade do interior de Pernambuco. Nesse projeto, pude iniciar aproximações ao campo de estudos sobre gênero e sexualidade, especialmente no âmbito da saúde.

As leituras desenvolvidas no curso do desenvolvimento deste projeto e as discussões com a equipe alimentaram questionamentos sobre desigualdades de gênero que atravessam dimensões de nossa vida cotidiana. Naquele momento, evidentemente, percebia progressivos deslocamentos no modo como eu mesma percebia e respondia a questões sobre normas e padrões de gênero e sexualidade.

As inquietações ¹mobilizadas neste período resultaram em minha busca pela realização do mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco, mais especificamente na linha de pesquisa sobre processos psicossociais, poder e práticas coletivas.

A bissexualidade, em particular, surge como objeto de estudo não apenas pelo interesse pessoal no tema, mas como uma estratégia de estudo, com vistas a problematizar a construção e naturalização de categorias de

¹ Cheguei a pensar que terminaria essa dissertação com as inquietações resolvidas, mas percebo o quanto é necessário o processo de sempre se mobilizar e, a partir disso, continuar construindo conhecimento de forma coletiva.

sexo-gênero-sexualidade, que, em geral, atualizam-se na retificação de posições identitárias no campo das relações de gênero e sexualidade.

De forma simplificada, percebo que a bissexualidade, quando colocada em pauta em rodas de conversas ou mesmo em reuniões de ativistas no campo dos direitos sexuais, ou ainda em debates acadêmicos sobre o tema, sempre aparece associada a certa desconfiança ou pouca credibilidade. Expressões como “em cima do muro” (aludindo a certa condição de incerteza), “não se descobriu ainda” (condição provisória) ou mesmo um lacônico e debochado “Hum, sei!” (ironia alertando desconfiança frente à possível dissimulação da homossexualidade) são correntemente acionadas, delimitando-se uma pressuposta e inequívoca di-visão entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Quando postulada (seja como experiência, condição, ou identidade), há também, por vezes, uma associação da bissexualidade à bigamia, traição ou promiscuidade, compreendendo esta como uma prática sexual com pessoas do mesmo sexo e sexo oposto, simultaneamente.

Tais construções, a partir de uma leitura sobre gênero e sexualidade², precisam ser colocadas para, de fato, produzirmos uma leitura mais complexa das vivências e expressões da sexualidade, em sua dimensão plural, para além das dicotomias ou regulações identitárias.

Nesse trabalho, partimos do pressuposto que bissexualidade pode ser compreendida como uma posição questionadora das relações binárias de sexo e de orientação sexual. Ao mesmo tempo, enfatizamos a invisibilidade das experiências e das demandas e necessidades de pessoas que adotam a bissexualidade como identidade ou posicionamento identitário em suas vidas.

Neste cenário, as mulheres bissexuais parecem ocupar uma posição de invisibilidade particular. Segundo estudo realizado na 9ª parada do orgulho GLBT de São Paulo e publicado por Sérgio Carrara, Silvia Ramos, Julio Simões

² Ao longo do texto as questões relacionadas a gênero e sexualidade serão situadas.

e Regina Facchini (2005), as mulheres bissexuais que responderam às entrevistas realizadas naquele ano são as que afirmaram ter dificuldades em “assumir” sua sexualidade ou orientação sexual em qualquer círculo de sociabilidade (85,1%).

Do ponto de vista da produção científica, na revisão da literatura que realizamos sobre Bissexualidade, é evidente a escassez de publicações no Brasil como um todo, especialmente na região Nordeste. Tiago Corrêa, em sua dissertação de mestrado (2012), apresenta uma vasta produção no eixo sudeste da história do movimento de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (LGBT). Este autor afirma que, de fato, há pouca produção que relate as experiências (sejam vivências ou ações políticas mais amplas) de pessoas que residem nesta região, o que não significa necessariamente que não houvesse ali articulações e movimentos políticos, mas com pouca visibilidade e referência nacional.

Assim, mobilizados pela invisibilidade do tema, desenvolvemos a pergunta de pesquisa e o método desta dissertação que visava sobretudo dialogar com as pessoas: tanto aquelas que se reconheciam como bissexuais como aquelas que atuavam na militância política pernambucana para dar visibilidade à “causa bi”.

Neste exercício de pensar os caminhos da pesquisa, não nos propúnhamos apenas a “ouvir sua voz”, como se costuma dizer em pesquisas de orientação qualitativa, mas sobretudo dialogar com essas pessoas, possibilitando a co-construção de sentidos, numa processo descrito por Mary Jane Spink e Benedito Medrado (1999) como “interanimação” dialógica.

Porém, como apresentado ao longo deste texto, as dificuldades iniciais exigiram reflexões sobre tais limitações e investimentos na elaboração de reorientações e produção de estratégias alternativas.

Neste sentido, o acesso a conteúdos na internet foi fundamental para construir tanto o campo/método como o desenho dos caminhos de análise. Ao longo do processo de dissertação, enquanto tentava, sem sucesso identificar

mulheres que se disponibilizassem a participar de entrevistas, tivemos acesso, por ocasião da divulgação do “Dia Internacional da Visibilidade Bissexual” (23 de setembro), a algumas páginas do *Facebook* que publicaram comentários alusivos ao tema, como por exemplo, a página “*Moça, você é machista*” que postou

Não estou confusa. Não estou passando por uma fase. Não estou experimentando. Não sou meio gay meio hetero. Não sou gananciosa. Não estou mentindo. Não preciso me decidir. Não estou tentando ser legal. Estou segura. Não estou dizendo que todos são, mas EU SOU BISSEXUAL.

Este “post” gerou repercussões e comentários diversos. Havia aqueles que apoiam integralmente e se identificam com a “causa” bissexual:

Adoreeeeeei... Como eu queria poder compartilhar. Todos somos bissexuais. Isso acontece até com os animais, fêmeas com fêmeas e machos com machos. Isso é normal. O foda é que pessoas tem a mente muito fechada e pejorativa. Não entendem isso. São burras. O dia do: Ninguém me entende, mas sou assim.

Houve também outros que afirmaram discordar da ideia de uma “condição bissexual”:

*Sempre irei pensar que a bissexualidade é falta de personalidade;
O difícil de ser bissexual é que você tem o dobro de chances de ser traído, pervertidos;
Ainda penso que para quem se percebe enquanto bissexual, a tendência é que o sujeito evolua para uma orientação homo.*

A densidade de comentários desse tipo fez-nos questionar sobre como a diversidade sexual está sendo discutida em contextos virtuais. Parece que ainda continuamos na concepção binária (homem e mulher; homossexual e heterossexual; preto e branco; rico e pobre), excluindo-se toda sorte de possibilidades de experiências. Parece ainda haver uma tendência, irrefletida, a fragmentar e enquadrar o mundo e as pessoas, a partir de uma lógica

dicotômica. O cenário da internet constitui-se, assim, num cenário privilegiado de possibilidades de análise sobre bissexualidade, além de outras possibilidades de produção discursiva.

Assim, após muitas idas e vindas, nas tentativas fracassadas de dialogar diretamente com as pessoas, optamos por trabalhar com o material localizado na internet, especificamente as postagens de um site voltado para o tema da bissexualidade (BlogSouBi). Esse blog foi encontrado quando procurávamos referências sobre bissexualidade feminina em um site de busca popular (*Google*), dada a dificuldade de encontrar produções em base de dados especializada.

É importante frisar que nossa leitura parte do construcionismo social que, segundo Conceição Nogueira (2001), entende a produção de conhecimento a partir das interações e práticas sociais entre as pessoas. Assim, compreendendo o fazer científico como uma prática social, situada e contingencial, acreditamos que os percalços iniciais se configuraram menos como limitações e mais como alertas e indicações sobre visibilidade/invisibilidade para construção do campo-tema desta pesquisa.

Assim, a bissexualidade é aqui estudada a partir de repertórios que circulam em contextos de interação virtual, tendo como base as leituras construcionistas sobre gênero, sujeito e identidade.

Esta proposta foge da lógica de responder o que é ou o que causa a bissexualidade, mas de saber de que forma nomeia-se e narram-se experiências relativas ao exercício da bissexualidade ou construção identitária bissexual.

Na tentativa de alcançar nossos objetivos, adotamos como pergunta mobilizadora: em que a identidade é suficientemente útil para o debate da bissexualidade? A partir desta pergunta, construímos nossa pesquisa tendo os seguintes objetivos:

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo geral: analisar a produção de sentidos sobre bissexualidade feminina em contextos de comunicação virtual.

1.1.2. Objetivos específicos:

- apreender repertórios sobre bissexualidade feminina que circulam em espaços de sociabilidade virtual;
- apreender repertórios sobre feminilidades e masculinidades nestes espaços;
- investigar motivações, argumentos, resistências e demandas por visibilidade política neste contexto.

1.2. Estrutura da dissertação

Essa dissertação está dividida em seis capítulos. O primeiro, correspondente à introdução, é este no qual apresentamos o percurso que deu origem à construção do objeto e objetivos da pesquisa. O segundo capítulo, intitulado “contextualizando a bissexualidade como objeto de estudo”, diz respeito ao exercício de revisão bibliográfica, que objetivou abarcar os usos e desusos do conceito da bissexualidade, que inclui desde leituras que se aproximam da mitologia grega até as abordagens mais recentes que abordam os limites da identidade bissexual dentro do movimento LGBT.

No capítulo três, intitulado “Repertórios como dispositivo de pesquisa sobre produção de sentidos”, propomos uma leitura sobre o conceito de repertório discursivo a partir de uma perspectiva construcionista e sua relevância e utilidade para o estudo das práticas discursivas.

No capítulo quatro, apresentando o percurso metodológico de nossa pesquisa, a partir daquilo que nomeamos de “trilhas ambivalentes”. Neste capítulo, falamos sobre os caminhos (nem sempre lineares e fáceis) que essa dissertação produziu, desde a escolha por entrevistas, passando pela falta de acesso à mulheres bissexuais até a escolha da análise.

No capítulo cinco, encontram-se os resultados que construímos a partir da análise dos 134 textos (ou *posts*) publicados do BlogSouBi. Por fim, o capítulo seis é dedicado a lançar um olhar crítico às dificuldades de estudar o tema da bissexualidade, articulando com possibilidade de novos estudos e novos campos de produção política em que a bissexualidade possa transitar entre a afirmação identitária (politicamente estratégica e portanto parcial, precária e provisória) e o questionamento da identidade como forma de construção/regulação de si. Este debate, certamente, pode contribuir para os movimentos contemporâneos de defesa de direitos humanos, especialmente, os direitos sexuais.

2. CONTEXTUALIZANDO A BISSEXUALIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO

*Eu tô te explicando pra te confundir,
Eu tô te confundindo pra te esclarecer,
Tô iluminando pra poder cegar,
Tô ficando cego pra poder guiar.
“Tô”, Tom Zé*

O objetivo desse capítulo é fazer um percurso histórico (não necessariamente linear) das construções discursivas sobre a bissexualidade, e por vezes sobre o sujeito bissexual, encontrados na literatura, tensionando as teorizações, os usos, desusos, evidências e rastros e sombras dessa categoria até os usos atuais. Tal posicionamento parte da proposta que

as considerações sobre essas construções cultural e historicamente específicas da sexualidade nos ajudarão a desconstruir as invenções recentes, mas já naturalizadas, do/a bissexual como sujeito e da bissexualidade como uma identidade. (LEWIS, 2012, p.25)

O tema de bissexualidade sempre está em voga, seja com sites de fofocas com notícias sobre famosos que se assumem bissexuais ou em textos, acadêmicos ou não, sobre sexualidade, identidade ou movimento LGBT. Mas na busca por textos científicos sobre o tema, encontramos uma grande lacuna, principalmente na área da psicologia.

Após definir o objeto e o problema de pesquisa, para melhor situar nosso projeto de frente à produção acadêmica existente, decidimos realizar uma procura (via internet e por meio de diferentes estratégias) de textos sobre o assunto, de modo a situar melhor nossa pergunta de pesquisa. Esse esforço da pesquisa bibliográfica exigiu, além de muita paciência, uma organização e hierarquização de assuntos e temas relevantes para nosso estudo.

Nossa pesquisa inicial foi realizada a partir do Google acadêmico (base de dados da Plataforma Google que reúne publicações de natureza acadêmica), na qual tive uma primeira aproximação, ainda que superficial,

desta produção. Para realizar a busca, primeiramente, experimentei palavras “soltas” (como, por exemplo, bissexualidade; comportamento sexual; movimentos sociais e LGBT) na tentativa de encontrar resultados mais amplos e, a partir da leitura dos títulos, identificar as produções específicas, mais diretamente associadas ao nosso trabalho.

Nesta busca inicial, identificamos diversas referências que poderíamos organizar, em linhas gerais, em três grandes eixos: 1) a prática sexual com pessoas de ambos os sexos, a partir da perspectiva da saúde; 2) o recorte da bissexualidade masculina e 3) a leitura da psicanálise sobre a “bissexualidade primária”.

Após essa primeira busca, optamos por fazer um levantamento em base de dados mais formal: a Scientific Electronic Library Online (SciELO) que cataloga (a partir de critérios mais rígidos) e disponibiliza artigos publicados em periódicos científicos. Inserindo “bissexualidade” como assunto, identificamos 10 artigos. Os resultados não diferenciaram muito do havia identificado no Google Acadêmico. Fizemos uma nova tentativa, utilizando “movimento LGBT” como assunto. A partir da leitura dos títulos das obras identificadas, localizamos nove artigos. Por fim usei “direitos sexuais e mulheres” e surgiram 32 artigos, mas nenhum sobre o recorte de mulheres bissexuais.

A busca também foi feita na base de dados de *periódicos da CAPES*. Esta é mais organizada e suas ferramentas de busca são mais precisas. Por exemplo, quando inserimos “bissexualidade” como tema, depois do primeiro filtro, o site permitiu um segundo filtro, colocando outros temas que poderiam fazer parte do nosso interesse. Com o filtro “bissexualidade”, foram encontrados 31 artigos, porém alguns já tinham sido encontrados no SCIELO e na própria lista apareciam artigos repetidos. De uma forma geral, o resultado foi muito parecido aos encontrados no SCIELO e Google acadêmico, com a diferença de ter aparecido duas biografias: a de Alexandre, o Grande e a de Paulo Freire, ambas referidas a bissexuais.

A partir desse momento de busca em bases de dados, fizemos uma divisão mais ampla dos artigos de acordo com seus temas: saúde (que inclui HIV/AIDS); psicanálise; identidade e movimento social; socialização da sexualidade e direitos sexuais. Em linhas gerais, a leitura dessas publicações nos mostrou caminhos, escolhas, questões que orientaram outros estudos e, assim, ajudaram-nos a pensar melhor o desenho metodológico de nosso projeto e a própria pergunta de pesquisa.

Um exemplo interessante a ser citado é o trabalho *“Diferenças nas situações de risco para HIV de homens bissexuais em suas relações com homens e mulheres.”* de Marília Greco *et al.*, publicado na Revista de Saúde Pública em 2007, em que diz claramente que estuda comportamento sexual de homens bissexuais e não toma a dimensão do desejo ou identidade sexual, já que o seu foco é nos comportamentos de risco para HIV. Aqui nos questionamos: essa divisão entre desejo/identidade por um lado e comportamento sexual, por outro, é tão clara e possível como pretende a autora? De forma bem simples, há essa divisão em vários textos lidos para essa dissertação e até mesmo em discursos de pessoas do meu cotidiano, como por exemplo, “ele é só um homem hetero que come viado”.

Enfim, esses primeiros trabalhos, apesar de terem sua relevância na construção do conhecimento, não nos interessou diretamente, pois trazem a bissexualidade numa perspectiva diferente da que estamos propondo nesse trabalho, a saber, aquela que privilegia as produções discursivas como construção psicossocial, dando um enfoque maior nas discussões de sexualidade.

Contudo, neste primeiro exercício, identificamos uma obra que nos pareceu relevante para pensar, de modo mais amplo a questão da bissexualidade como uma questão social. Herdt e Boxer (1994) apresentam quatro dimensões da bissexualidade: 1) a bissexualidade biológica, “descoberta” no século XIX que define a atração pelos dois sexos como inata (Freud, 1905; Money, 1987); 2) a bissexualidade psicológica que corresponde

às estruturas, dinâmicas e funções psicológicas da atração pelos dois sexos; 3) a bissexualidade comportamental entendida como relações sexuais com ambos os sexos em forma de comportamento interpessoal; e por fim 4) a bissexualidade cultural que aponta para valores e padrões morais, historicamente situados, que podem promover ou estigmatizar a prática e a identidade bissexual. Acreditamos que uma leitura mais complexa da bissexualidade deveria explorar essas quatro dimensões, ainda que, do nosso ponto de vista, uma leitura histórico-cultural sobre a bissexualidade constitui a base a partir da qual podemos compreender as demais dimensões.

Vale ressaltar que além desse exercício de busca nos bancos de dados, visitamos também o Currículo Lattes de alguns pesquisadores que produziram, de alguma forma, sobre o tema bissexualidade, referidos por informantes privilegiados ou pela bibliografia originalmente identificada. Um desses pesquisadores foi o Fernando Seffner, que fez um recorte de bissexualidade masculina, a partir de uma pesquisa mais relacionada ao tema do HIV/Aids e ao debate sobre homens e masculinidades.

Em sua tese de doutorado, intitulada *“Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual”* (2003), Fernando opta pelo termo bissexualidades (no plural) argumentando que não há uma única verdade sobre o que é ser um homem bissexual. Além de aborda o processo de construção de conhecimento sobre esses homens.

Fernando cria uma rede interessante para encontrar esses homens, ele a chamou de Rede-Bis Brasil. Um projeto desenvolvido a partir do financiamento do Fundo de Capacitação e Desenvolvimento de Projetos da MacArthur Foundation, entre 1995/2000. Esse tipo de financiamento tem uma função de dupla tarefa.

Por um lado, buscam a produção de conhecimento científico, envolvendo intensa atividade de pesquisa, o que exige do bolsista leitura, estudo, discussão, montagem e aplicação[...]. Por outro, buscam uma intervenção social, visando criar estratégias originais [...] de transformação da realidade

pesquisada, no sentido de se alcançar patamares mais elevados de cidadania e qualidade de vida da população envolvida.[...] Estimula-se também uma relação com a mídia, que visa assegurar que os êxitos e/ou fracassos da experiência de organização social, bem como os principais resultados da pesquisa, se tornem acessíveis ao grande público, configurando aqui também uma modalidade de intervenção social e discussão coletiva.(SEFFNER, 2003, p.21)

Acho interessante contextualizar essa pesquisa porque, para os nossos olhos, foi um estudo diferenciado, que não estava apenas propondo uma pesquisa tradicional, ou seja, entrevistar com o objetivo de construção de conhecimento. Mas o tempo todo do seu doutorado, Fernando teve também como proposta uma intervenção social e um diálogo com a mídia para divulgar essa pesquisa.

Essa Rede Bis foi montada inicialmente com 500 pessoas, entre “homens auto intitulados bissexuais, algumas mulheres, alguns casais e alguns homens homossexuais que buscavam relações com homens bissexuais.” (SEFFNER, 2003, p.33). Porém, apenas 305 ficaram como correspondentes ativos e dentro deles, foram entrevistados 21 homens bissexuais. Para haver a comunicação criou-se uma caixa postal para troca de cartas e a confecção de

quinze edições regulares do boletim Frente&Verso, com uma periodicidade que variou entre três e cinco meses. Foram também editados quatro números especiais do boletim, destinados exclusivamente à publicação de anúncios de homens que desejavam encontrar parceiros ou parceiras. O total de anúncios classificados publicados chegou próximo de 400, havendo homens que se anunciaram mais de uma vez, com textos diferentes, inclusive manifestando preferências sexuais diversas. (SEFFNER, 2003, p.33)

Após quase três anos em contato intenso com os informantes da Rede Bis e construindo saberes, Seffner considerou quatro grandes representações sobre a bissexualidade masculina: 1) a masculinidade bissexual como indefinição, ambiguidade e falta de decisão, que causa sofrimento e conflito;

2) a masculinidade bissexual como uma masculinidade intensificada, sacana, tendente ao sexo mais intenso do que o habitual e que se justificaria a acusação de que os homens bissexuais seriam os “transmissores da aids para mulheres casadas, pois o discurso da intensidade e da sacanagem está próximo daquele da promiscuidade, acusação frequente contra homens bissexuais, bem como homossexuais” (p.210); 3) aquela que aproxima a masculinidade bissexual com o sexo do futuro, e coloca então os homens que a praticam hoje como mais adiantados do que os outros homens; e finalmente 4) aquela que explica a masculinidade bissexual como um prolongamento quase natural da verdadeira amizade masculina, uma amizade que fala de troca afetiva e eventualmente erótica entre homens, sem com isso comprometer o estatuto da masculinidade. (SEFFNER, 2003)

Ainda sobre a tese de Fernando, pudemos notar a importância dessa pesquisa não só no sentido de contribuir para dar uma maior visibilidade aos homens bissexuais, mas também nos ajudou a problematizar as construções discursivas que poderiam surgir das mulheres bissexuais. Além disso, foram referidos alguns trabalhos sobre a participação social dos homens bissexuais e como eles são reconhecidos também pela mídia e foram apontando fatores como falta de locais de encontro de homens bissexuais, falta de reconhecimento do sujeito bissexual por algum atributo visível, escassez de jornais, boletins e revistas dirigidos a este público etc. (SEFFNER, 2003).

A leitura de textos da Regina Facchini proporcionou também contribuições especiais no desenho deste projeto, especialmente no tocante ao lugar da bissexualidade na história de luta do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, no Brasil. Em seu livro “*Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*”, Facchini (2005) se debruça sobre a discussão de identidade, questionando sobre o porquê da necessidade de adotarmos como referência uma identidade coletiva para os movimentos sociais LGBT, na medida em que, segundo ela, essas identidades parecem não apenas ser “necessárias para uma

ação coletiva bem sucedida, mas aparecem, geralmente, como um fim em si mesmas.” (p. 29).

Certamente, não há como falar sobre visibilidade pública de identidades sexuais sem falar sobre os movimentos sociais que se constituíram a partir dessa proposta. Facchini (2005) nos narra uma história desse movimento social, que, segundo ela, teve início, no Brasil, a partir da década de 1970, com ricas discussões e publicações sobre o Movimento Gay³. Essa história inclui desde a fundação do grupo Somos em São Paulo, até a institucionalização da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Como diz a autora, até chegar à sigla GLBT, em 1999, houve uma “proliferação de categorias e/ou denominações que a expressão ‘sopa de letrinha’ tende a sugerir” (p.21).

Chama-nos a atenção nessa literatura a pouca visibilidade da história e das demandas da população que se define como bissexual.

Nesse processo de revisão, além dos textos identificados a partir de revisão formal das ferramentas de busca, o diálogo com outros pesquisadores nos ajudaram a encontrar novas referências, como foi em relação à descoberta do livro de Marjorie Gabele intitulado “*Vice Versa: Bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana*” a partir da indicação de uma colega de sala do mestrado. A leitura deste livro nos ajudou tanto na construção desse capítulo de contextualização da bissexualidade, como também na visualização dos entraves do tema da sexualidade ao longo da história.

Usaremos também, ao longo dessa dissertação, as visitas a bases de dados disponíveis on-line, de redes e instituições que se dedicam ao campo de estudos em sexualidade, tais como o site do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) que contém uma diversidade de textos relativos aos direitos sexuais e reprodutivos, bem como sites de

³ Esse tema dos movimentos sociais será retomado mais adiante quando formos falar dos usos estratégicos das identidades dentro do movimento LGBT.

entidades e redes que atuam na promoção dos direitos sexuais tais como o Fórum LGBT de Pernambuco. Esses últimos podem não ter artigos classificados como científicos, mas, para esta pesquisa, é relevante acompanhar discussões e atualizações com o objetivo de comprovar ou desfazer posicionamentos sobre o tema.

Outra fonte “não tão formal” de busca foi a minha participação, em 2013, em Florianópolis, do Fazendo Gênero 10, um encontro internacional que reúne cerca de 4.500 estudiosos (as) de diferentes lugares que se dedicam a esse campo. Na Programação constavam apenas dois trabalhos em cujo título figura o termo “bissexualidade”: um mais amplo (O panorama heteronormativo sobre a velhice e a literatura que entrelaça homossexualidade, bissexualidade, transgêneros e envelhecimento, de Carlos Eduardo Henning) e outro, de fato, mais especificamente relacionado ao tema da bissexualidade (Eu SOU bissexual, não é eu ESTOU: estratégias discursivas usadas por ativistas LGBT bissexuais para performar a bissexualidade e combater discriminações, de Elizabeth Sara Lewis).

Esse último foi, sem dúvidas, de grande importância por ser mais próximo que do que procuro investigar, principalmente por ser um trabalho com mulheres bissexuais. A escolha de Elizabeth em trabalhar com mulheres se diferencia da minha, pois ela chegou a procurar homens bissexuais dentro do movimento, porém só encontrou mulheres. Outra diferença é que ela trabalhou diretamente dentro do Grupo Arco-Íris, um grupo de ativismo e conscientização LGBT do Rio de Janeiro.

A partir das leituras encontradas sobre bissexualidade (HERDT & BOXER, 1994; SEFFNER, 2003 e Lewis, 2012) e, na tentativa de propor uma “conceituação que possibilitasse fissuras”, ou seja, não apenas uma descrição da bissexualidade, mas um exercício de visibilizar as multiplicidades das experiências do que convencionam-se como bissexuais, propusemos uma divisão de três momentos onde essa palavra é enunciada de formas diferentes: 1) Influências do discurso biomédico e do hermafroditismo; 2)

Freud, a psicanálise e a bissexualidade originária e 3) movimento LGBT e a inserção bissexual. Essa proposta de divisão será exposta ao longo desse capítulo. Além dessas divisões, propomos uma discussão sobre os desafios e (impossibilidades) da identidade, levando em consideração o contexto social atual e os estudos da Teoria *Queer*.

Como acreditamos que o processo de revisão é um processo que não se acaba e que em vários momentos outros olhares e leituras poderiam ser incorporados ao texto, não posso deixar de citar dois “achados” quase que no processo de finalização da escrita. O primeiro deles foi o livro “*Bisexualidad: un estudio.*”, de WOLL (1978), encontrado por meu orientador em seu pós doutorado na Espanha. Apesar de achar que seria uma referência antiga e que não poderia me ajudar tanto, esse foi um livro que contribui para contextualizar historicamente a bissexualidade especialmente porque foi escrito em uma época onde os estudos da psicanálise e primeiras ideias feministas estavam em pleno vapor.

E por fim, depois de ter finalizado as entrevistas e iniciado a produção do texto da dissertação, resolvemos fazer uma nova busca com o objetivo, a principio, de pensar um novo título para o trabalho. Nesse momento, mudamos as palavras chaves para “bissexualidade feminina” e, apesar de não encontrar nenhum texto acadêmico, encontramos um blog escrito por uma mulher para falar sobre temas relacionados à bissexualidade feminina.

2.1. Influências do discurso biomédico e do hermafroditismo

É interessante notar que toda a produção que identificamos no nosso levantamento bibliográfico sobre bissexualidade foi marcada pela divisão binária entre masculino e feminino e a influência, ou até mesmo a confusão, entre os saberes da biologia e as práticas sexuais, como se uma coisa dependesse da outra. Antes de falar diretamente do discurso biomédico e o hermafroditismo, vale ressaltar que esse momento histórico se caracteriza

pela compreensão da bissexualidade a partir de dois sexos, ou seja, homem e mulher, macho e fêmea. A discussão de práticas e desejos bissexuais é uma problemática mais recente.

Segundo Lewis (2012, p.25), ao longo das diferentes significações da palavra bissexual, as principais mudanças passam “de uma combinação de anatomia masculina e feminina, a uma suposta combinação psíquica de masculinidade e feminilidade, e a uma suposta combinação de heterossexualidade e homossexualidade.”.

Segundo Wolff (1978), a bissexualidade está presente desde o início da história da humanidade. As primeiras lendas sobre a androgenia ou hermafrodita surgem no Oriente Médio, mas a mitologia grega utiliza essa ideia na lenda de Hermafrodite que “era um homem jovem, filho Hermes e Afrodite, metade homem, metade mulher.” (p.09, tradução nossa).

Apesar de Wolff falar em androgenia⁴ e hermafrodita como sinônimos, Marjorie Garber (1997) faz uma diferenciação bem interessante entre esses termos. Enquanto o hermafrodita

apresenta ao mesmo tempo as insígnias da masculinidade e da feminilidade: figuras hermafroditas na estatuária clássica costumam mostrar ao mesmo tempo seios femininos e um pênis. O andrógino é mais comumente caracterizado como indistintamente masculino e feminino; com as pessoas andróginas você não consegue dizer, [...] se são homens ou mulheres. (GARBER, 1997, p.234)

O momento histórico nos faz pensar que o uso do hermafrodita como forma de uma natureza bissexual (modelo original de ser humano) é positivado no sentido de explicar situações até então antes incompreendidas, como em casos clínicos da psicanálise. Essa visão deixou seu legado durante

⁴ Nesse livro, Garber faz uma leitura muito interessante sobre a androgenia, o que eu chamo de uma androgenia social, nos anos 1930, onde o movimento feminista usa desse conceito para problematizar “os homens com jeito feminino”. Essa discussão, apesar de ser muito interessante, talvez não seja abordada nessa dissertação.

muito tempo e influenciou nos efeitos e usos da medicina e psicologia para “compreensão de certos fenômenos biológicos e médicos.” (WOLFF, 1978, p.09, tradução nossa). Nesse sentido, a impressão que ficamos é que ainda não há uma divisão clara entre práticas e desejos sexuais, mas sim uma tentativa de explicar algo que não era acessível na época. Ou seja, as significações feitas em relação à bissexualidade não falavam sobre uma orientação sexual como entendemos hoje, mas sim sobre casos da medicina que não havia explicação.

Essa forma de pensar muito influenciou nos estudos da psicanálise, que serão abordados no próximo tópico, mas também foi usado como argumento para explicar “distúrbios” de saúde que não necessariamente estão ligados ao sexo, como é o caso das pessoas ambidestras. No seu livro, Wolff fala de pesquisadores que usavam da bissexualidade como argumento para explicar e classificar, nesse período, tal comportamento como anomalia.

Já na história da Grécia Antiga, podemos visualizar algo de diferente. Segundo Lewis (2012, p.29), era comum, nessa época, “que um homem, casado com uma mulher, mantivesse outra relação de casal, sexual e afetiva, com um adolescente ou jovem adulto (*paidika*).”. Esta relação, conhecida como pederastia, era bem vista, pois poderia dar conta de duas demandas da sociedade: as relações sexuais para reprodução, que seriam entre homens e mulheres, “e as relações entre dois homens tinham o objetivo da educação como cidadão e de fortalecer as forças armadas.”.

As relações de pederastia aqui não eram vistas como algo negativo ou errado, já que os gregos não construíam os sujeitos a partir dessas práticas. Assim, não havia o preconceito a partir dessas práticas como acontece atualmente, mas existia o preconceito em relação à idade do parceiro. (Lewis, 2012)

Nesse contexto histórico de avanço nas pesquisas médicas, um dos estudos mais importantes e conhecidos sobre a bissexualidade foi realizado pelo biólogo estadunidense Alfred Kinsey (1894-1956), “cujo pensamento

também serviu como base para muitas teorias da sexologia moderna.” (LEWIS, 2012, p.37). Kinsey fez um estudo extensivo sobre a sexualidade humana, publicado em dois livros, o *Sexuality in the Human Male* (1948) e o *Sexuality in the Human Female* (1953), além de produzir a famosa “escala Kinsey” com o objetivo de medir a “orientação sexual dos seres humanos, baseada nas experiências de vida e reações fisiológicas dos/as participantes.” (LEWIS, 2012, p.38)

Kinsey criou um sistema de categorização da sexualidade a partir de sete graus de variação, que nomeou de Escala Kinsey, onde “os extremos designam a monossexualidade de pessoas “exclusivamente” heterossexuais ou homossexuais, com vários graus intermediários de o que hoje chamamos de bissexualidade.” (LEWIS, 2012, p.38)

Apesar disso, o biólogo não faz uso das palavras “bissexual” ou “bissexualidade” no momento de descrever as construções das categorias, “em parte porque naquela época esses termos tinham ainda a conotação de uma mistura de masculinidade e feminilidade biológica ou psicológica, em vez de heterossexualidade e homossexualidade como queria mostrar o autor.” (LEWIS, 2012, p.38)

Na Escala Kinsey, o número “0” representa a pessoa “exclusivamente” heterossexual e o número “6”, a pessoa “exclusivamente” homossexual. O meio da escala, ou seja, o número “3”, representa a pessoa “igualmente” heterossexual e homossexual.

Já o número “1” indica uma pessoa “predominantemente” heterossexual e somente “incidentalmente” homossexual, e o número 5 é, ao contrário, “predominantemente” homossexual e “incidentalmente” heterossexual. Finalmente, o número 2 representa uma pessoa “predominantemente” heterossexual, mas com experiências homossexuais “mais incidentais”, e o número 4 indica uma pessoa “predominantemente” homossexual, mas com experiências heterossexuais “mais incidentais” (Kinsey, et. al. 1948: 639, 641 apud (LEWIS, 2012, p.38).

Segundo Lewis (2012, p.38) Kinsey achava que “as pessoas que se encaixam em um dos extremos da escala são na verdade a minoria; a maioria da população global mostraria algum grau do que hoje chamamos de bissexualidade.” Apesar de esse estudo ser muito importante para pensar a sexualidade, essa escala não é mais usada atualmente, pois acredita-se que ela seja determinista e não dá conta da complexidade que é a sexualidade humana.

Finalizando essa leitura inicial, é importante ter sempre em mente que os conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade não são desconectados. O que quero dizer é que a partir dessa construção de hermafrodita e pederastia fomos construindo outros caminhos, a partir de novos contextos, a significar a bissexualidade.

2.2. Freud, a Psicanálise e a bissexualidade originária ⁵

O termo bissexualidade constitui o significante original da obra freudiana. Mas até mesmo dentro da psicanálise encontramos visões diferentes sobre o uso desse conceito. Apesar de esse ser um vasto campo dentro da psicanálise, vamos nos deter mais sobre as contribuições de Freud, que foi um grande clínico e que começou a dar importância à bissexualidade após trocar algumas ideias com o seu amigo Wilhelm Fliess. Esse autor foi o primeiro a conceituar a bissexualidade na psicanálise dizendo que existiria entre os dois sexos uma relação de simetria invertida, um espelho. (SERGE, 1998)

Porém, Freud reconhece que “o significado de bissexualidade mudou consideravelmente, do início de sua carreira no final do século XIX até o fim,

⁵ Apesar de ser uma área de conhecimento que muito se fala da Bissexualidade, o nosso objetivo aqui é falar, de forma mais ampla, sobre alguns usos do conceito de Bissexualidade na Psicanálise. Pois a nossa aproximação (ou pouca aproximação) com a área de conhecimento da psicanálise não nos permite grandes aprofundamentos.

em meio aos preparativos para a Segunda Guerra Mundial.” (GARBER, 1997, p.205)

A bissexualidade era entendida como “hermafroditismo psicosexual”, onde inscrições do feminino e masculino estão na base das histerias. Freud escreve em seu texto “as fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade”, que por trás de todo sintoma histórico existem duas fantasias sexuais: uma de caráter masculino e a outra de caráter feminino. Assim, a bissexualidade na histórica significa na realidade um bi-gozo (deslocamento do campo do sexo para o campo do gozo). (SERGE, 1998)

Inicialmente quando Freud começou a pensar sobre a bissexualidade, ele entendia que ela era inata, seja biológica, química ou anatomicamente falando. Em *Três ensaios sobre sexualidade* Freud usa o conceito de “disposição bissexual” para falar de um possível unissexo infantil. Ou seja,

a criança, cujo o corpo tinha traços biológicos de elementos masculinos e femininos, sentia-se eroticamente atraída tanto por pessoas do sexo masculino quanto do feminino. Só mais tarde, através dos mecanismos de repressão, ele alcança a “maturidade” suprimindo um lado da “disposição bissexual” segundo normas e expectativas (heterossexuais) sociais. (GARBER, 1997, p.205)

Dessa forma, a disposição bissexual poderia ser pensada não só como inata e biológica, “mas também como parte intrínseca de um sistema ao mesmo tempo heterossexual e monossexual.” (GARBER, 1997, p.206). Nesse momento há uma virada no pensamento de Freud e a bissexualidade não representava mais um estágio biológico, mas significa que todos os sujeitos eram divididos em sua sexualidade, “desenvolvendo papéis ou desejos sexuais como resultado de fatores tanto biológicos quanto culturais e da identificação com um dos pais.” (GARBER, 1997, p.206).

Freud, então, revisa seu conceito do complexo de Édipo, assim como o de bissexualidade. Essa mudança dá mais ênfase na psicologia e na cultura e não mais na biologia e anatomia. E nesse processo de mudança as cartas que

ele troca com seu amigo Fliess são fundamentais para encaminhar os avanços e sombras da bissexualidade na psicanálise. Vale lembrar que essa amizade é muito mais marcada pelo conflito de ideias entre os dois do que uma harmonia de pensamentos. Foi inclusive no momento de ruptura entre os dois que podemos dizer que chegou ao fim a primeira fase da teoria de Freud sobre a bissexualidade.

Apesar de Freud nunca ter escrito um único livro sobre a bissexualidade humana, não podemos perder de vista que toda a sua obra é pautada nesse tema, pois é tido sempre como um problema chave pra ele. Para Freud, a bissexualidade chegava mais claramente nas mulheres do que nos homens, pois a mulher tinha dois órgãos sexuais, o clitóris masculino e a vagina feminina. “As mesmas forças libidinosas atuam na criança do sexo masculino e do feminino: há apenas uma libido, e ela tem objetivos, ou fontes de prazer, ativos e passivos.” (GARBER, 1997, p.225)

A oposição entre atividade e passividade aponta para a dualidade que a palavra bissexualidade recobre. Quando Freud utiliza essa palavra não visa uma divisão dos sexos, uma oposição entre masculino-feminino, mas sim uma polaridade que assume o lugar da diferença entre os sexos. O ato de masturbação é considerado um ato bissexual, onde você assume uma postura ativa e passiva na pulsão sexual.

Em 1915, Freud começa a repensar o uso das palavras masculinidade e feminilidade e em uma edição revisitada de *os três ensaios sobre sexualidade*, a partir de estudos de casos de histeria de pacientes mulheres que chegavam em seu consultório. Ele faz então uma mudança no sentido em que o oposto em masculinidade e feminilidade, dentro da psicanálise, está reduzido aos contrastes (e precisam ser substituídos) entre atividade e passividade. Dessa forma, uma pessoa, seja do sexo masculino ou feminino, pode se comportar tanto de modo masculino ou feminino em contextos diferentes. Segundo Freud isso não demonstra grandes mudanças no que ele já dizia, porém dá uma noção mais cultural do que biológica ou anatômica. “A distinção não é física,

quando vocês dizem masculino geralmente querendo dizer ativo, e quando dizem feminino querem dizer passivo.” (GARBER, 1997, p.227)

Em suas últimas obras, Freud ainda não deixa algo muito amarrado do que seria para ele a bissexualidade. Segundo Garber (1997), o bissexual

pode significar qualquer coisa que vai de (1) ter dois conjuntos de órgãos sexuais a (2) ter duas psiques, uma masculina e outra feminina e a (3) ter uma sexualidade precária e dividida, que é fluida e não fixa em relação à identificação e ao objeto. Mas e quanto à nossa definição convencional moderna e mais simples - ter amantes do sexo masculino e do feminino? (GARBER, 1997, p. 230)

De uma forma geral, as leituras psicanalíticas nos proporcionaram compreender a estruturação das histerias, sempre em mulheres. O que mais nos chama atenção é o caráter masculino como ideal, ou seja, os problemas nas estruturas estão sempre nas mulheres, partindo do lugar do homem como o bom e ideal a ser alcançado.

Nos estudos mais atuais, que usam os conceitos básicos da psicanálise na prática clínica, chamaram-nos a atenção que esses artigos definem a bissexualidade como “lugar central da neurose”, colocando-a como sintoma (transtorno ou problema), como é o caso de do artigo “Adolescência e psicose: traumatismo e violência do pubertário” de Deise Matos do Amparo *et al*, publicado na Revista Interamericana de Psicologia, em 2010.

De forma geral, muita coisa ainda se fala sobre a bissexualidade dentro da psicanálise, e muito ainda acreditamos que precisa evoluir ou ser questionada. O que não podemos perder de vista é que

alternadamente brilhante e enfurecedor, cheio de dúvidas e confiante, Freud é o precursor da maioria das especulações modernas e pós-modernas sobre a sexualidade- e a bissexualidade. Popularizado, citado fora de contexto, des-historicizado e reescrito por seguidores que costumam ser menos brilhantes e mais dogmáticos do que ele, “Freud”, como “Shakespeare”, tornou-se um monólito cultural, e até mesmo, ele próprio, um mito. (GARBER, 1997, p. 208)

2.3. Movimento LGBT e a inserção bissexual

A passagem da ideia da bissexualidade como “presença de dois sexos no mesmo indivíduo” (GARBER, 1997, p.270-271) para a concepção mais recente de bissexualidade para falar sobre pessoas que se sentem atraídas por ambos os sexos é uma característica das primeiras décadas do século XX.

A partir das aproximações e distanciamentos possíveis entre o legado dos estudos de Freud dentro da Psicanálise e da Escala Kinsey (influência clara do discurso biomédico na construção do conhecimento), juntamente com o contexto de movimentos sociais em sociedades opressoras, capitalistas e de ditadura política, chegamos enfim a propor uma bissexualidade como “desejo sexual que ‘combina’ ou ‘une’ a heterossexualidade e a homossexualidade.” (Lewis, 2012, p.26). Carrara e Simões (2007) fazem uma reflexão interessante sobre as formas de nomear os GLBT ou GLS ou HSH. Segundo esses autores, ao

nomear o sujeito político do movimento, manifesta na atual sigla GLBT[...], é proposta em diálogo crítico com outras, [...] HSH (“homens que fazem sexo com homens”), das políticas de saúde, que, talvez equivocadamente, buscavam contornar o problema da falta de coincidência entre comportamentos e identidades sexuais. (CARRARA; SIMÕES, 2007, p. 93-94)

Sem dúvidas, o surgimento da AIDS, na década de 80, foi um marcador muito importante na construção da história do movimento social da diversidade sexual. Foi através da proliferação da doença entre os gays que os olhos se voltaram para o tema da sexualidade de uma forma geral.

No que se refere ao contexto da saúde, os “infectados” pelo vírus eram chamados de promíscuo, que eram os homossexuais, usuários de drogas, trabalhadores do sexo e qualquer outra minoria. Associado a essa imagem, também havia a “contribuição direta de profissionais e pesquisadores que usavam da sua autoridade tecno-científica para construir esse sentido da AIDS, inclusive na mídia.” (PAIVA, 2008, p.642).

A construção da AIDS, nesse momento, parece ser bem “apessoal”, pois o que importa é controlar as pessoas que tem práticas que possam

transmitir o vírus, marginalizando-as ainda mais, numa forma de naturalizar/essencializar o prazer. Podemos refletir como ainda hoje as campanhas de prevenção à AIDS falam sobre “comportamentos e práticas sexuais de risco, sem sentido, sem contexto, sem pessoa.” (PAIVA, 2008, P.642).

Nesse sentido, a AIDS não foi importante só para falar sobre comportamento bissexual, já que o vetor transmissor era o bissexual, que mantinha um casamento heterossexual, mas tinha casos fora com homossexuais. Exemplo disso é o trabalho *“Diferenças nas situações de risco para HIV de homens bissexuais em suas relações com homens e mulheres.”* de Marília Greco *et al.*, publicado na Revista de Saúde Pública em 2007, em que diz claramente que estuda comportamento sexual de homens bissexuais e não toma a dimensão do desejo ou identidade sexual, já que o seu foco é nos comportamentos de riscos para HIV. Ao usar essa perspectiva (HSH), os estudos em saúde acabam sendo questionados no sentido da não correspondência entre desejos, práticas e identidades “numa formulação que recria a categoria universal ‘homem’ com base na suposta estabilidade fundante do sexo biológico.” (CARRARA; SIMÕES, 2007, p.94)

Dentro da história do movimento LGBT no Brasil, não seria diferente do restante do mundo no que diz respeito à influência da AIDS. Segundo Facchini (2005), alguns fatores históricos contribuíram para dar uma maior visibilidade à política de identidade homossexual, entre eles podemos citar:

O processo de “redemocratização”; a implementação de uma política de prevenção às DST/Aids baseada na ideia de parceria entre Estado e sociedade civil e num claro incentivo às políticas de identidade como estratégia para a redução da vulnerabilidade de populações estigmatizadas; o desenvolvimento da segmentação de mercado e o crescimento de um mercado específico para o público *gay* ou GLS. (FACCHINI, 2005, p.36)

Ainda segundo essa autora, que em seu livro “Sopa de Letrinha?” fala sobre a história do movimento gay no Brasil e aponta a importância do grupo Corsa no pontapé dessa história. Ela teve seu primeiro contato com o grupo

por intermédio da diretoria do ano de 1998. Nesse momento, o grupo se definia como “voltado para a conscientização e emancipação das minorias sexuais”. (FACCHINI, 2005, p.37) Com o seu ingresso no mestrado e, conseqüentemente, uma maior aproximação com a temática, ela teve conhecimento sobre alguns eventos recentes da militância gay no Brasil.

Entre esses eventos ela cita um que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1995, a conferência da Internacional Gay and Lesbian Association (Ilga), onde os membros votaram pela não inclusão dos bissexuais no nome do movimento no âmbito internacional. Nesse momento, o Brasil não tinha iniciativa dos militantes a favor dos bissexuais.

Segundo Facchini (2005), a AIDS chamou a atenção para

O sexo biológico do(a) parceiro (a) sexual, apresentando-o como mais significativo na definição da sexualidade dos homens do que o fato de ser ativo ou passivo numa relação sexual, ou ter uma aparência/comportamento mais próximo dos padrões esperados para o “masculino” ou o “feminino”. [...] A tendência a classificar a sexualidade com base no sexo do(a) parceiro(a)- e a considerar essa forma de classificação mais verdadeira do que outras- parece bastante evidente em episódios como a discussão em torno do que se chamou “ponte bissexual” (FACCHINI, 2005, p.171).

Concordamos com a autora quando ela afirma que nesse momento os bissexuais masculinos foram taxados como ponte para transmitir a AIDS, pois eles ““não assumiam” suas práticas homossexuais e terem “levado a Aids” à população heterossexual” (Facchini, 2005, p.172).

Durante a consolidação do movimento gay, a discussão da construção identitária é muito frequente. Segundo Júnior (2014) a identidade gay no Brasil nos anos 1990, produzida pela junção do

ativismo, mercado, Estado e mídia, apresenta, [...] características em comum com outras identidades. [...] Ela tem caráter essencialista, ou seja, é considerada permanente, estável e bem definida. Em terceiro, e contestando frontalmente a heterossexualidade compulsória, é considerada natural e normal, fazendo parte de uma diversidade

fundamental de formas de expressão da sexualidade existentes na natureza, todas igualmente legítimas. (JÚNIOR, 20014, p.41)

Apesar do autor falar sobre uma identidade gay, podemos levar essas considerações e características para a identidade bissexual, ressaltando as suas diferentes, inclusive diferenças históricas.

O objetivo desse item não era falar sobre toda a história do movimento LGBT, mas sim abordar como a construção desse movimento social tem relação com a bissexualidade entendida como identidade e importante para a pauta do movimento. Até mesmo porque existem várias histórias e verdades, em que os autores falam a partir da sua visão de mundo. Assim, o movimento LGBT também não seria diferente, ou seja, existem várias versões e inícios diferentes e que, às vezes, podem se confrontar. Ao ler sobre os caminhos da história do movimento, tive a sensação de que haveria uma uniformidade entre os pensamentos, mas havia, no momento de construção do grupo SOMOS/SP, uma grande problematização sobre a possibilidade de essencialização “da oposição hetero/homossexualidade e da consequente instituição de novas formas de rotulação, estigmatização e marginalização.” (CARRARA; SIMÕES, 2007, p.73)

É sabido, segundo Carrara e Simões (2007), que em alguns momentos os estudiosos em sexualidade não dialogaram com os atores dos movimentos sociais.

A experiência da primeira onda de militância homossexual no final dos 1970, que convivia com a crítica de acadêmicos e ativistas que problematizavam a questão da identidade homossexual, foi tão importante quanto o estabelecimento de parcerias e alianças com agências governamentais e organizações internacionais. (CARRARA; SIMÕES, 2007, p.93)

Ao longo da sua história, o movimento gay no Brasil vem incorporando novas “letras” e, conseqüentemente, novas demandas que não basta mais na saúde (caso da Aids). Segundo Miskolci (2010, p.03), o movimento ganhou

novos espaços “em políticas na área de educação, cultura e, por fim, mas não por menos, nas demandas de reconhecimento de direitos.”.

A partir disso, propomos entender a bissexualidade como uma identidade sexual, onde as práticas, desejos e acordos são fluidos (ideias que serão desenvolvidas no próximo tópico).

Miskolci (2010) trás uma discussão interessante no que diz respeito ao “nós” que compõe o movimento LGBT atualmente no Brasil. Segundo o autor, esse “nós” sempre foi instável e mutável ao longo dos anos, mas que atualmente esse “nós” do movimento LGBT tenta operar numa divisão mental entre dois grupos divergentes (dualista): “nós os LGBT em oposição ao “eles, os *queer*”.” (MISKOLCI, 2010, p.05)

Tal divisão entre “identitários” e “queer” pouca diferença faz para o resto da sociedade brasileira, a qual só conhece um único movimento, o atual LGBT e esta divisão interna, onde ela opera, esconde uma luta declarada entre os estabelecidos que temem perder a sua hegemonia e os supostamente recém-chegados que a ameaçariam. O que está em jogo, portanto, não é o que define o “nós” do movimento LGBT, este nós condenado historicamente a ser reinventado a todo momento, mas quais relações o movimento vai manter com o Estado e a sociedade. Os estabelecidos são os que defendem uma relação de “parceria” com o Estado, a qual gerou vitórias, mas também cooptação e clientelismo. Dentro a multidão que denomina erroneamente de queer, os que mais temem são os que podem propor uma relação mais crítica com o Estado e/ou colocar em xeque a “essencialização” identitária na qual seu modelo atual se baseia (MISKOLCI, 2010, p.05)

Como discutido anteriormente, apesar da diversidade encontrada dentro do movimento LGBT, pouco se fala sobre o sujeito bissexual entre dessas lutas. Alguns caminhos já foram apontados para tentar justificar esse silêncio, seja por não ser considerado uma identidade ou uma deslegitimação do sujeito bissexual.

Ao ser “cooptado” pelo estado, o movimento precisa reorganizar-se e problematizar novas demandas. A questão identitária como hoje é pensada e nomeada dentro do movimento é uma pauta que acreditamos ser muito

recente. Se pensarmos que, comportamentos homossexuais sempre existiram mas que somente algumas sociedades produziram essa identidade homossexual “conforme preocupações com as definições e limites do que é aceitável em termos de conduta sexual.” (Carrara, Simões, 2007, p.82), podemos sugerir que novas práticas sexuais estão surgindo (ou melhor, estão sendo nomeadas) e que precisamos repensar os usos de nossas identidades sexuais.

2.4.Desafios,limites e (im)possibilidades da identidade

Nosso objetivo aqui é problematizar os usos e limites da identidade para falar de uma prática ou um sujeito bissexual, apostando no uso do *Queer* menos como substantivo e mais como verbo.

Regina Facchini (2005) fala da relação entre identidade e movimento social a partir de sua pesquisa de mestrado sobre o movimento homossexual no Brasil. Ela começa frisando que o contexto da ditadura militar no Brasil fez com que os movimentos se juntassem a partir de uma “‘comunidade de iguais’, que compartilha carências como tarefa do movimento, necessária à sua constituição como ator político.” (FACCHINI, 2005, p.28). Porém, ela também faz uma ressalva sobre o perigo que isso possa essencializar as pessoas e experiências de determinado grupo.

O que talvez ocorra é que movimentos como o feminista, o negro e o homossexual tenham maior tendência a fundamentar essa igualdade num atributo essencial e a obscurecer o caráter construído da aliança política voltada para um determinado fim. (FACCHINI, 2005, p. 28)

Citando Butler, Facchini fala sobre as políticas de identidade, nos quais, baseada num sujeito pré-discursivo, “tenderia a pressupor identidade no sentido de auto-idêntico, o que levaria tal política a um efeito normatizador e excludente e a processos de diferenciação e oposição no interior do próprio” movimento. (FACCHINI, 2005, p.31). Nesse sentido

Facchini (2005, p.29) ressalta que as identidades coletivas são necessárias para um coletivo, mas “aparecem, geralmente, como um fim em si mesmas.”

Nesse contexto de problematizar o uso ou não uso de uma identidade/ unidade por movimentos sociais para um determinado fim, a Regina aponta que identidade aparece aqui como algo que é definida a partir do outro,

[...] ou seja, pelos limites que um determinado agrupamento constrói, num determinado contexto, para se diferenciar de outro (s) agrupamento (s) humano (s), e não por uma característica essencial que o grupo se auto-atribui independentemente de qualquer situação. Por esse motivo, a identidade social é relacional, conjuntural, não é fixa, nem completa. Neste sentido, perguntar pelo processo de construção de identidades constitui uma forma de apreender a dinâmica interna de um movimento num determinado contexto social. (FACCHINI, 2005, p.29)

Ainda nesse sentido, nas construções de identidades a partir das relações com os outros, Luiz Francisco Buarque de Lacerda Júnior fala sobre a instabilidade aparente da identidade, ou seja, se na teoria “as identidades são pensadas como [...] uma lista de características que as integra e as define, na prática elas são expressas muito mais por relações de diferença, ou seja, pelo que elas não são.” (JÚNIOR, 2013, p.13). Para tanto, esse autor dá o exemplo do “surgimento” da identidade heterossexual somente depois de alguns anos da enunciação da identidade homossexual. Apesar dessa fragilidade contextual dos usos identitários, não deixamos de usá-los para nomear e dar sentido ao nosso cotidiano.

Falar em identidades, nos remete também aos jogos de poder que dão maior visibilidade a algumas e deixam outras na sombra. Tomaz Tadeu da Silva (2014) situa que não é somente a definição da identidade e da diferença que é objeto de interesse de grupos sociais distintos em relação ao poder. Nessa disputa existem outras disputas

mais amplas por recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença trazem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A

identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2014, p.81)

Talvez a invisibilidade da identidade bissexual não seja posição inocente (vitimizada) nos jogos normativos da sexualidade, pois a diferença produz uma hierarquia nas identidades em oposição, elas nunca estão equivalentes entre si e “sua constituição está diretamente ligada à produção e manutenção de relações de poder.” (JÚNIOR, 2014, p.14)

A proposta *queer* vem tentar quebrar essa essencialização do uso da identidade. Segundo Peres (2013), o *Queer* não está inserido num contexto universal e binário, ao contrário, vem como uma crítica à identidade. Esse posicionamento trás “as problematizações sobre identidades acabadas que reduzem o ser humano a um referencia única e totalizada.” (PERES, 2013, p.80)

Miskolci (2010), no seu artigo sobre essencialismo estratégico, fala sobre uma proposta política queer, em que

não aponta para nenhuma divisão, antes é um apelo unificador à experiência comum de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outr@s, [...]. Transformar esta experiência em força política de resistência é o objetivo da proposta original querr. (MISKOLCI, 2010, p.09-10)

Apesar de aqui propormos uma ideia queer para além da teoria, é interessante contextualizar as ideias de Butler, uma grande feminista que escreve sobre o tema. A sua grande crítica é sobre uma possível essencialização da categoria mulher na representação dentro do movimento feminista. “O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes.” (BUTLER, 2012, p.18)

Butler (2012) faz importantes questionamentos ao falar sobre uma possível unidade para que uma ação política seja efetiva. “Certas formas aceitas de fragmentação podem facilitar a ação, e isso exatamente porque a

“unidade” da categoria das mulheres não é nem pressuposta nem desejada.” (BUTLER, 2012, p.36)

Ao falar sobre a teoria social do gênero, Butler (2012) compreende gênero

como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” [...] refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergências entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. (BUTLER, 2012, p.39)

Para Butler (2012), as categorias de gênero atuam como “tabus sociais que exageram a diferença sexual, visando naturalizá-la e assegurar a heterossexualidade por meio da instituição ritual e reiterada das fronteiras do corpo.” (CARRARA; SIMÕES, 2007, p.85)

Para romper então da identidade, Peres (2013) fala sobre a crítica à noção de identidade, definindo uma postura anti essencialista, pois a naturalização, totalização e inflexibilidade. Para tanto ele sugere

a hibridização como a única forma de romper com os processos homogeneizantes. Esta ideia de hibridização tem sido apropriado dos estudos realizados por Donna Haraway, e, seguindo essa perspectiva, Penedo (2008, p. 19, tradução nossa) dirá que “a hibridização é um processo manipulável desde o ponto de vista *Queer* porque pode ser abordado desde um ponto de vista individual” ou seja, a nomeação do *Queer* só pode ser feita em nome próprio. (PERES, 2013, p.81)

Um grande estudioso sobre a identidade na pós modernidade é Stuart Hall (2011) em que ele propõe uma “celebração móvel” da identidade, pois essa é (trans)formada continuamente nas nossas relações e o sujeito acaba assumindo identidades diversas em diferentes momentos/contextos. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2011, p.13)

Hall ainda aponta que cada movimento social apela para a identidade social que os funda como por exemplo o feminismo que fala para/sobre as mulheres. E isso constituiu o nascimento do momento histórico conhecido como “a *política de identidade*- uma identidade para cada movimento.” (HALL, 2011, p.45). É nesse momento que ele fala sobre a relação direta entre o feminismo e o descentramento conceitual de sujeitos, pois é ele que questiona a distinção em o público e o privado e, portanto, abriu espaço para contestar, no âmbito político, aspectos que antes era só do social (família, trabalho, sexualidade, etc). Nesse sentido, o feminismo

politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação. [...] Aquilo que começou como um movimento dirigido á contestação da *posição* social das mulheres expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero. (HALL, 2011, p.45-46)

O principal objetivo desse capítulo era mostrar que podemos dar diversos nomes a bissexualidade e apontar por quais campos de saberes essa palavra passou ao longo da história. É interessante perceber que parte de uma curiosidade no campo da biologia, passando por uma construção mais social e, ainda no campo da medicina, entrando na área do inconsciente. E por fim chegamos numa construção mais complexa, que pode envolver desde comportamento bissexual até a discussão sobre sujeito e identidade bissexuais.

Para finalizar, coloco essa citação que sintetiza as andanças da bissexualidade até o momento dessa dissertação.

De fato, [...], o hermafrodita e o homossexual têm feito parte da história da ‘bissexualidade’ à medida que ela evoluiu no discurso científico e social. Primeiro a palavra ‘bissexual’ referia-se à presença simultânea de órgãos sexuais masculinos e femininos (e algumas vezes às capacidades reprodutivas) no mesmo corpo. Os primeiros escritos psicanalíticos igualaram ‘bissexualidade’ a hermafroditismo, vendo o que hoje em dia chamamos de bissexualidade-atração sexual por homens e mulheres- como um aspecto da homossexualidade, ou da ‘inversão sexual’”. (GARBER, 1997, p.182)

3. REPERTÓRIOS COMO DISPOSITIVOS DE PESQUISA SOBRE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Após falarmos sobre os usos e construções históricas sobre bissexualidade, enfatizando a instabilidade da identidade e do sujeito bissexual, o objetivo desse capítulo é conceituar os repertórios linguísticos a partir do referencial teórico do construcionismo social.

Para nosso estudo, usaremos os “óculos do construcionismo” e sua visão de mundo. Essa proposta epistemológica surge, conforme Conceição Nogueira (2001), para traçar reflexões sobre a produção do conhecimento científico, estabelecendo novas perspectivas de construção do saber. Vale ressaltar que o construcionismo não é uma linha de pensamento singular e há várias divergências dentro dele. Porém, Spink (2004) afirma que existiria um “substrato crítico-político nas pesquisas construcionistas” (p.25), que seria uma “libertação daquilo que se tornou instituído ou essencializado” (p.25).

Em resumo, a corrente construcionista se fortifica a partir da problematização do modelo hegemônico do fazer científico, situando o conhecimento em um contexto de transformações sociais que não mais assumam o caráter universalizante, mas que afirmem o caráter parcial, localizado, contextualizado do saber, compreendo que é algo produzido socialmente e, portanto, atravessado por aspectos históricos, culturais, políticos etc.

Essa concepção de que os conhecimentos podem ser “situados” (social e historicamente) e, por isso, são parciais é defendida pela feminista Donna Haraway (1995). De acordo com a autora a “ciência é retórica”, pois é vista como atividade humana, e assim sendo, não possui neutralidade; o conhecimento produzido é oriundo da total afirmação daquilo que o pesquisador/a quer dar visibilidade, do posicionamento do sujeito que embasará seu discurso científico e filosófico. Trata-se de um caminho que exige responsabilidade e comprometimento ético e político.

Segundo a autora, não há somente um conhecimento válido para representar de forma fiel a realidade, pois “o conhecimento não é o que se tem, mas o que se constrói com outras pessoas.” Nesse sentido, acreditamos

que não só o sujeito e o objeto, mas todo o conhecimento é socialmente construído. Ou seja, o construcionismo faz uma leitura crítica sobre a centralidade da ciência e do método científico, compreendido não como meios de acesso a verdade, mas também como co-produtores de verdades. Nesse sentido, ao deslocar o foco da pessoa para o domínio social, o papel da psicologia dentro da abordagem construcionista é de

[...] estudar o ser socialmente construído, o produto de discursos histórica e culturalmente contingentes, discursos que trazem consigo uma rede complexa de relações de poder. A pessoa fica como que “encaixada” num sistema histórico, social e político do qual não pode ser retirada e estudada de forma independente. A psicologia e a psicologia social não podem pretender descobrir a “verdade” da natureza das pessoas e da vida social, porque as suas explicações estão limitadas no tempo e na cultura; devem essencialmente chamar a atenção para o estudo histórico da emergência das formas correntes da vida social, assim como das práticas sociais que as criam (NOGUEIRA, 2001, p. 146).

Ainda nesse caminho, Mary Jane Spink aponta para a desconstrução da “retórica da verdade” do método científico tradicional para adotar uma postura construcionista. Esse termo foi usado por Tomas Ibáñez para falar que no modelo positivista da ciência há uma busca por uma verdade única, mas aqui acreditamos que “a verdade é a verdade de nossas concepções, de nossas instituições, de nossas relações, de nossos acordos sociais.” (SPINK, 2004, p.24)

Como advoga Nogueira (2001), a grande diferença do construcionismo para uma abordagem mais tradicional em psicologia social é o papel da linguagem como ação e não como mediação entre pensamento e ação. Nas palavras desta autora, a linguagem é “como condição para o pensamento e como forma de ação social e o seu foco na interação e nas práticas sociais aliadas” (p. 146).

Tomás Ibañez (2004), em seu artigo “O giro linguístico” fala que a ênfase atribuída à linguagem favoreceu uma nova concepção de verdade” e a elaboração de novos conceitos sobre a natureza do conhecimento. A linguagem deixa de ser apenas uma representação do mundo/realidade, uma

expressão de nossas ideias, e passa a ser construção da realidade e esta construída linguisticamente por meio das práticas sociais estabelecidas entre as pessoas.

A linguagem é a própria condição de nosso pensamento, ao mesmo tempo em que é um meio para representar a realidade. O “giro linguístico”, portanto, substitui a relação “ideias/mundo” pela relação “linguagem/mundo” e afirma que para entender tanto a estrutura de nosso pensamento quanto o conhecimento que temos do mundo é preferível olhar para a estrutura lógica de nossos discursos em vez de esquadrihar as interioridades de nossa mente (IBAÑEZ, 2004, p. 46).

Tendo por base essa concepção, compreendemos que a linguagem vai nos estruturar, constituir, posicionar, criar modos de subjetivação, “vai adquirir um caráter “produtivo” e se apresentar como um elemento formativo de realidades” (IBAÑEZ, 2004). O conhecimento é referenciado como um processo coletivo e a linguagem como prática social. Sendo assim, essa forma de fazer ciência nos possibilita identificar as múltiplas vozes diferenciadas cultural-sócio-histórica e politicamente, como no caso das bissexuais visibilizadas neste estudo.

Aqui compreendemos a linguagem como uma prática social, e são particulares em cada momento histórico, contexto e em cada segmento da sociedade. Dessa forma, não se trata de observar a especificidade diante do global nem ao contrário, cada situação tem seus interlocutores e sentidos produzidos quando duas ou mais vozes se confrontam. Essas vozes podem vir como enunciados que espacialmente se encontram distantes já que compreendemos o pensamento como dialógico (SPINK; MEDRADO, 2004).

Se a linguagem é entendida como uma ação, ela produz consequências, dessa forma, o uso da linguagem aqui será levado em consideração também pois “quando falando, estamos invariavelmente realizando ações [...], produzindo um jogo de posicionamentos com nossos interlocutores, tenhamos ou não essa intenção” (SPINK; MEDRADO, 2004, p.47).

Aqui compreendemos a linguagem como uma prática social, de forma a produzir sentidos, não no âmbito cognitivo, mas sim como uma construção na interação social (SPINK, 2004; SPINK & MEDRADO, 2004). Reconhecemos o

uso da linguagem “como precondição para o pensamento e como forma de ação social e o seu foco na interação e nas práticas sociais aliadas à perspectiva do conhecimento como especificamente histórico e cultural” (NOGUEIRA, 2001, p. 146).

Esse novo movimento (o construcionismo social), assim como aqueles que o apoiam, proclamam uma nova abordagem ao conhecimento e à prática; centram-se essencialmente nos problemas das populações locais e criticam as pesquisas que se pretendem universais; defendem uma transformação cultural que poderia permitir a emergência de novas realidades e novas formas de ação. O construcionismo social pretende substituir a pesquisa descontextualizada na psicologia social pelo estudo de tudo o que é cultural, histórico, social e politicamente localizado (NOGUEIRA, 2001, p.149).

Escolhemos usar o conceito de práticas discursivas, pois remete aos momentos de rupturas e ressignificação na produção de sentidos e podemos defini-las “como linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (SPINK; MEDRADO, 2004, p.45).

Essa abordagem trata de uma *teoria social do conhecimento*, em que algumas desconstruções e/ou desfamiliarizações são necessárias à produção de um modelo contra hegemônico, a exemplo na noção do sujeito-objeto, das referências epistemológicas e metodológicas. É importante também perceber que a linguagem não é só explicativa e produtora da realidade, de maneira que, as pessoas, em suas práticas discursivas, descrevem, explicam e dão sentido ao mundo em que vivem. Neste sentido, o foco dos estudos passa a ser a compreensão das ações e práticas sociais e, sobretudo, dos sistemas de significação que dão sentido ao mundo (SPINK; MEDRADO, 2004, p. 46).

Essas ressignificações, segundo Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2004), constituem parte importante das contribuições do construcionismo social para a produção do conhecimento científico, repensar a relação sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, requer compreender a existência da interação em que estes, mutuamente, produzem sentidos e se posicionam. É o conhecimento socialmente produzido que constrói ambos.

Mary Jane Spink (2004) fez uma interessante reflexão quando propôs continuar a usar o termo discurso nas práticas discursivas:

[...]pois permite fazer a distinção entre práticas discursivas- as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas- e o uso institucionalizado da linguagem- quando falamos a partir de formas de falar próprias a certos domínios de saber, a Psicologia, por exemplo. (p.40).

As práticas discursivas são constituídas por três elementos: “a dinâmica (que são os enunciados, orientados por vozes), as formas ou *speech genres* (que, para Bakhtin, são formas mais ou menos fixas de enunciados) e os conteúdos, os repertórios linguísticos.” (SPINK, 2004, p.41). Diferentemente das representações sociais, ao trabalhar com práticas discursivas, a pesquisadora não está procurando as estruturas dos conteúdos, mas parte “do pressuposto que esses conteúdos associam-se de uma forma em determinados contextos, e de outras formas em outros contextos.” (SPINK, 2004, p.41-42), pois os sentidos são variáveis a partir de cada micro ou macro espaços.

Os repertórios interpretativos, que são o foco desse trabalho, podem ser entendidos como unidades de construção (termos e descrições) que são contextualizados. Esse conceito é importante para entendermos a polissemia como característica da linguagem. Os repertórios interpretativos, segundo Benedito Medrado (1998) tem o objetivo de “entender como se organizam os fenômenos da ordem psicossocial, tais como atitudes, crenças, atribuições e comportamentos” (p.12), mas não tem a pretensão de querer afirmar que as mesmas pessoas produziram os mesmos repertórios em ocasiões diferentes, ou seja, não há aqui a intenção de generalização (o uso da linguagem é priorizada em detrimento da estrutura). Como dito anteriormente, os repertórios fazem parte das práticas discursivas “(assim como os enunciados e os gêneros de linguagem), colaborando na produção de sentidos a respeito de determinado assunto” (ARAGAKI; PIANI; SPINK, 2014, p. 229).

Os repertórios interpretativos podem ser entendidos como unidades de construção (termos e descrições) que são contextualizados. Esse conceito é importante para entendermos a polissemia como característica da linguagem.

Seguindo nessa linha de argumento, Spink e Medrado (2004) afirmaram que:

[...] trabalhar no nível de produção de sentidos implica retomar também a linha da história, de modo a entender a construção social dos conceitos que utilizamos no métier cotidiano de dar sentido do mundo (p.49).

Nessa pesquisa o conceito de repertórios vai além de uma ferramenta metodológica, pois acreditamos que estes são fundamentais nos jogos de sombra e luz da construção do sujeito bissexual. Segundo Aragaki; Piani & Spink (2014), trabalhar com repertórios em contextos específicos produz glossários, que “é um conjunto de repertórios linguísticos que circulam no contexto de uma determinada tradição linguística ou em linguagens sociais” (p. 230).

No caso da presente pesquisa, o estudo do glossário pode nos ajudar a entender os sentidos que são produzidos pelas mulheres bissexuais a respeito de suas formas de subjetivação como sujeito bissexual. Vale lembrar que esses repertórios são variáveis, tanto na forma de encontrá-los (fala, livros, *sites* na *internet* etc), quanto em relação a sua “história” podendo “ser mantidos, substituídos (com mudança ou não do sentido atribuído), resignificados, cair em desuso e até mesmo “sumir” como toda produção histórica e social humana” (ARAGAKI; PIANI; SPINK, 2014, p. 230-231).

Na leitura do capítulo citado acima, pude visualizar mais concretamente a forma de utilizar os repertórios na minha pesquisa. Esse texto fala sobre pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que utilizam os repertórios como ferramentas, dando conta de diferentes objetivos. Entre esses usos, destaco dois que estão diretamente ligadas aos objetivos dessa pesquisa, são eles:

d) compreender como repertórios contribuem na construção de fatos e de distintas versões de realidade; e

e) entender os **posicionamentos** e as relações de poder presentes em um tema e/ou campo específico (científico ou não) e as **controvérsias** daí decorrentes (ARAGAKI; PIANI; SPINK, 2014, p. 231) (grifos dos autores)

Usaremos o termo "práticas discursivas" para todas as formas através das quais as pessoas ativamente produzem realidades sociais e psicológicas.

Nesse contexto, um discurso é entendido como o uso institucionalizado da linguagem e de sistemas de sinais do tipo linguístico. A institucionalização dos discursos pode ocorrer ao nível disciplinar, político, cultural e de pequenos grupos. Pode também haver discursos que são desenvolvidos ao redor de um tópico específico, tal como gênero e classe. Os discursos podem competir entre si ou podem criar versões da realidade distintas e incompatíveis (DAVIES & HARRÉ, 1990, p. 44).

Nas práticas discursivas em que participam, as pessoas estão constantemente se posicionando, e assim, construindo conjuntamente a percepção de si e do outro, que pode ser bastante diversificada, uma vez que as pessoas podem ocupar diferentes posições, em conformidade com o contexto, o tipo de relação, as pessoas envolvidas, entre outros aspectos presentes no processo de interação dialógica. No caso das mulheres bissexuais, acreditamos que esses jogos de posicionamentos podem nos falar bastante sobre como essa identidade ainda é reproduzida a partir de repertórios que as tornem invisíveis.

Como afirmam Davies & Harré (1990, p. 52),

as pessoas discursivamente adquirem crenças sobre elas mesmas que não formam necessariamente uma unidade coerente e unificada. Elas mudam de acordo com o discurso e com o posicionamento que assumem nos variados momentos.

O estudo de repertórios possibilita dar visibilidade às rupturas e permanências nos sentidos produzidos a respeito de determinado tema, por meio da análise das unidades de construção utilizadas na linguagem em uso. Dessa forma, podemos acessar os usos que são feitos desses repertórios e como os argumentos vão sendo construídos, assim como a maneira como esses repertórios colaboram na coprodução de práticas nos diferentes saberes e fazeres, científicos ou não.

Esse processo pode ocorrer com a pesquisa centrada no estudo do jogo de posicionamentos entre os atores e as atrizes que fazem parte do campo em questão, das relações de poder, da história de determinado tema ou conceito,

assim como dos diferentes sentidos presentes e que colaboram em nortear a construção de uma ou distintas versões de realidade. Em suma, os repertórios podem ser valiosos instrumentos de pesquisa em psicologia social e em outras áreas do conhecimento (ARAGAKI; PIANI; SPINK, 2014, p. 245).

O procedimento metodológico desta dissertação, de cunho qualitativo, trabalha, portanto, com material discursivo proveniente das publicações no “BlogSOuBi”. Compreendendo os repertórios no contexto interativo da produção, esses conceitos são extremamente importantes para analisar a produção de sentidos em contexto de movimentações argumentativas, de exercício da retórica, de diálogo (SPINK; MEDRADO, 2004, p. 37).

3.1. A mídia enquanto prática discursiva

Como dito anteriormente, o presente trabalho foi realizado a partir de material de internet. Nesse sentido, usamos as ideias de Benedito Medrado (2004) para argumentar sobre o estudo de mídia dentro das Práticas discursivas. Esse tipo de estudo proporciona um descolamento do público e do privado, “por meio de seu poder de dar visibilidade a fenômenos sociais e de construir novas dinâmicas interacionais.” (MEDRADO, 2004, p.195).

Para tanto, o autor define a mídia como um

sistema cultural complexo. Por um lado, esse sistema possui uma dimensão simbólica - num constante jogo entre signos e sentidos -, que compreende a (re)construção, armazenamento, reprodução e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produziu (os media) como para quem os consome (leitores, espectadores, telespectadores etc.). Por outro lado, como um sistema cultural, compreende também uma dimensão contextual - temporal e espacial -, na medida em que esses produtos são fenômenos sociais, situados em contextos, que têm aspectos técnicos e comunicativos e propriedades estruturadas e estruturantes. (MEDRADO, 2004, p.195)

Ainda citando Medrado (2004), concordamos com ele no que diz respeito à importância da mídia como uma prática discursiva. Segundo o autor, a mídia dá uma visibilidade enorme aos acontecimentos, “informações e descobertas, levando a uma reconfiguração das fronteiras entre o espaço

público e o privado, reduzindo barreiras espaciais e temporais e permitindo comunicações para além da interação face a face.” (MEDRADO, 2004, p.196)

Quando falamos de mídia na internet, essa visibilidade aumenta ainda mais e, conseqüentemente, ela trouxe modificações significativas nas práticas discursivas no cotidiano, “ou seja, nas formas como as pessoas produzem sentidos sobre fenômenos sociais e se posicionam.” (MEDRADO, 2004, p.196)

As práticas discursivas na mídia traz um novo entendimento de mediação/interação. No seu texto, Medrado (2004, p.197) traz três tipos de interação e a que nos mais interessa é a interação quase-mediada, que diz respeito às “relações sociais produzidas com o advento da comunicação de massa.” Nesse tipo de interação,

a comunicação não é dirigida especificamente a uma pessoa (mas a um outro generalizado); [...] o fluxo de trocas entre os falantes não é imediatamente recíproco. Nesse tipo de interação, os participantes não dispõem da troca direta, havendo uma expressiva lacuna temporal entre a emissão e a recepção, por exemplo: livros, jornais, revistas, televisão e sites da Internet. (MEDRADO, 2004, p.197)

O espaço do Blog se encaixa bem nos estudos de repertórios na mídia. Aqui reconhecemos que o que é produzido na mídia é um material que não se esgota quando é produzido e no momento em que o leitor tem acesso a esse conteúdo, ele também está produzindo. Dessa forma, “não reproduzimos, nessa perspectiva, a clássica dicotomia emissão-recepção. Não há, senão, uma distinção temporal. A interanimação dialógica está presente tanto para o emissor como para o receptor.” (MEDRADO, 2004, p.200)

Uma discussão muito interessante que esse autor trás é sobre o uso do termo “autor” nos estudos em Práticas discursivas. Como irão ver mais adiante nas análises, optamos por usar “autora” ao descrever os conteúdos do BlogSouBi, mesmo compreendendo o que Medrado (2004) propõe, ou seja, que o conceito de autor seja resignificado

à luz da noção de plurivocalidade, perfeitamente compreensível a partir do conceito de vozes, presente na obra de Bakhtin [...]. Na visão bakhtiniana, é impossível pensar a ideia de um emissor puro. [...] Mesmo quando isolada, a produção e, conseqüentemente, a recepção são uma

permanente atividade retórica de negociação entre sentidos possíveis. (MEDRADO, 2004, p. 201)

Uma característica importante das produções midiáticas é o seu caráter de dar visibilidade a certos repertórios produzidos cotidianamente e, conseqüentemente tornam-se “disponíveis às pessoas, podendo compor suas práticas discursivas cotidianas.[...] Possibilitando a produção de outros sentidos e a construção de versões diversas sobre si e o mundo a sua volta.” (MEDRADO, 2004, p.202)

Para finalizar esse capítulo, acreditamos que não há formas de sermos neutros e que, assim como o que é produzido na mídia é uma interpretação, nossas análises apresentam significados (produção).

Em linhas gerais, ao identificarmos repertórios em materiais midiáticos, estamos apreendendo alguns sentidos (consensuais e contraditórios) que circulam no cotidiano das pessoas e que podem assumir outras significações no esforço de produção de sentido empreendido pelos espectadores, em suas práticas discursivas. A mídia, como práticas discursivas, constitui conteúdos potencialmente dinâmicos, dado que a interpretação é que lhe dá sentido. Contudo, é importante considerar o potencial que a mídia tem de provocar reflexões e discussões ativas. (MEDRADO, 2004, p.219)

4. PERCURSO METODOLÓGICO ENTRE TRILHAS AMBIVALENTES E REORIENTAÇÕES⁶

*Se você olhar pra trás e sentir uma saudade
Não espere, não vacile. Vá em frente e volte atrás[...]
Mas caso tenha esquecido levemente o ocorrido
Tá tudo aqui guardado para sempre ser lembrado
Uma mancada como aquela, a gente acaba esperta [...]
Vacina na veia para não cair na teia
Vacina na veia, por Ana Canãs*

Esta pesquisa propõe uma abordagem qualitativa e foi pensada à luz das leituras em psicologia social sobre gênero e sexualidade, especialmente, de orientação construcionista.

⁶ Em uma busca rápida na internet, o significado de ambivalente caiu como uma luva para esse capítulo: ambivalência é o ato de ser ambivalente que, por sua vez, significa dualidade de sentimento. (dicionário informal)

Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa se propõe a responder questões particulares, sem compromisso com (ou mesmo resistindo a) generalizações, a partir de análises que focalizam sobretudo processos de produção de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Apostando na abordagem qualitativa em pesquisa, Conceição Nogueira (2000) afirma que a produção do conhecimento científico precisa ser entendida não mais como busca de verdades e leis universais, mas sim como uma prática social, descolando o foco da atenção da pessoa para o domínio social. “A psicologia, em tal perspectiva, torna-se o estudo do ser socialmente construído, o produto de discursos históricos e culturalmente contingentes, discursos que trazem consigo uma rede complexa de relações de poder” (p.146).

Ao falar de pesquisa com orientação construcionista, Medrado e Lyra (2015) sintetizam alguns princípios que norteiam pesquisas nessa perspectiva, entre eles:

[...] a especificidade cultural e histórica das formas de se conhecer o mundo; a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento; a interligação entre conhecimento e ação e a valorização de uma postura crítica e reflexiva (MEDRADO; LYRA, 2015, p.05).

Tendo esses princípios como base, esses autores fazem uma síntese em três grandes pilares que sustentam a abordagem construcionista, do ponto de vista metodológico, epistemológico e político:

1) ponto de vista do método, a crítica aprofunda à ideia da linguagem como representação da realidade e uma aposta na concepção de linguagem como ação, inspirada no movimento resultante da virada linguística e na filosofia neo-pragmática; 2) do ponto de vista epistemológico, a crítica a abordagens científicas que apostam em dicotomias (corpo-mente, objetividade-subjetividade, realidade-ficção, indivíduo-sociedade, natureza-social); e 3) do ponto de vista político, o reconhecimento da ciência como uma prática social situada e, portanto, uma resistência à suposta neutralidade do método científico (MEDRADO; LYRA, 2015, p. 05).

O objetivo nesse capítulo é falar sobre minhas andanças nas trilhas metodológicas.⁷ Escolhemos usar “trilhas” porque transmite a ideia de percalços e ajustes no caminho, sejam eles pedras que puderam ser retiradas, ou buracos no caminho que exigiram recuos e busca de outras formas de caminhar.

Originalmente, a escolha por fazer as entrevistas com mulheres bissexuais aconteceu por vários motivos. Um deles foi considerando que estudos sobre bissexuais tem um recorte privilegiado de comportamento sexual de homens bissexuais (SEFFNER, 2003; GONDIM, KERR-PONTES, 2000; GRECO *et al*, 2007). Consideramos que esta opção metodológica, como qualquer outra, resultaria em limites e possibilidades situadas, mas me permitiria também contrastes, ampliando a leitura na interface entre gênero e sexualidade, considerando especialmente contradições simbólicas que tendem a diferenciar experiências masculinas e femininas.

Ao longo de quase dois anos de mestrado, envolvi-me em vários espaços em que o tema da sexualidade circulava, seja no meu Grupo de pesquisa em Gênero e Masculinidades da UFPE (GEMA-UFPE), seja nas reuniões do Fórum LGBT de Pernambuco ou até mesmo (ou principalmente) nas rodas de conversa com amigos que sempre se animavam para conversar sobre “essas putarias de Mari”.

A experiência no GEMA foi bem importante para fazer essas redes pois todos diziam conhecer “várias mulheres bi”. “Você não vai ter dificuldades em achar alguém pra fazer a entrevista”, me diziam. Mas, não foi bem assim (essa talvez tenha sido minha primeira “pedra no meio do caminho”, mas falarei sobre isso mais a frente). E foi como representante do GEMA que me inseri entre 2013 e 2014 no Fórum LGBT de Pernambuco. Apesar de naquele espaço não me identificar como uma pessoa bissexual, era muito rico ouvir e ver militantes nas reuniões falarem sobre bissexuais no movimento.

⁷ Em alguns momentos usarei a 1ª pessoa do singular mesmo afirmando que a construção dessa dissertação tenha sido coletiva, pois foram escolhas e experiências que cabem a mim. Em outros momentos continuarei usando a 1ª pessoa do plural.

Em uma das reuniões, por exemplo, na qual o ponto de pauta era a escolha das pessoas que iriam tirar as fotos para os cartazes de divulgação da 12ª Parada da Diversidade (2013), surgiu a ideia de pegar um representante de cada letra para que todos estivessem contemplados. Foi então que surgiu a dúvida da escolha do “B”. Não havia nenhum representante no Fórum e um participante homem falou “Não existe uma pessoa bissexual, ou ela é gay ou ela é hetero. Não tem como ser os dois, só se a pessoa estiver sem querer sair do armário.” A primeira reação foi de riso de todos os presentes. Um homem, que estava mediando a reunião, problematizou afirmando que dizer que é bissexual é mais vantagem porque as outras pessoas, teoricamente, já estariam preparadas para qualquer coisa.

Apesar de me sentir mobilizada no momento, não provoquei nenhuma reflexão, talvez por minha imaturidade e vergonha ou por me achar muito recente nesse ambiente e poderia ter causado um mal estar. No final da reunião não houve nenhuma indicação Bi.

Estudar a bissexualidade sempre me deu muito tesão, me instigava em vários aspectos, mas não era sempre assim. No momento entre a qualificação e a aprovação no comitê de ética esse tesão sumiu e eu sentia um grande distanciamento entre mim e o campo, era como se eu não estivesse tão afim de me deixar penetrar pelo tema e a busca por referências bibliográficas me bastasse para tirar os meus receios.

E foi esse momento de sombra que encaixo uma ida despreziosa com umas amigas⁸ na creperia próxima da UFPE como o “start” para começar as entrevistas. Estava desmotivada, não tinha em mente o que poderia definir ou não uma mulher bissexual, sentia-me frágil teoricamente para “ir a campo” e, enquanto tomava uma cerveja esperando meu crepe chegar, fui “sabatada” com perguntas sobre meu roteiro de entrevista, com quem estava começando a fazer os contatos, porque eu estava separando tão didaticamente práticas de desejos sexuais, porque usar identidade...enfim. Não sabia responder

⁸ Thaissa, Juliana Sampaio e Samelinha

metade das perguntas e Samella (minha amiga) me indicou a leitura da introdução do livro “Uma interpretação do desejo” escrita por Jeffrey Escoffier, que falava, sobre como Gagnon e Simon começaram a pincelar os conceitos de roteiros e cenas sexuais. Jeffrey argumenta que esses autores apostam na perspectiva

[...] de que a prática do sexo requer uma aprendizagem e de que somente por estarem inseridos em “roteiros” sociais é que os atos físicos do sexo tornam-se possíveis. [...] Nessa teoria, afirmaram que os indivíduos usam sua habilidade interativa, bem como material da fantasia e mitos culturais, para desenvolver roteiros (com deixas e diálogos apropriados), como um modo de organizar seu comportamento sexual (ESCOFFIER, 2006, p.21)

Dessa forma, comecei a pensar discursos que pudessem organizar as cenas bissexuais das mulheres, passando a propor uma conversa sobre sexualidade com as mulheres bissexuais que aceitassem participar da pesquisa.

Foi então que eu li o texto de Peter Spink (2003) que fala sobre a construção de campo/tema em pesquisas na área da Psicologia Social. Essa leitura me permitiu perceber que eu estava desde sempre inserida no campo, mas que talvez não estivesse tão atenta a isso.

Segundo o autor, a partir da influência do construcionismo sobre linguagem, “o ‘campo’ começou a ser visto não como lugar específico, mas como a situação atual do assunto [...]. Nesta ótica, não é o campo que tem o assunto, mas é o assunto que tem um campo” (p.22). Radicalizando esta ideia, passei a pensar a minha dissertação como uma forma de contar uma história, uma versão, de uma mulher bissexual que procurou estudar a bissexualidade feminina.

Sem dúvidas, a ferramenta do diário foi fundamental em todos os momentos dessa pesquisa. Segundo (MEDRADO; SPINK; MÉLLO; 2014), os diários fazem parte de nosso cotidiano de várias formas e mesmo não ocupando o lugar central da pesquisa, eles precisam ser encaixados no “conjunto de informações que nos auxiliaram na produção da análise, ou seja,

em bom português: sobras que não sabemos onde encaixar, ou que não sabemos como incluir em nossas pesquisas” (p. 273).

A construção constante dos diários é entendida como uma produção discursiva, pois são inseridas “as memórias, os escritos autobiográficos, os diários pessoais, as correspondências, etc.” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 274). Nessa pesquisa, busquei utilizar todas as formas de registros, produzidos por mim ou por pessoas próximas, com o objetivo de dar maior visibilidade às impressões de pesquisadora. Esses registros foram fundamentais durante toda a pesquisa pois apostamos que é uma ferramenta importante e pode “ser objeto de muita especulação, as quais incluem desde uma preocupação sobre o que e como se escreve até o modo como ocorre o processo de interpretação e a complicada questão da autoria” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p.276).

Ao apostar nos diários como práticas discursivas, não podemos deixar de lado a importância

[...] que esses textos [os diários] assumem nas vidas de quem escreve e de quem os lê muito [é] mais do que uma simples relação entre linguagem e ação. São objeto de amor e ódio, a depender do momento de construção da pesquisa. [...] Enfim, eles se constituem em ações que, portanto, produzem efeitos, mobilizam afetos, são atuantes em jogo. (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p.277)

Ainda na discussão do campo-tema proposta por Peter, a escrita dos diários de pesquisa me ajudou a acomodar melhor as primeiras dificuldades encontradas na estratégia para encontrar as possíveis interlocutoras, inspirada na estratégia da bola de neve. Quando escolhi trabalhar somente com mulheres que se definissem como bissexuais, eu deixava de fora aquelas que, apesar de serem identificadas pelos outros como bi, não se identificavam como tal. Essa foi, sem dúvidas, a minha pedra mais pesada pois, a partir da minha visão romantizada da bissexualidade⁹, achei que não iria ter problemas

⁹ Esse trabalho não é biográfico, mas é importante contextualizar a minha experiência, como um trabalho “situado”.

em achar mulheres bissexuais, já que a minha rede de contato a definia como tal, elas também se identificariam assim.

4.1. Encontros e desencontros no campo e com as mulheres Bi

Não havia, a princípio, uma quantidade ideal de entrevistas e pensamos no critério de saturação trazido por Minayo (2012), que diz que quando as falas começassem a se repetir, a realização de mais entrevistas não ampliaria mais compreensão. Mas o que ocorreu talvez tenha sido uma saturação do campo, e não das entrevistas.

Depois de despertar para a noção de campo-tema, comecei talvez a querer me *sujar* mais desse campo e realizei minha primeira entrevista. Foi tateando, sem saber muito o que iria surgir, mas foi muito bom ter um *feed back* dessa mulher pois ela é da universidade e me deu algumas dicas para conduzir melhor. Essa entrevista aconteceu em minha casa e parece que o entusiasmo em pesquisar bissexualidade voltou e, na mesma semana, consegui fazer mais uma entrevista, essa ocorreu no laguinho da UFPE (foto a seguir).

Essa segunda mulher também está inserida num contexto acadêmico onde as discussões de gênero e feminismo lhe eram muito próximas e foi através das aulas do mestrado que pude conhecê-la. A escolha do lugar foi feita por ela, mas acabei achando uma boa pedida pois é um lugar super agradável, com bastante verde e brisa, muito aconchegante. Essa ideia me deu vontade de fazer um piquinique e no dia levei frutinhas (como uva, maçã e morangos), água, suco e uma canga para colocar no gramado e ficar mais a vontade.

Porém, mais uma vez, não consegui me soltar como queria. A conversa fluiu muito bem, inclusive ela se mostrou muito a vontade para conversar, mas as frutas foram oferecidas e não saíram da minha bolsa.

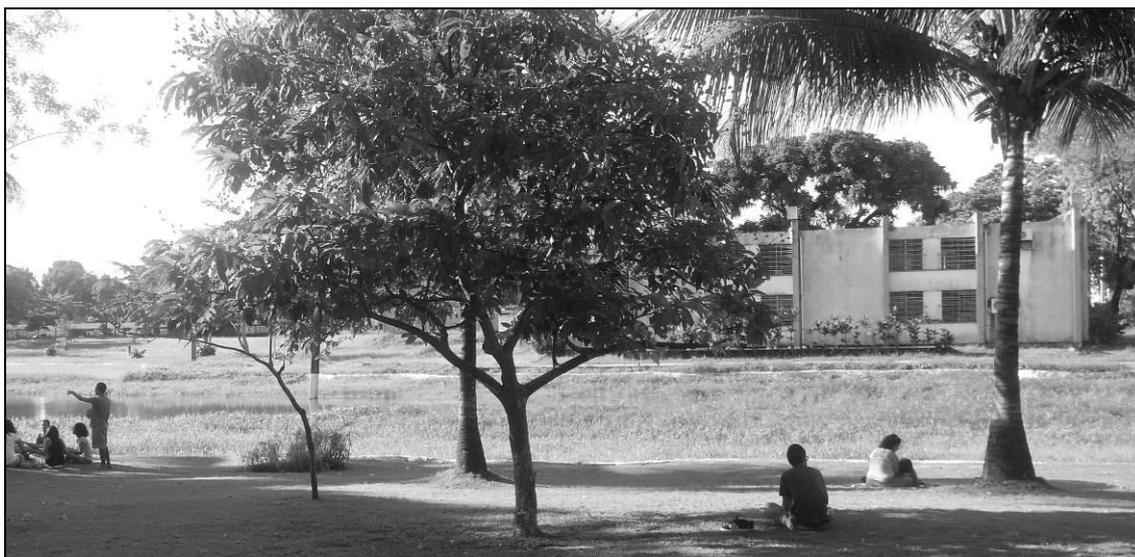


Figura 1: Fotografia do “laguinho” da UFPE

A terceira entrevista aconteceu no shopping Boa Vista ¹⁰ e foi um grande desafio por vários motivos. O primeiro deles foi fazer duas entrevistas ao mesmo tempo. Eu tinha o contato de uma delas através de um amigo que estava em uma das inúmeras mesas de bar e me disse “ela é da putaria e vai adorar participar”. E ela foi muito empolgada, tão empolgada que levou a ex-namorada que também é bissexual. Elas me perguntaram se poderia fazer juntas e eu topei, não sabia muito se implicaria em algo bom ou ruim, deixei que as coisas fluíssem, e fluíram. A proximidade delas fez surgir assuntos delicados, como por exemplo, a relação delas com suas famílias quando elas assumiram o relacionamento.

Outro desafio foi em relação ao uso das palavras para fazer as perguntas. Pois, enquanto nas duas primeiras entrevistas eu estava na minha zona de conforto da academia (eu falava em feminismo, sociedade patriarcal e usos da identidade como pauta política), com essas meninas tive que reinventar minhas palavras, já que elas não estavam inseridas no mesmo

¹⁰ Apesar de não fazer parte dos nossos objetivos falar sobre espaços de sociabilidade LGBT, vale ressaltar que o Shopping Boa Vista em Recife é considerado um espaço em que sempre circulam e acaba sendo um ponto de encontro dos LGBT. Esse é um shopping situado no centro da cidade e já tiveram situações de denúncias de homofobia.

contexto que eu estava. Apesar de ser inicialmente um problema, a diferença de contexto não inviabilizou a conversa, mas foi importante para lembrar-me que não há discursos tão uniformes, nem para quem entrevista nem para quem é entrevistado.

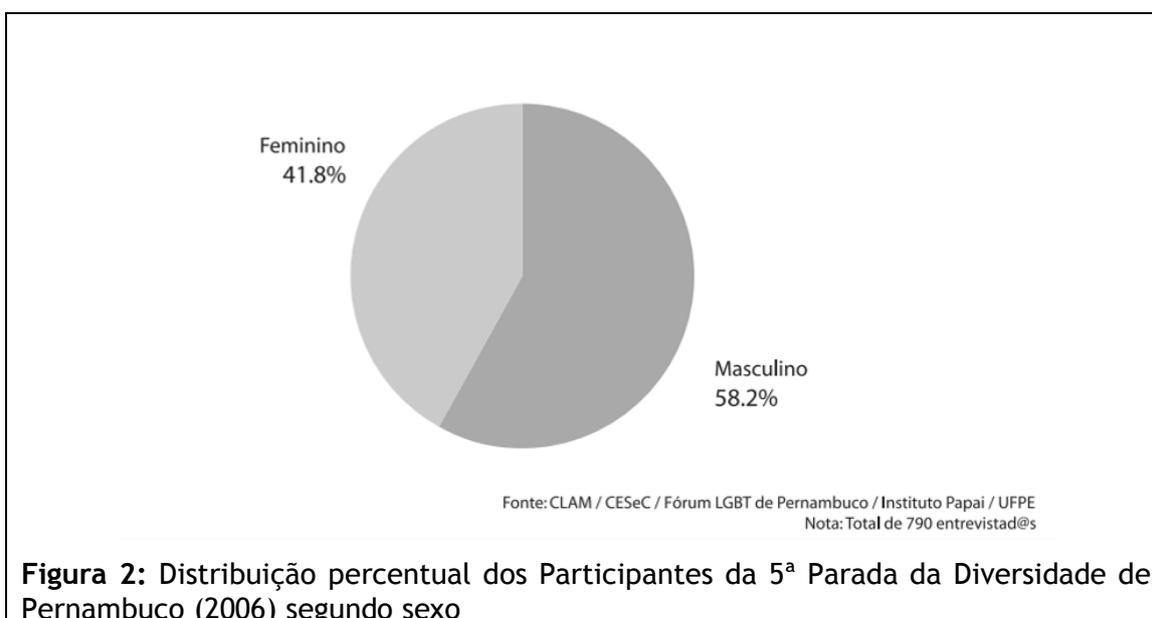
Fiquei pensando que poderia dividir em dois tipos de entrevistas: as primeiras seriam experiências pessoais e acadêmicas da bissexualidade e as segundas seriam experiências da vida real mesmo. Pensei sobre essa possível divisão porque nas primeiras entrevistas a discussão de gênero, identidade e feminismo, por exemplo, aparecem para apoiar as experiências sexuais dessas mulheres. Ao mesmo tempo em que as entrevistadas que não faziam parte do contexto da universidade traziam questões sobre aceitação da família, violência e falavam mais abertamente sobre suas experiências sexuais. Essa divisão pode soar deslegitimadora das experiências acadêmicas, além de essencializar sempre como antagônicos os discursos acadêmicos dos não acadêmicos.

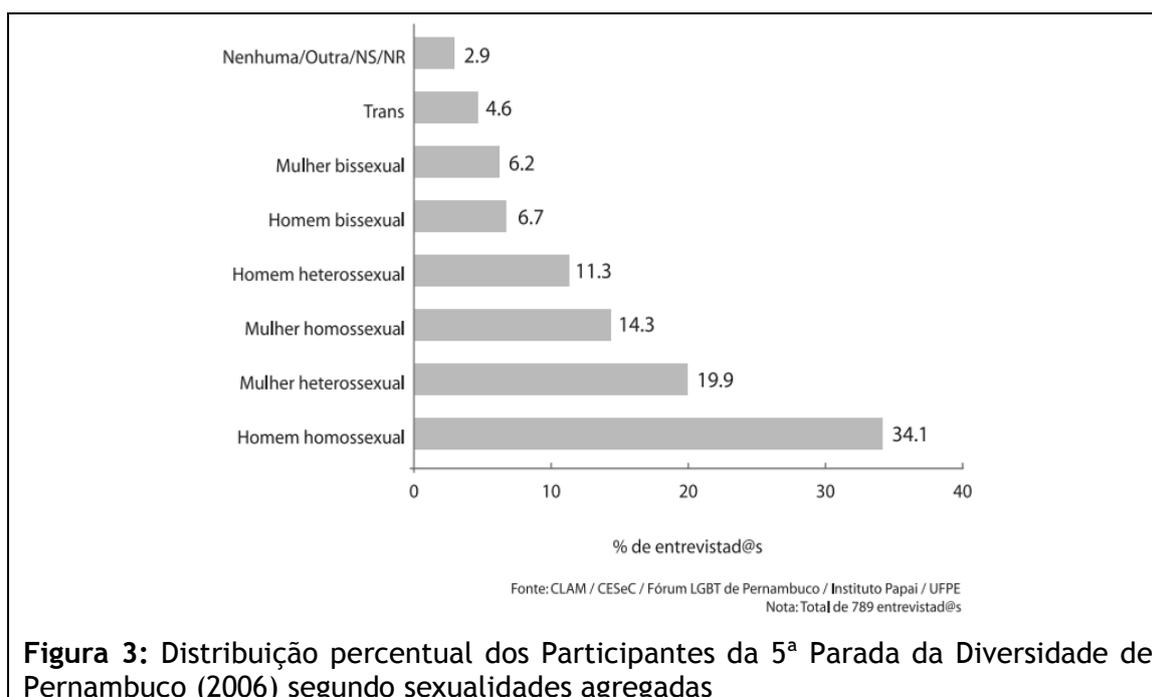
Durante as entrevistas, perguntei se elas tinham alguém para indicar e todas elas responderam negativamente, o que me fez voltar a perguntar a amigos e colegas novas indicações. Nessas novas indicações apareceram as recusas porque elas não se identificavam como mulheres bissexuais. Não era uma recusa de fato¹¹, elas se mostravam disponíveis a participar, mas como foi um critério que eu achei, no momento, importante para falar sobre bissexualidade feminina, eu achei melhor não fazer.

Nesse momento achei que poderia finalizar as buscas por novas mulheres bissexuais, principalmente após relembrar os dados da pesquisa da Parada da Diversidade de Pernambuco de 2006. Apesar dessa pesquisa não ter o objetivo de generalizar os dados, ela me deu base para, em nível regional, argumentar sobre a invisibilidade da categoria bissexual e a partir daí justificar a minha pausa em procurar novas participantes.

¹¹ Essa discussão sobre ter que entrevistar mulheres que se definissem como bissexual será retomada nas considerações finais.

Segundo os dados dessa pesquisa (figuras 2 e 3), organizados por Sergio Carrara et al (2007), as pessoas do sexo feminino que participaram da Parada naquele ano foram em menor quantidade do que os homens (41,8% de mulheres e 58,2% de homens) de acordo com a figura 2. Quanto à sexualidade agregada (estratégia usada na pesquisa para dar visibilidade a certas posições de sujeito), notamos na figura 3 que a participação de mulheres bissexuais é muito pequena (6,2%), inclusive se comparada à presença de mulheres heterossexuais (19,9%). Não é a toa que, na minha busca por mulheres bissexuais, tive dificuldades em encontrar mulheres que se identificassem como tal.





Esse foi um momento de muita reflexão por dois motivos: porque eu tinha escolhido fechar em mulheres que se definiam a partir de uma identidade bissexual, mas num primeiro momento não me pareceu relevante analisar que “características” ou indicadores eram utilizados por pessoas para identificarem¹² outras como bissexuais. Na primeira reflexão percebi que tinha me mobilizado a pesquisar a bissexualidade muito mais pela minha experiência como uma mulher bissexual que se incomodava em ouvir certos tipos de comentários que inferiorizavam o meu lugar. Isso não seria o suficiente para justificar a escolha de só entrevistar as bissexuais, pois poderia escolher fazer a entrevista com outras pessoas para falar da bissexualidade mas, para mim, isso não fazia sentido, já que estava interessada em saber as construções dessas mulheres sobre sua sexualidade bissexual.

Nesse sentido, a feminista Joan Scott (1995) fala em seu texto “Experiência” que “histórias são escritas a partir de perspectivas ou pontos de

¹² As análises serão iniciadas a partir desse ponto, usando os diários de pesquisa para tratar de performatividade e bissexualidade

vista fundamentalmente diferentes.” (p.24). Dessa forma, ficou claro que poderia fazer um trabalho que falasse de um lugar bissexual, mas que não seria, por si só verdadeiro, mas talvez mais legítimo para uma mulher bissexual.

Uma segunda reflexão foi ainda mais mobilizadora. O jogo entre o que eu sou ou o que pareço ser é muito interessante, pois pode dizer muito sobre contexto do público e privado, ou seja, o que eu mostro ser ou o que eu me permito fazer entre quatro paredes. Eu pensava que a identidade bissexual significasse algo mais libertário, algo que permitisse melhor o trânsito em vários lugares, mas em uma das recusas eu ouvi a justificativa de que ela não se prende a identidades e o que ela vive está além do que ela imagina ser uma mulher bissexual. Essas ideias serão melhor trabalhadas nos resultados.

Apesar de não ser um marcador pensado inicialmente para compor minha coleta, acho interessante ressaltar a importância da idade nos cruzamentos dos resultados da Pesquisa da Parada da Diversidade de 2006, ao identificar que a população de bissexuais na parada (assim como em minha pesquisa) era predominantemente jovem. Segundo Carrara (2007),

a categoria “bissexual” também tende a predominar entre os(as) mais jovens. Seu número cai progressivamente segundo as diferentes faixas etárias, indo de 21,1% entre os(as) que tinham até 18 anos, passando para 11,5% na faixa daqueles(as) entre 22 e 29 anos, para chegar a 5,6% entre os(as) que tinham idades entre 30 e 39 anos. Entre os(as) que tinham menos de 21 anos, 50% disseram-se “bissexuais”. Diferente das pesquisas anteriores, que apontavam um maior número de “bissexuais” entre mulheres, o número de homens e mulheres que se declararam “bissexuais” em Recife se equivale (52% e 48%, respectivamente). (CARRACA, 2007, p.25)

Porém, enquanto as reflexões críticas se desenvolviam, enfrentava dificuldades em ampliar o número de entrevistas. Precisava dessas entrevistas porque o material produzido se mostrava insuficiente, inclusive porque não havia tido autorização para gravar todas as entrevistas realizadas. Tentei ainda realizar outras entrevistas, porém sem sucesso.

Após três recusas, resolvi explorar o conteúdo daquelas já realizadas, porém, em momento de orientação quase no final do processo de escrita, eu e

meu orientador identificamos que a experiência de aproximação as entrevistadas havia ampliado bastante meu olhar sobre o tema, porém não consistiam em corpus suficientemente denso para produzir as análises pretendidas.

Assim, acordamos algumas mudanças, buscando estratégias adequadas ao tempo disponível para conclusão da pesquisa, deixando um pouco de lado as entrevistas e partindo para a análise de outras produções discursivas disponíveis. A produção virtual pareceu-nos assim uma excelente alternativa.

4.2. Caminhando por espaços virtuais

A decisão por abandonar as entrevistas e por trabalhar com material de internet não foi fácil. Primeiro porque estávamos em processo de finalização do período normal do mestrado e segundo por falta de experiência minha nesse tipo de estudo.

Me deu alento a leitura de um texto de Medrado e Lyra (2015), no qual os autores afirmam que é comum que o trabalho de campo não saia da forma como foi planejado, como foi nesse caso.

Muitos são os imprevistos e as necessidades de ajustes, seja em função de limitações técnicas, pessoais ou mesmo familiares do/a pesquisador/a [...], seja porque os/as entrevistados/as se recusam a participar, “dão cano” ou quando as entrevistas não se rendem (MEDRADO, LYRA, 2015, p.01).

Esses autores também falam sobre os percalços de uma pesquisa a partir de uma metáfora muito interessante em que comparam os caminhos e rumos de uma pesquisa como uma viagem que produz deslocamentos de si. Eles usam os instrumentos de localização, a bússola e a biruta, para falar sobre os usos dos instrumentos durante a pesquisa, ou seja, “é preciso reconhecer que muitas vezes os instrumentos utilizados na *pesquisa-viagem* se aproximam mais bem da biruta do que da bússola.”.

Além das dificuldades pessoais, ao optar por estudar material de mídia, sabíamos que essa não seria uma escolha fácil, pois esse material discursivo a ser analisado não havia sido produzido pelos pesquisadores e

pesquisados. Sendo assim, “a sensação de que a interpretação pode, em algum momento, passar dos limites, é frequente” (MEDRADO, LYRA, 2015, p.01)

Para construção do nosso corpus de análise, procuramos em site de busca alguma página na internet que abordasse o tema da “bissexualidade feminina” e achamos um blog muito interessante, dada seu foco temático e sua amplitude de textos: o Blog “Soubi”.

Sentimos que seria um espaço muito rico para encontrar não só pessoas do mundo todo no bate papo interessadas em conversar sobre sexualidade, assim como ver o que tem sido escrito sobre bissexualidade.

Este site, produzido por uma brasileira, está disponível na rede mundial de computadores e tem frequentadores de diferentes países, inclusive do Brasil e outros países de língua portuguesa. Trata-se de uma página, que se define como “Um blog para quem é bissexual” dedicada a publicações e troca de informações, incluindo uma ativa sala de bate papos (com presença especialmente de brasileiros/as e portugueses/as) e seis sessões: Bissexualidade feminina, Mundo LGBT, Bissexualidade Masculina, Histórias reais, Estudos, Entrevistas.

O blog apresenta um total de 5.655 páginas (conforme consulta realizada em 24/01/2015, via site urlMétrica: <http://urlm.com.br>). Considerando os objetivos de nossa pesquisa, bem como a natureza, o conteúdo e o volume do material disponível neste blog, optamos pela análise das produções discursivas disponíveis da Sessão “Bissexualidade feminina”, que inclui um total de 134 postagens, distribuídas em 14 páginas, sendo a mais recente datada de 25 de outubro de 2014 e a mais antiga de 15 de julho de 2011. Essa data de 2014 não é a última postagem do Blog, pois ele é atualizado frequentemente, porém, não houve mais nenhuma publicação na sessão por nós escolhida para análise.



Figura 4: Imagem da tela inicial do Blog “SOUBI” (02/03/2015)

No espaço “sobre a autora” encontramos a seguinte descrição do blog:

Sou mulher, bissexual e feminina. Depois de alguns namoros longos com homens, aos 29 anos sou casada com uma mulher. Criei esse espaço para debatermos sobre a nossa sexualidade sem medo de reprovação e para construirmos juntos uma sociedade livre de preconceitos.

Não estou aqui apenas para ajudar outras pessoas a se encontrarem, mas também para me encontrar.

Compartilhe comigo também a sua história.

Grande abraço!

Amanda

Ainda em orientação, em comum acordo, decidimos focar as produções discursivas publicadas nesse blog, utilizando eventualmente as informações produzidas durante as entrevistas e registradas em diários, quando necessário para exemplificar reflexões ou simplificar argumentos.

No entanto, nessa nova perspectiva de estudo que é trabalhar com a produção virtual, nos vimos caminhando por novas trilhas que precisariam de um novo investimento. Em conversa com meu orientador, me foram indicadas leituras de artigos que falassem de estudos com blogs ou material virtual.

Os estudos com materiais produzidos e publicados na internet se fazem importantes ao pensarmos essa ferramenta como uma realidade imaterial. Um desses estudos, produzido por Parreiras (2009), aborda como o

desenvolvimento rápido da internet, conhecida também como realidade virtual ou ciberespaço, tencionou o campo dos estudos antropológicos, “fazendo com que a própria metodologia de trabalho precisasse,[...] adequar-se às novas demandas, em especial ao fato de não se tratar mais de uma realidade material, física e baseada em contatos face a face” (p. 343).

Ainda segundo a autora, com o advento da comunicação virtual, outras questões também surgiram, como por exemplo, “a busca de entendimento das identidades virtuais, a construção e reconstrução de corpos no virtual, as diferentes representações da subjetividade, o estabelecimento de relações de sociabilidade” (PARREIRAS, 2009, p.343).

Desse modo, ao tomar a internet como um espaço de sociabilidade, propomos também que

[...] este espaço só ganha significação a partir das práticas e vivências dos usuários, os quais estão durante todo o tempo desenvolvendo entre si (e com o próprio aparato tecnológico) diferentes tipos de relações, algumas delas circunscritas apenas ao virtual e outras que extrapolam os contatos mediados por computadores. (PARREIRAS, 2009,p.344)

Segundo Gomes (2005), o blog é uma abreviação do termo original “weblog”, que

[...] é uma página na Web que se pressupõe ser actualizada com grande frequência através de colocação de mensagens- que se designam “*post*”- constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões [...] e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar. (GOMES, 2005, p.311)

Para essa autora, a importância de estudar materiais veiculados na internet se justifica a partir do

[...] sucesso dos blogs [que] está muito provavelmente associado ao facto destes constituírem espaços de publicação na web, facilmente utilizáveis por internautas sem conhecimentos de construção de websites, e frequentemente sem custos para os seus criadores existindo sites que disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento gratuito de weblogs (GOMES, 2005, p.312)

Ainda segundo essa autora, apesar de haver essa definição, ela também aponta para a diversidade de formas de se construir um blog, desde um autor independente com interesse em compartilhar suas intimidades, além da “autoria institucional formalmente assumida, passando pelos blogs criados e mantidos por grupo de pessoas” (GOMES, 2005, p.312).

Um tipo de blog apontado por Gomes (2005) parece muito com o perfil do blog escolhido para nossa pesquisa, na medida em que constitui

[...] um registro digital das reflexões e/ou emoções do seu autor ou apresentar-se com um espaço de troca de ideias e confronto de perspectivas, procurando o escrutínio público e incentivando a participação dos “bloggers” que o visitam (GOMES, 2005, p.312).

O blog SOUBI nos disponibiliza, além das postagens sobre o tema da bissexualidade, um chat onde quem o acessa entra automaticamente nessa sala de bate papo chamada de “sala pública”. Para quem é cadastrado no site, já entra com o seu nome e poucas são as pessoas que têm fazem isso.

Na maioria dos casos (inclusive no meu caso), os nomes aparecem como “convidado” e um número. Ao ler as postagens e alguns comentários do chat, notamos que essa ferramenta não era disponível desde o início, pois o blog iniciou com pouca visibilidade e sem recurso. Porém, não podemos dizer ao certo quando houve essa mudança.

É interessante perceber que a questão do anonimato¹³ em páginas da internet é encontrado em outros estudos sobre o tema da sexualidade. Segundo Parreiras (2009), em seu artigo sobre perfis usados em uma rede social, ela fala que a montagem de um perfil tem seus objetivos. Existem os perfis *fakes* em que as informações contidas neles não condizem com as informações “verdadeiras” do “mundo real”, ou seja, “o *fake* busca romper com associações que o vinculem a uma realidade não-virtual. Desse modo, tudo é fabricado: nome, descrição, atitudes, imagens” (PARREIRAS, 2009,

¹³ A questão de anonimato e visibilidade será retomada nas análises

p.351). “Os perfis que funcionam como construções identitárias para os usuários” (PARREIRAS, 2009, p. 346).

Ainda segundo as reflexões de Parreiras sobre internet e perfis das pessoas que a usam, concordamos quando ela diz que “com o advento da internet, o entendimento da maneira como os corpos são concebidos e apresentados no virtual emergiu como uma das principais preocupações nas análises” (PARREIRAS, 2009, p. 347). Entendemos que, apesar da autora falar sobre corpos produzidos no “virtual”, nessa dissertação também procuramos entender não corpos (no sentido físico), mas sim repertórios das falas e posicionamentos a partir de materiais do Blog.



Figura 5: Imagem do Blog destacando os nomes no chat

Durante as muitas horas fazendo a análise das postagens do blog, pude, em alguns momentos, iniciar conversas no chat e foi muito interessante que encontrei pessoas que diziam serem homens que estavam procurando amizade com mulheres, mas a primeira pergunta que me fez era se eu era solteira.

Encontrei também uma mulher dizendo ser apaixonada pela namorada que era bi, mas não queria assumi-la porque tem filho e é recém divorciada.

Acabei conversando com um homem de Portugal que tinha namorada e procurava no blog encontrar mulheres para fazer ménage (inclusive me fez perguntas muito intimas, como por exemplo, se me depilo, se fico com mulheres ou se meu parceiro aceitaria fazer troca de casais). Além das conversas privadas, há também a sala pública, na qual todos podem participar. Assim que comecei a ler as postagens do Blog, achei que seria interessante me apresentar como uma mulher bissexual que pesquisa sobre o tema, mas não houve repercussão e minha aposta é que a falta de identificação possa ter dificultado o meu reconhecimento.

Na maior parte do tempo, fazia a leitura dos *post* no período da madrugada e um ponto que me fez não dar muita atenção ao chat de bate papo (mesmo acreditando que esse seria um bom espaço para dialogar sobre bissexualidade feminina) foi que o teor das conversas era de paquera e me senti numa sala de encontros.

Ainda sobre a estrutura do Blog, há os comentários para cada *post*, que é acompanhado de imagens. Entendemos que esses são componentes que permitiriam outros caminhos (diferentes ou não) para a análise, porém escolhemos focar nos repertórios do *post* em si, dado o volume de informações ali disponíveis (134 textos) e o tempo escasso para a conclusão desta pesquisa.

4.3. Cuidados éticos

Apesar de que no final da dissertação optamos por trabalhar somente com material de mídia, achamos importante frisar a importância do cuidado ético nos momentos das análises e interpretações, pois entendemos que

essas análises são também uma prática discursiva. São interpretações: subjetivas, porque deste autor; mas objetiváveis e generalizáveis porque apoiadas na leitura de textos já produzidos sobre a mesma temática, pelo rigor na elaboração das estratégias metodológicas e pela busca de coerência interna das exposições (MEDRADO, 2004, p.220)

O protocolo desta pesquisa seguiu assim rigorosamente as resoluções 196/96 e 251/97, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que

regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos. Antes de começar o campo, esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UFPE (número do parecer: 554.366) e antes do início da pesquisa de campo e todas as entrevistas foram precedidas da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Além da ética institucionalizada e suas diretrizes, essa pesquisa segue a ideia de Mary Jane Spink e Vera Menegon (2004) sobre pesquisa ética. Partindo da postura construcionista, a pesquisa ética configura-se pelo compromisso e aceitação dos seguintes aspectos:

1) pensar a pesquisa como uma prática social, adotando uma postura reflexiva em face do que consideramos produzir conhecimento[...]; 2) garantir a visibilidade dos procedimentos de coleta e análise dos dados [...]; e 3) aceitar que a dialogia é intrínseca à relação que se estabelece entre pesquisador e participantes. (SPINK; MENEGON, 2004, p.91)

Nesse aspecto ético, acho necessário frisar as minhas impressões e angústias em alguns momentos do campo. Um desses momentos foi quando, após ter feito a entrevista, uma das participantes pediu para que não fosse usada a sua entrevista. Foi um momento muito difícil pois, apesar de ter aceitado (por questões éticas da pesquisa e questões pessoais) não usá-la, a presença dela no campo fez toda a diferença pra problematizar a questão da alteridade e identidade. Não sabia como falar dessa experiência até pensar que, antes de tudo, é uma questão de cuidado para além da ética institucionalizada.

4.4. Estratégias de análises

A análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações (MINAYO, 2012, p.27)

Após as transcrições, as informações foram analisadas a partir de estratégias de análise de práticas discursivas, proposto por Spink e Lima (2004), tendo por referência a abordagem construcionista e da Psicologia Social.

O material básico que foi analisado e, a partir dele, criado categorias, foi o achado do blog SOUBI. Nesse site, fizemos a leitura de todas as 134 postagens dessa autora sobre bissexualidade feminina, durante o seu tempo de existência, de 2011 a 2014 e destacando os marcadores utilizados: Bissexualidade feminina; Bissexualidade masculina; Mundo LGBT e Histórias Reais.

Esse apanhado discursivo foi tratado e dividido em grandes ideias, foram elas: ideia central do texto, nomeações (expressões, sinônimos para bissexualidade), origem da bissexualidade, práticas que definem a bissexualidade, características de bissexuais e demandas públicas que favoreciam direitos dos bissexuais.

5. REAFIRMANDO E/OU REPENSANDO A BISSEXUALIDADE FEMININA

*Não, eu sequer sei o seu nome
Isso não importa
Você é meu jogo de experimentar
Apenas a natureza humana
Não é o que boas garotas fazem
Não como elas devem agir
Minha cabeça ficou tão confusa
Difícil de obedecer
Eu beijei uma garota, e gostei disso
(tradução da música "I Kissed a girl, Katy Perry)*

Após a leitura das 134 postagens¹⁴ da sessão “bissexualidade feminina” do blog BLOGSOUBI, fizemos um conjunto de anotações dispersas sobre o conteúdo dos textos ali publicados, buscando identificar tanto tendências como variações.

Em seguida, de modo a sistematizar as informações, tal qual sugerem MEDRADO; LYRA (2015), elaboramos um quadro, dividido em seis marcadores de

¹⁴Para uma melhor visualização dos resultados, a tabela contendo todas as postagens numeradas e datadas encontra-se no Apêndice dessa dissertação.

análise que nos ajudaram a visualizar melhor as informações disponíveis e assim organizamos linhas de análise, conforme ilustrado a seguir. Apesar de descrevermos os repertórios encontrados no Blog, não necessariamente concordamos com o que eles e, quando necessário, nos posicionaremos. Mas não podemos desconsiderar que são repertórios relevantes para as construções das bissexualidades femininas.

Quadro 1: Quadro de organização das informações dos textos disponíveis no site, em função de marcadores de análise.

| Título | Ideia central do texto | Nomeações | Origem da bissexualidade | Práticas que definem a bissexualidade | Características de bissexuais | Demandas públicas que favoreciam direitos das bissexuais |
|---------------|-------------------------------|------------------|---------------------------------|--|--------------------------------------|---|
| | | | | | | |

Na coluna “ideia central do texto”, registramos uma breve síntese sobre o argumento central de cada *post*, evidenciando o foco da mensagem. Na coluna “nomeações”, inserimos os termos, expressões e sinônimos utilizados no post para se referir à bissexualidade. No que se refere à coluna “Origem da bissexualidade”, anotamos postagens que remetessem às justificativas ou explicações utilizadas tanto por bissexuais como por outras pessoas para expressar a origem da bissexualidade.

Já na coluna “práticas que definem a bissexualidade” registramos expressões que configurem uma ação bissexual, ou seja, o que faz uma bissexual ser uma bissexual. Na coluna “característica de bissexuais” utilizamos, principalmente, os aspectos físicos que aparecem como características de mulheres bissexuais: o que elas vestem, fazem ou a forma como elas se relacionam. E por fim, na coluna “Demandas públicas que favoreciam direitos das bissexuais” destacamos situações em que a bissexualidade é trazida como demanda por maior visibilidade da bissexualidade.

Esses marcadores que orientaram a análise constituíram os subtópicos desse capítulo e nos ajudaram a elaborar a apresentação dos resultados.

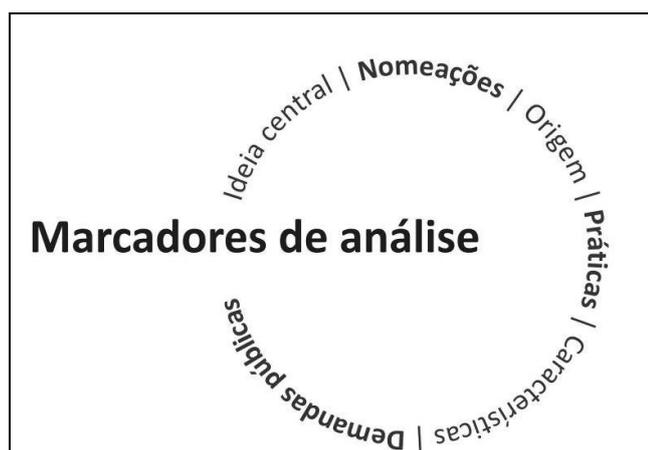


Figura 6: Marcadores de análise

5.1. Ideias centrais e gênero discursivo

Esse marcador, como foi o primeiro a ser explorado na análise, ajudou-nos a produzir uma apreciação mais geral sobre o material, bem como nos indicou os caminhos para nomear as categorias, pois quando chegávamos nos outros marcadores já estávamos mais familiarizados com o tema e argumentos utilizados.

Neste primeiro momento, identificamos que o “gênero de fala” (SPINK; MEDRADO, 1999) adotado nos *posts* publicados no blog são de orientação confessional, em que predominam relatos de experiência, porém, em geral com um tom de orientação sobre o “bom viver”, carregados, portanto, de sugestões, dicas e recomendações. Os recortes a seguir ilustram bem esse sentido de aconselhamento a partir das experiências de uma mulher que já passou por certas situações.

Acontece com quase todo mundo e você não precisa ter medo. Cabe a você fazer decisões: brigar com o preconceito e tentar viver uma experiência homossexual ou fingir que nada está acontecendo e ficar se remoendo todos os dias com esse desejo. (post nº 34, 09/05/2012)

Mas conheço poucas [menina que fala de seus sentimentos] [...]. Por quais motivos? Vou listar alguns e vejam se concordam. (Post nº 36, 29/05/2012)

Para falar de suas histórias, a autora¹⁵ argumenta que a internet pode ser compreendida como espaço de produção de visibilidade da bissexualidade. Em alguns *post ela* defende a ideia de que, já que não há espaços para falar sobre bissexualidade, ela aposta na criação do blog e nas ferramentas da internet para mudar essa realidade.

Esse aspecto é relevante porque, ao mesmo tempo em que a autora afirma uma possibilidade de visibilidade na internet, ela fala sobre ser um espaço de anonimato, pois você pode falar sem precisar se identificar. Em seu estudo sobre (homo) sexualidades e erotismo a partir de notas sobre avatares, Carolina Parreira (2009, p.351) aponta para a construção de *avatares fakes*, na busca por rupturas “com associações que o vincule a uma realidade não-virtual. Desse modo, tudo é fabricado: nome, descrição, atitudes, imagens”. Ainda nessa linha de construção de perfis na internet, Miskolci (2013, p.317) afirma que essa não é uma ferramenta neutra, pois “ela os atrai, entre várias razões, pela possibilidade de iniciar relações [...] nas quais podem controlar toda a informação a ser fornecida para o parceiro em potencial, criando uma versão melhorada de si mesmos.”

Assim, compreendemos que os espaços que o blog oferece para que o leitor participe também favorece à construção de personagem que não necessariamente tem relação direta com o “mundo real” (muitas vezes referido como mundo off line). Não à toa, no primeiro post do blog, a autora afirma que:

Esse é um blog para ajudar as mulheres a se libertar. É difícil, no começo (aliás, até hoje é difícil), mas é preciso tentar. (post nº01, 15/07/2011)

Além do blog, a autora cita o bate papo da UOL como um possível espaço para falar e /ou “descobrir” a sua bissexualidade. A internet, apesar de não ser um espaço físico, material, é ainda um espaço de sociabilidade, espaço esse que também é apontado como “fuga” tanto por parte das

¹⁵ O uso do termo “autora” foi discutido no capítulo sobre repertórios e mídia como práticas discursivas. Para relembrar, problematizamos o conceito de autor não como uma única pessoa, mas como uma construção de vários interlocutores.

mulheres que aqui procuram pares para dialogar sobre a bissexualidade, como também para homens e casais que buscam sexo a três¹⁶. Depois do surgimento da internet, Miskolci (2013) aponta para a importância da interatividade na rede, principalmente nas pesquisas sobre a busca de parceiros, “particularmente em nosso país, onde a adesão à rede é marcada pelo uso de plataformas de socialização, o que explica a popularidade das salas de bate-papo.” (Miskolci, 2013, p.304)

Quando o desejo de beijar uma mulher começou a se tornar incontrolável, decidi extravasar entrando no bate-papo do UOL para lésbicas. (Post nº 54, 12/07/2012)

Comecei a sentir vontade de beijar mulheres novamente. Como não podia fazer nada, porque não achava certo com meu namorado, decidi viver minha fantasia em uma sala de bate-papo. (Post nº 04, 20/07/2011)

Se você está querendo assumir a sua bissexualidade, um “bom” começo pode ser o bate-papo para lésbicas. (Post nº 04, 20/07/2011)

No chat é mais fácil... ninguém está te vendo, ninguém sabe quem você é. (Post nº 26, 07/04/2012)

As salas para bissexuais não eram tão interessantes, porque na maioria das vezes eram os homens que te abordavam. (Post nº 02, 15/07/2011)

Ainda nesse seu estudo, Miskolci (2013) trás uma característica interessante sobre o perfil dos homens que buscam parceiros sexuais na internet e que podemos, a partir das postagens, fazer um paralelo com as mulheres bissexuais. Segundo esse autor, após sua “entrada” no campo, ele constatou que, apesar de ser muito heterogêneo o perfil dos usuários, “há uma marcante presença de homens que não têm sociabilidade gay na vida cotidiana, como os comprometidos com mulheres.” (Miskolci, 2013, p.304)

Outro aspecto relevante são os argumentos da autora sobre o Facebook como ferramenta de mostrar/forjar uma felicidade nem sempre verdadeira de relacionamentos heterossexuais e que os homossexuais não os fazem.

Só sei o que se passa na vida da maioria dos meus amigos do Facebook pelas fotos. Vejo os casamentos, as viagens

¹⁶ O tema do sexo/relacionamento a três será tomado com mais detalhe no marcador “práticas que definem a bissexualidade”

românticas, os beijos carinhosos, os filhos brincando. Tudo parece lindo, mágico. (Post nº 78, 27/02/2013)

Quase ninguém do meu Facebook sabe do meu relacionamento. Assim como no dela. Então ainda não nos “arriscamos” a começar a compartilhar o que realmente gostaríamos. São mais de dois anos e meio de namoro, sem registros públicos. (Post nº 78, 27/02/2013)

Eu consegui assumir para os mais íntimos, mas postar uma foto com a minha namorada no Facebook? Ainda não fui mulher pra isso. (Post nº 86, 03/04/2013)

Ainda sobre o uso das redes sociais, elas aparecem também como ferramenta para “assumir a sexualidade”. Nesse sentido a autora fala do caso de Daniela Mercury (presente em 03 posts sobre o assunto), em que ela usa a mídia e as redes sociais para falar de seu relacionamento com uma mulher, sua companheira Malu. Nesse momento é interessante perceber a forma como foi abordado pelo blog, em um post nº116 (20/10/2013), intitulado: “*Daniela Mercury está fazendo marketing?*” e se pergunta se foi uma jogada de marketing ou uma ação de visibilidade para os direitos dos LGBT?”no qual diz-se que:

A cantora Daniela Mercury assumiu nesta quarta-feira (03/04) seu relacionamento com a jornalista Malu Verçosa. A confissão oficial foi publicada na rede social Instagram. (Post nº 86, 03/04/2013)

No meu Facebook não se fala em outra coisa: “Que bafo, a Daniela Mercury é gay”, escreveu um dos meus contatos. (Post nº 86, 03/04/2013)

A revelação causou uma enxurrada de elogios e apoio. Ela se tornou um novo ícone da comunidade LGBT. Foi rainha da Parada Gay de Salvador. Virou capa de grandes revistas. Sua voz voltou com força às rádios. Ela reconquistou seu espaço na mídia. Há quem diga que foi uma bela jogada de marketing. Apesar de discordar disso, acredito que se foi mesmo, ela acertou na estratégia. Se foi marketing, ele foi bom não só para a carreira dela, mas para os gays, lésbicas e bissexuais. (Post nº116, 20/10/2013)

Neste exercício reflexivo sobre o próprio espaço da internet, o blog aborda a questão da “discriminação virtual”. Um exemplo dessa discriminação citada no blog, foi o episódio, conhecido nacionalmente, de troca de ofensas no *Instagram* do ator Alexandre Nero com sua fã.

Um ator de uma série famosa assumidamente gay disse recentemente que apoiava o casamento homossexual e foi

praticamente “linchado” no Facebook. (Post nº 62, 13/11/2012)

Eis um claro exemplo. Uma fã do ator Alexandre Nero fez a seguinte declaração em seu perfil do Instagram: “Quero ver quando você estiver com seus filhos em um restaurante e tiver 2 gays se beijando. Você vai conseguir aceitar e explicar aos seus filhos o quão normal isso é?”. (Post nº 88, 05/04/2013)

Como uma das finalidades do blog é ser um espaço de troca entre pessoas bissexuais, é frequente relatos de algumas experiências de leitoras e da própria autora do blog ou até mesmo histórias fictícias, onde ela junta várias histórias em uma só. Essa também é apontada no estudo de Miskolci (2013) quando ele fala sobre a ‘descorporificação’ das experiências na internet pois, “sem foto ou sem som, é muito mais fácil entreter um diálogo com homens que - possivelmente- no cotidiano não se sentiriam à vontade comigo.”. (Miskolci, 2013, p.306)

O conteúdo dessas experiências se aproxima em alguns casos, porém essas experiências acabaram indo para outras categorias, pois fala de preconceitos, como elas nomeiam a bissexualidade, o que elas dizem sobre a origem da bissexualidade, etc.

Uma aproximação entre esses conteúdos, que marca bem o caráter de “experiência”, é a aposta da autora de que toda mulher já teve alguma experiência lésbica. Se não chegou a fazer, existe ao menos o desejo.

Acredito que 80% das mulheres com quem conversei estavam em um relacionamento sério com um homem e morriam de vontade de viver uma experiência com uma mulher. (Post nº 26, 07/04/2012)

Quase todas as mulheres que conheço são heterossexuais e afirmam que beijariam outra mulher. Se você for heterossexual, também já deve ter sentido essa vontade. (Post nº 15, 25/01/2012)

Ao sintetizar essas ideias principais do blog, pude tentar fazer paralelos com minhas experiências como pesquisadora, como mulher bissexual e participante do Fórum LGBT de Pernambuco. Um desses paralelos diz respeito à invisibilidade das vivências bissexuais e, mais do que isso, uma desvalorização destas, seja no sentido identitário, seja no sentido de subjetivação das sujeitas.

5.2. Nomeações

Como dito anteriormente, esse marcador foi utilizado para problematizar as formas adotadas nos posts para se referir à bissexualidade e/ou à bissexual.

Organizamos o conjunto de nomeações em cinco grandes eixos, como ilustra a figura a seguir, que incluem: 1) termos associados a um entendimento da bissexualidade como jogo, brincadeira ou fantasia; 2) o desejo e as práticas bissexuais como promíscuas; 3) bissexualidade como indecisão; 4) Gostar de ambos os sexos. Além disso, houve também em alguns *posts* a resistência ao uso de nomeações, como estratégia de evitar clausuras ou restrições às práticas e desejos bissexuais.

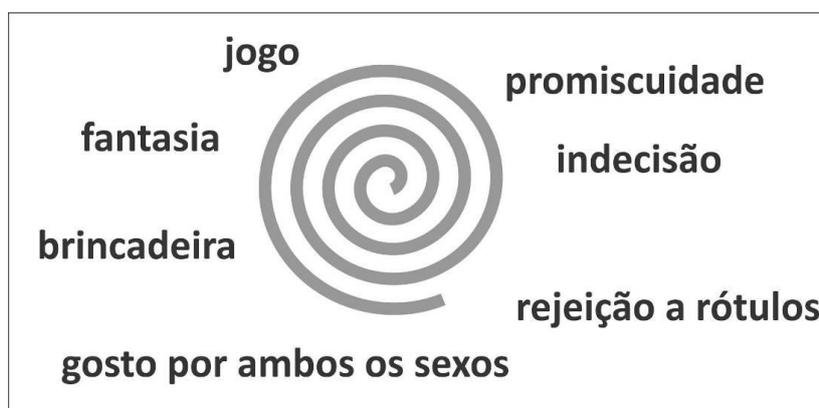


Figura 7. Categorização das nomeações atribuídas à bissexualidade nas postagens do blog SouBi.

5.2.1. Termos associados a um entendimento da bissexualidade como jogo, brincadeira ou fantasia.

Nos *posts* analisados identificamos trechos que criticam a associação da bissexualidade à negação do sujeito/desejo bissexual em legitimidade como uma identidade sexual. Em outras palavras, não se fala de um sujeito bissexual, mas afirma o caráter de brincadeira ou fantasia de beijar outras meninas, não caracterizando uma prática homossexual e nem uma traição, pois é apenas uma troca de carinho.

Eu tinha namorado. Ela também. As duas não consideravam aquilo uma traição - muito menos eles. Era apenas uma experiência “inocente”, que em nada poderia afetar o namoro. (Post nº 02, 15/07/2011)

As meninas tocavam no assunto, mas era tratado como uma brincadeira. (Post nº 21, 28/02/2012)

Esses homens não enxergam como traição a relação de suas esposas com outras mulheres. (Post nº 128, 28/05/2014)

Algumas beijam outras mulheres apenas para agradar os homens e não porque realmente queiram estar (pelo menos naquele momento) na situação. (Post nº 128, 28/05/2014)

Pensar muito em pessoas do mesmo sexo e fantasiar com elas podem ser indícios de uma tendência bissexual. (Post nº 19, 07/02/2012)

Na época, o meu namorado não achou ruim e nem considerou uma traição. (Post nº 26, 07/04/2012)

Essa última frase trás a questão da traição. Nesse momento em que a bissexualidade é associada a jogos e brincadeiras, não há o entendimento de que aconteceu uma traição, ou seja, se não houve sentimento ou envolvimento, não há motivos para se preocupar em ser traído. Inclusive no *post 02* em que a autora fala sobre sua primeira experiência com uma mulher, uma amiga de faculdade, e que a partir do momento que começou a ficar com frequência com essa amiga, as coisas começaram a “ficar erradas”.

Um dia, estávamos na casa dela e o clima esquentou. Aconteceu. E isso se repetiu por mais algumas vezes. Talvez umas dez ou mais, não sei dizer ao certo hoje. No momento eu me sentia muito bem, mas depois ficava mal. Mesmo meu namorando sabendo, eu achava que não era certo. Foi quando decidimos que isso não iria mais acontecer. (Post nº 02, 15/07/2011)

Esse tipo de nomeação da bissexualidade nos lembrou os possíveis efeitos do patriarcado¹⁷. Ao definir esse conceito, Saffioti (2004, p.104) fala de um pacto masculino de opressão de mulheres. “As relações hierárquicas entre os homens, [...] capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e manter o controle sobre as mulheres.” Essa autora vai além quando fala sobre as relações de poder que acabam seguindo a lógica do patriarcado como se esse fosse uma “máquina bem azeitada, que opera sem

¹⁷ Apesar de ser um conceito criticado dentro do movimento e pensamento feminista, acreditamos que ele ainda cabe nos dias atuais, levando em consideração as transformações sociais e históricas. Nesse sentido, entendemos o patriarcado como uma dominação masculina não corporificada nos homens, mas como um pensamento que perpassa as relações sociais. (Saffioti, 2004)

cessar [...], nem sequer a presença do patriarca é imprescindível para mover a *máquina do patriarcado*.” (Saffioti, 2004, p. 101)

Nesse sentido, podemos pensar sobre possíveis efeitos “deslegitimadores” desse entendimento da bissexualidade. Em outras palavras, pareceu-nos que circulam ainda repertórios que tendem à desvalorização da experiência bissexual feminina.

5.2.2. O desejo e as práticas bissexuais como promíscuas

A nomeação “promiscuidade” assim como “indecisão” são mais frequentes e as que mais parecem alimentar o imaginário social sobre bissexualidade.

Há, por exemplo, um *post* em que o assunto principal é a tentativa de dissociar a bissexualidade da promiscuidade. Aqui a autora faz todo o argumento mostrando que bissexuais podem ser felizes sem serem promíscuos e, por consequência, não machucam os (as) seus (suas) parceiros (as).

Diferentemente do que foi encontrado no blog, no seu trabalho de mestrado, Lewis (2012, p.160) fala de uma estratégia diferente usada por uma das suas entrevistadas para “combater os estereótipos da infidelidade, da promiscuidade e da necessidade de “pegar todo mundo”: se constrói como uma mulher bissexual seletiva em relação a suas escolhas de parceiros/as.”

BISSEXUALIDADE NÃO É PROMISCUIDADE. (Título do *Post* nº 32, 01/05/2012)

Outros argumentos dados pelos líderes religiosos é o da promiscuidade e luxúria. Mas vale lembrar novamente que ser gay ou lésbica não é ser promíscuo. (Post nº 33, 03/05/2012)

Estar com alguém do mesmo sexo, para muitos, é sinal de fraqueza, fracasso, promiscuidade. (Post nº 124, 02/04/2014)

Como nos mostram os argumentos deste *post* (descrito acima) e de outros *posts* analisados, há a necessidade de resistir a uma visão negativa da bissexualidade construída a partir do discurso religioso, utilizado para falar das sexualidades desviantes (homo e bissexuais) como práticas “erradas” e não aceitas, fugindo da lógica heteronormativa.

5.2.3. Bissexualidade como indecisão

Como dito anteriormente, essa nomeação (junto com promiscuidade) é uma das mais frequentes no blog analisado, assim como na literatura¹⁸ há essa associação entre a indefinição do conceito de bissexualidade e a noção decorrente do o sujeito bissexual como indeciso. Nos *posts* a seguir exploram a ideia da fragilidade que constitui a categoria identitária bissexual.

Lewis (2012, p. 155) fala que, para legitimar as identidades que não se encaixam na divisão binária entre heterossexual/homossexual, uma das mulheres bissexuais que ela entrevistou afirma a bissexualidade como “uma condição estável”. Mas, ao tentar enfrentar a visão negativa da bissexualidade como uma fase ou indecisão, essa participante “deve provar que a sua performance identitária é duradoura. Porém, paradoxalmente, isso reforça o discurso essencialista e normativo que nega a fluidez da(s) sexualidade(s).”

Em um dos *post* emblemáticos, a autora conta uma história sua nas salas de bate papo em que uma das leitoras argumenta de que não confia em uma mulher bissexual para namorar já que poderia ser largada a qualquer momento por um homem. Em outros *posts*, a ideia da indecisão aparece de várias formas:

Só quero lembrar que ser bissexual não é estar perdido ou indeciso. [...] Ser bissexual não é querer estar (ao mesmo tempo) com um homem e uma mulher. Esse é um preconceito tão disseminado que até alguns homossexuais pensam dessa forma. [...] Como já tratei por aqui, quando eu entrava em salas de bate-papo para lésbicas e me identificava como bissexual, muitas garotas deixavam de falar comigo. Os argumentos eram os piores: ‘A qualquer momento você pode me largar por um homem’ ou ‘Você ainda não decidiu o que quer’. E por aí vai. Só quero lembrar que ser bissexual não é estar perdido ou indeciso. Se assim o fosse, não haveria possibilidade de ser feliz com ambos os sexos. Provavelmente você conhece algum bissexual que pode te confirmar isso. (Post nº 32, 01/05/2012).

¹⁸ Essa discussão será feita com mais ênfase nas considerações finais

5.2.4. Possibilidade de gostar de ambos os sexos

Encontramos ainda trechos de alguns posts que retratam a bissexualidade como possibilidade do sujeito bissexual poder gostar tanto de homens quanto de mulheres. Aqui encontramos dois sentidos para essa possibilidade, a primeira é dada como uma vantagem de ser feliz, pois você pode encontrar o “par perfeito” com mais facilidade.

Gosto de ambos os sexos e sou feliz em todos os sentidos com ambos. (Post nº 10, 18/08/2011)

Não importa se você é homem ou mulher. Não estamos olhando o seu sexo, mas o que você tem a oferecer. O seu jeito, o estilo, as suas palavras, o seu modo de ver a vida. Esse deveria ser o “lema” de todos os bissexuais, não? Mas será que é? (Post nº107, 06/08/2013)

Eu disse que acreditava na possibilidade de uma pessoa se apaixonar por ambos os sexos. Isso aconteceu comigo. (Post nº51, 26/08/2012)

O fato de ser bissexual é aceitar a possibilidade de poder se relacionar com um homem ou uma mulher. (Post nº 55, 19/09/2012)

Já o segundo sentido diz respeito a um desejo de não excluir o outro, ou seja, mesmo gostando/namorando uma mulher atualmente, não se exclui a possibilidade de gostar/namorar homens (no passado e no futuro)

Lewis (2012) afirma que é possível existir pessoas que não se sintam felizes ou satisfeitas sexualmente ao tentar escolher um dos sexos. Porém, ao ter que escolher ou não, esses repertórios são deslegitimados. Se aqui pensarmos novamente no patriarcado e nas formas de hierárquicas do poder, encontramos novamente uma opressão da sexualidade feminina, pois “neste regime, as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros,” (Saffioti, 2004, p.105) e não haveria espaços para vivenciar outras sexualidades a não ser a de procriação.

O fato de eu me sentir atraída por mulheres não excluía o meu contínuo desejo por homens. Achava ambos atraentes. Hoje, obviamente, só tenho olhos para a minha namorada. Mesmo assim, eu e ela continuamos achando homens bonitos. (Post nº 61, 09/11/2012)

Você pode fazer parte de um grande grupo de mulheres que namora um homem e pensa em mulheres frequentemente. (Post nº06, 21/07/2011)

5.2.5. *É melhor não usar rótulos*

Os termos aqui agrupados têm a finalidade de evidenciar a crítica presente em alguns *posts* aos usos de nomeações e identidades. Ou seja, essas publicações advogam pelo não uso de rótulos. Defendem que não precisamos nos preocupar em nos ajustar na homossexualidade, heterossexualidade ou mesmo bissexualidade. Em um *post*, a autora faz uma aproximação com a ideia de “gostar de pessoas”.

Você é o que você é e acabou, seja heterossexual, bissexual ou seja lá o que for, aliás, esqueça todos esses rótulos. Nós somos seres humanos que gostamos de outros seres humanos. Fim. (postº 18, 06/02/2012)

Por isso, prefiro pensar na teoria mais simplista de todas: gostamos de pessoas. (post nº24, 04/04/2012)

Quando experimentei e percebi que também tinha um desejo sexual, me rotulei como bissexual (mesmo sabendo que o melhor é nos livrarmos de rótulos). (post nº27, 11/04/2012)

O que me chamou muito a atenção é que muitas das mulheres que frequentam o bate-papo são casadas ou namoram um homem. Uma delas, inclusive, disse que estava lá apenas para observar as conversas. Ela afirmava veementemente que não tinha interesse nenhum por mulher. O que era mais engraçado é que ela estava em uma sala virtual chamada “Namoro - Lésbicas”. Decidi não contestar aquela afirmação. Se ela não conseguia afirmar o que sentia nem sob um codinome na web, ainda existia um longo caminho a percorrer. (Post nº26, 07/04/2012)

É interessante frisar nessa nomeação que, mesmo apostando no “não rótulo”, a autora não faz uma reflexão crítica direta sobre resistir aos usos de nomeações, como estratégia para evitar restrições às práticas e desejos bissexuais. A aposta dela é de que sejamos livres para sermos o que quisermos.

5.3. Origem da bissexualidade

Nesse marcador de análise, procuramos identificar algumas justificativas e explicações usadas sobre a origem da bissexualidade. A autora, durante todo o blog afirma acreditar que a bissexualidade é real e existe, mas que não pode dizer ao certo a origem da bissexualidade. Dessa forma, dividimos em dois repertórios sobre a origem da bissexualidade, são elas:

“nascemos bissexuais” e a segunda “Influências sociais do torna-se/descobrir-se bissexual”.

5.3.1. *Nascemos bissexuais*

Em um dos *posts*, a autora aposta na influência de sua infância masculina para tentar justificar seu desejo por mulheres. Aqui a sexualidade e o gênero estão tão entrelaçados que um “justifica” o outro. Esse entrelaçamento nos faz pensar na crítica que Medrado; Lyra (2008) fazem aos usos e abusos do conceito analítico de gênero nos estudos nas ciências humanas e sociais, pois acaba havendo uma

distinção que coloca de um lado sexo-biologia e do outro gênero-cultura [...]. A própria diferenciação sexual (macho e fêmea) tem sido colocada em suspeição, não sendo considerada como algo definitivo, a-histórico e determinado exclusivamente pelos conhecimentos e verdades oriundas das medidas e instrumentos produzidos pelas ciências da natureza. (MEDRADO; LYRA, 2008, p.307)

Ainda pensando as formas de pensar ou as motivações para buscar a origem da bissexualidade, Garber (1994, p.298) diz que ainda não há bons caminhos para se chegar a uma causa da bissexualidade e ao buscar essa origem “implica uma etiologia, como a de uma doença.”

Quando, nos *posts* do blog, o repertório de origem da bissexualidade feminina aparece com a justificativa do “nascer assim”, ele não aparece como uma causa biológica, ou seja, de genes ou inscrições no corpo de que a mulher já nasce bissexual. O que é exposto é uma tendência de assumir socialmente comportamentos não “recomendáveis” em crianças. Ainda citando Garber (1994), em contraponto ao que aparece no blog, ela fala sobre uma característica dos estudos nos anos 1990: a de buscar na biologia a “resposta” para a homossexualidade. Um movimento que aparece de novo

Com força, cheios de controvérsia, e estão na moda; estudos de elos familiares hereditários são feitos novamente, [...] na busca de uma resposta ao enigma da sexualidade humana que possa ser baseada em ‘fatos’ confirmáveis- mais na ciência do que na influência cultural. E de novo, [...] a busca da verdade biológica da homossexualidade, e portanto da heterossexualidade, está afundando sobre outro ‘fato’ inconveniente- o fato da bissexualidade como um modo de comportamento humano. Porque a bissexualidade estraga os

planos, bagunça as duas colunas de números: hetero e gay. (GARBER, 1994, p.305)

Essa ideia de nascer bissexual pode trazer uma consequência negativa de que desde sempre uma mulher bissexual pode sofrer preconceitos por não se adequar aos papéis que lhe foram impostos.

*SERÁ QUE NASCI BISSEXUAL? (título do post nº37, 05/06/2012)
Quando eu era pequena, muitas pessoas achavam que eu era lésbica. Eu preferia as brincadeiras dos meninos e não era, digamos, aquela menininha que adorava usar vestidinhos.
(Post nº 37, 05/06/2012)*

Além disso, a autora também fala de um desejo desde muito cedo mas que, por pressões sociais, não costuma se falar e perceber o interesse por mulheres.

Lembro na minha infância de observar uma menina mais velha por várias horas, sem que ela percebesse. Eu não entendia o que era aquilo. Eu não sabia que, na verdade, eu tinha interesse por ela. Sinceramente, em nenhum momento me passou pela cabeça que eu poderia gostar daquela garota. E eu acho que isso não chegou a acontecer, porque eu não soube entender aquele sentimento. (Post nº44, 13/07/2012)

5.3.2. Influências sociais do torna-se/descobrir-se bissexual

Aqui ela reafirma a importância do meio para você falar sobre e perceber seus desejos, mas não o coloca como principal forma de responder aos desejos bissexuais.

*O ambiente e as experiências só me ajudaram a conseguir viver isso. Sei que se eu não tivesse começado, essa vontade ainda existiria. (Post nº 37, 05/06/2012)
É difícil dizer o que torna uma pessoa bissexual. Alguns dizem que só o fato de desejar beijar alguém do sexo oposto. Outros teorizam que é preciso se apaixonar por alguém do mesmo sexo. (Post nº22, 05/04/2012)
Não sei dizer com toda a certeza, mas acho que sempre tive atração por mulheres. Mas em poucos momentos me dei conta disso. (Post nº44, 13/07/2012)*

Apesar da autora não falar na possível divisão entre tornar-se e descobrir-se, achamos interessante pontuar essa diferença pois notamos argumentos no blog que falam do meio como possibilidade de perceber um desejo já existente mas que, por pressões sociais, não tinham percebido. Ao mesmo que não justifica que o meio não torna ninguém bissexual. Essa

divisão, ao nosso ver, tênue, é interessante ao pensarmos a necessidade de chegarmos a um divisor/causador comum à todas as bissexualidades femininas.

O contexto de inserção na universidade é um marcador muito importante para a autora, pois ela cita em vários momentos experiências em que ela pôde falar abertamente sobre o assunto. É no momento que está na universidade que justamente acontece o seu primeiro beijo em uma mulher.

Antes de entrar na faculdade, eu não me sentia à vontade para falar sobre o assunto. [...]Foi então que entrei na faculdade e ganhei um grande “impulso. As meninas não tinham pudor para falar que beijariam outra mulher. Não falei logo de cara, até demorou um pouco. Mas era tudo tão natural que me senti à vontade para confessar. (Post nº48, 24/07/2012)

Vivi, talvez, uma fase melhor. Mas ela só aconteceu na faculdade, quando tive a oportunidade de conviver com cabeças mais abertas. (Post nº133, 07/09/2014).

No sentido de “se descobrir” bissexual, a autora relata muitas narrativas de leitores/as, principalmente mulheres que até agora só tiveram relacionamentos heterossexuais, que se sentem desconfortáveis quando percebem seu desejo por outra mulher. É como se uma certeza (muitas vezes imposta pelo contexto social) da estabilidade fornecida pela heterossexualidade fosse quebrada e não sabem como lidar com esse desejo.

Como saber se sou bissexual? Infelizmente não há uma fórmula mágica, nem um teste cientificamente comprovado (até onde sei, por favor me enviem se acharem) (Post nº34, 09/05/2012).

5.4. Práticas que definem a bissexualidade

Nesse marcador de análise, procuramos identificar práticas que estivessem ligadas aos bissexuais, ou seja, o que um bissexual faz (ação; verbo). Assim, levantamos quatro repertórios associados às práticas que definem a experiência da bissexualidade: 1) Experiência bissexual como transitória para o exercício e definição da heterossexualidade; 2) Repressão do desejo; 3) Relação a três; e 4) Escolher entre homem ou mulher para um ideal de relacionamento.

5.4.1. Experiência bissexual como transitória para o exercício e definição da heterossexualidade

Ao pensar esse repertório, nosso objetivo era mostrar, de forma mais ampla, que de diversas formas a transitoriedade caracteriza a vida não só dos bissexuais e que influencia também em vários contextos.

Inicialmente apontamos três possíveis “tipos” de trânsitos: o primeiro diz respeito às pessoas de um modo geral, ou seja, nós como seres humanos vivendo num contexto que é construído cotidianamente e estamos suscetíveis a mudanças ao longo da vida, e não seria diferente com a sexualidade, como ilustrado nos trechos dos *posts*, a seguir:

Mas precisamos lembrar que mudamos muito à medida que o tempo vai passando. (Post nº 24, 04/04/2012)

Nós mudamos constantemente. Alfred Kinsey, um dos maiores estudiosos no assunto (leia esse post para entender melhor) já falava sobre isso. (Post nº 24, 04/04/2012)

Há estudos de Alfred Kinsey, por exemplo, que revelam coisas que poucas pessoas confessam: ao longo da vida vamos mudando os nossos desejos e interesses. Alguém que se considera “totalmente heterossexual” pode começar a ter tendências homossexuais e se tornar bissexual. Ou exclusivamente homossexual. E por aí vai. Ele [Kinsey] dizia que dependendo do período da sua vida você poderia deixar de ser heterossexual para se tornar bissexual, por exemplo. (Post nº 24, 04/04/2012)

O segundo tipo é o trânsito em que as pessoas são colocadas quando assumem a bissexualidade que se expressa em comentários como: “ela está em dúvida, é uma fase!”. Essa é uma expressão recorrente e também carregada de preconceitos. A autora faz, em vários momentos, críticas a esse tipo de argumento, pois acredita que é uma forma de deslegitimar a mulher e a sua prática bissexual. Ao falarmos sobre a sexualidade feminina, esbarramos em várias barreiras de preconceito, ainda mais se for uma sexualidade desviante. Ou seja, quando encontramos discursos de mulheres que se assumem bissexuais, existe uma cobrança ainda maior para que se enquadre nas sexualidades entendidas como normais.

Nunca ‘usei’ nenhum homem para esconder o meu desejo por mulheres. Eu realmente gostava de estar com eles. Eu ainda

não sabia (ou não tinha me dado conta) da minha atração por mulheres. (Post nº48, 24/07/2012)

O que ela me disse, é o que a maioria das pessoas que não são bissexuais pensam: precisamos escolher um lado. (Post nº55, 19/09/2012)

Mas agora você namora uma mulher, por que você se considera bissexual?”. Respondi que no passado namorei homens e gostei deles de verdade. E quando estava com eles também era bissexual. Ela passou por situações parecidas. Depois de refletir, ela também passou a se assumir como bissexual. (Post nº81, 09/03/2013)

Há ainda um terceiro possível trânsito, que é uma transitoriedade entre a heterossexualidade e homossexualidade. O uso desse repertório parece identificar contradições que incluem por vezes um jogo entre aquilo que poderia ser característico da bissexualidade e os argumentos ou usos estratégicos para não assumir a homossexualidade. Os trechos a seguir ilustram esses usos:

Vivem me dizendo que não sou bissexual. Algumas amigas dizem que o fato de namorar uma mulher hoje e nunca mais ter me envolvido com um homem me torna homossexual. (Post nº111, 01/09/2013)

Uma menina bissexual me relatou outro dia que seria mais fácil ser heterossexual. Segundo ela, não seria preciso se preocupar com o preconceito e não haveria tanto esforço (considerando que os homens é que costumam investir nas mulheres e não precisamos nos preocupar “tanto” com o jogo da sedução). Além disso, não seria preciso passar por nenhum processo de aceitação, nem esconder por um tempo da família e dos amigos. (Post nº41, 01/07/2012)

UMA LÉSBICA CASANDO COM UM HOMEM (Título do post nº118, 26/01/2014)

Mas há lésbicas que na verdade são bissexuais e não sabem ou nunca se permitiram saber. (Post nº118, 26/01/2014)

Muita gente poderia falar: “Ah, mas ela só está casando com um homem por conta da sociedade. Na verdade ela é lésbica”. É a mania que o ser humano tem de colocar tudo dentro de uma caixinha e criar sempre uma regra. Não, ela não precisa ser lésbica a vida toda se ela se apaixonou por um homem. O amor é muito mais complexo do que um gênero. Acreditar que só podemos nos apaixonar por um sexo é racionalizar muito algo que não dá para racionalizar. (Post nº118, 26/01/2014)

Nesse tipo de trânsito é interessante perceber que se fala em um “esconderijo” da homossexualidade na bissexualidade, ou seja, mesmo você afirmando ser bissexual, o julgamento social é que a bissexualidade é uma transição e que, no fundo, você é lésbica ou heterossexual. Ainda sobre a

característica de transitoriedade das bissexuais, a traição é muito citada como possível consequência dessa característica, ou seja, se você transita por outros espaços, a qualquer momento você pode me largar por alguém do sexo oposto, pois você ainda não se decidiu.

Outro ponto interessante é quando ela fala de alguns casos de mulheres que, após descobrirem o desejo por uma mulher, não querem mais saber dos homens, ou seja, há a possibilidade de estar sempre transitando entre os homens e mulheres, mas há também quem se apegue às novas experiências e me pergunto (a autora também se coloca nesse questionamento, mas acho que não se posiciona): nesse último caso a pessoa deixa de ser bissexual para ser lésbica?! Que linha tênue é essa que me permite (ou permite outras pessoas fazerem) dizer o que sou agora ou que o que deixei de ser?

Nesse sentido, vale a pena problematizarmos as reafirmações do binarismo das práticas sexuais que aparecem nas postagens, em relação ao que Garber (1994, p.295) fala sobre um possível “fingimento” que é usado para descrever o comportamento dos (as) bissexuais, mas que eles (as) não “se viam ‘fingindo’ ou ‘negando’, apenas escolhiam, segundo um roteiro sexual que só oferecia dois rótulos, o que mais se adequava. As pessoas se colocam em categorias socialmente definidas, e ‘bissexual’ não é uma delas.”

A minha namorada introduziu o assunto da bissexualidade na mesa. Apesar de ela já ter namorado e ficado com muitos homens, ela não acredita na bissexualidade. (Post nº51, 26/08/2012)

Quando eu disse a ela que não acredito em “período de transição” e sim na bissexualidade, ela me respondeu: “Então por que a maioria das mulheres depois que ficam com mulheres, dificilmente se envolvem com homens?”. (Post nº68, 11/01/2013)

5.4.2. Repressão do desejo

Aqui ressaltamos a referência nos *posts* ao “desejo reprimido” como aquele desejo de beijar outras mulheres, mas que, por algum motivo, em determinados contextos, a pessoa não pode realizar esse desejo, nem mesmo falar sobre. A mulher percebe e acha estranho e procura outras justificativas (fantasia e brincadeira passageiras) para não se identificar como bissexual.

E eu sabia, dentro de mim, que sentia uma atração muito forte por mulheres. Sempre fantasiei. Mas nunca havia relevado isso para ninguém, nem para mim mesma. (Post nº01, 15/07/2011)

Namorei homens e sempre tive desejo por mulheres, mas antes dos 25 anos nunca havia externado isso. Achei que guardaria esse segredo pelo resto da minha vida. (Post nº122, 14/03/2014)

Os bissexuais que ainda não se aceitam muito bem dizem preferir o sexo oposto. Confesso que já fui assim. (Post nº10, 18/08/2011)

Eu negava o meu interesse por mulheres para todas as pessoas. Por mais que meus pensamentos e sonhos continuassem me levando por esse caminho, eu tentava bloqueá-los de muitas formas. O que me “salvava” era o meu interesse por homens. Então me focava apenas nisso, esquecendo parte da minha identidade. (Post nº106, 25/07/2013)

Elas se apaixonaram por homens na vida e também por mulheres, mas por “ironia” do destino viveram apenas os amores heterossexuais - e guardaram o desejo homossexual para “o amanhã”. Elas não sabem se é uma curiosidade, um desejo reprimido ou o que elas realmente gostariam de viver. (Post nº107, 06/08/2013)

Beijar mulheres já estava ficando algo natural para mim, eu não ficava mais tão tensa. (Post nº 40, 27/06/2012)

5.4.3. Relação á três

Abordando ainda a questão da bissexualidade feminina, os *posts* também criticam o fetiche masculino em ver (ou manter relações sexuais com) duas mulheres. Mesmo relatando narrativas de suas leitoras, a autora se mostrou totalmente contra esse tipo de prática: casais heterossexuais que buscam uma mulher para um *Ménage*.

Respondi que na verdade nós duas namorávamos. Ele ficou calado, tentando processar a informação. Incomodada com o silêncio, perguntei se havia algum problema nisso. “Não tenho. Na verdade, acho excitante. As duas são bonitas, né. Queria entender melhor como isso funciona, por que você não me liga?” [...] Ele chegou a propor que realizassem juntos a fantasia. (de ficar com outra mulher) (Post nº124, 02/04/2014)

*O beijo lésbico é um grande fetiche. Ver duas mulheres se beijando é o auge do erotismo para muitos homens. Para concretizar o desejo, alguns conseguem convencer a esposa a embarcar no *ménage à trois*. (Post nº128, 28/05/2014)*

Algumas mulheres (conheço uma pelo menos) conseguem lidar com isso bem, pois têm parceiros liberais e conseguem ter aventuras com mulheres sem abrir mão do namorado. E

outras, como aconteceu comigo, acabam percebendo que é preciso ir além. (Post nº07, 10/08/2011)

Se há acordo não é traição. Mas o acordo deve servir para ambos os sexos. Afinal, se é apenas um desejo, porque o seu marido não lhe deixaria realizar também com o sexo oposto? (Post nº128, 28/05/2014)

Nossa sexualidade, assim como vários outros dispositivos, é regida a partir de preceitos sociais. Porém, na sociedade machista, muita repressão cai sobre as práticas sexuais das mulheres. Badinter (2005, p.125) afirma que as pesquisas sobre sexualidade apresentam sempre uma diferença entre a sexualidade feminina e masculina, mesmo que os estereótipos estejam cada vez mais fluidos, “a ideia de uma distinção entre o desejo masculino e o desejo feminino perdura.”, além dos estudos sociológicos apontarem tanto para diferenças sociais quanto psicológicas entre esses desejos.

Um exemplo muito provocativo trazido pela autora é sobre o perfil dos filmes pornôs em que os filmes são feitos por homens e para os homens. Mas isso tem mudado e “queremos ver mais preliminares, corpos valorizados em seu conjunto, e não reduzidos a órgãos genitais [...]. o único limite imposto é o respeito à mulher, que de modo algum deve ser violentada nem submetida a contragosto”. (Badinter, 2005, p.126)

Podemos notar no nosso cotidiano a supererotização das relações entre mulheres, além de termos a impressão de que a sexualidade feminina é mais recomendável do que a masculina. “Não apenas a meiguice e a ternura afastam as mulheres da violência e da dominação próprias da sexualidade arcaica dos homens, como também sua fisiologia lhes torna proibidas estas últimas.” (Badinter, 2005, p.134)

Vale destacar que há uma crítica nas postagens à poligamia pois não acredita-se que possa haver relações saudáveis no Brasil. Apesar da escritora do blog não falar explicitamente sobre o poliamor, acreditamos que esse seja um assunto muito recorrente nos dias atuais. Passamos constantemente por mudanças, em diversos setores de nossas vidas e mais recentemente apostamos que no âmbito das relações sexuais essas mudanças vêm

ocorrendo. Segundo Pilão (2012, p.64), o termo Poliamor¹⁹ surge como uma alternativa ao “não monogamia”. “Assim como em outras dicotomias, o Poliamor depende de seu oposto para fazer sentido, uma vez que se constitui como uma série de discursos de crítica à exclusividade afetivo-sexual.”

Me contou, em uma troca de e-mails, que namorou uma menina bissexual por três meses, quando um dia, a garota revelou: “Ainda tenho um namorado e gostaria de fazer algo a três, o que você acha? (Post nº02, 15/07/2011)

Não, nós não queremos sexo a três simplesmente porque somos bissexuais. Não, nós não gostamos de duas pessoas ao mesmo tempo porque temos a possibilidade de nos apaixonar tanto por homens quanto por mulheres. (Post nº132, 18/08/2014)

5.4.4. Ter que escolher entre homens e mulheres

Os posts analisados abordam ainda a necessidade de escolher entre homem ou mulher para namorar, pois, definitivamente, não se aposta no poliamor ou relacionamento a três. Argumentos sobre ciúmes e traição que ela trás do seu relacionamento a faz projetar como ideal de relacionamento, um relacionamento “honesto”, portanto, monogâmico e sem traições. Mesmo afirmando que existem outras formas de relacionamento, ela deixa claro o seu posicionamento.

O Blog não se pretende a apresentar uma concepção única ou universal sobre o que seja a bissexualidade, embora não escape também de apresentar ou sugerir, direta ou indiretamente, normas ou regulações, sobre relacionamentos ou comportamentos, tal como nos trechos a seguir:

E quem vai determinar se gostamos mais de homem ou de mulher será aquela pessoa com quem iremos querer viver o resto de nossas vidas (Post nº24, 04/04/2012)

Acredito no amor romântico e na monogamia, apesar de respeitar qualquer outro tipo de relação. (Post nº128, 28/05/2014)

Sobre meu relacionamento atual, uma das leitoras do BlogSoubi perguntou se em algum momento nós já

¹⁹ Não temos pretensões de falar qual é a melhor ou pior forma de relacionamento. Porém, ao contrário do que é trazido no Blog, acreditamos que precisamos falar sobre as diversas formas de se relacionar, nos posicionando, mas sem fazer nenhum tipo de julgamento moral.

“agregamos uma companhia masculina” na relação. Ou se ela e eu costumamos sair com algum homem. A resposta para todas as perguntas é não. E nem temos a intenção de fazer isso, justamente porque não sentimos necessidade. Somos felizes em uma relação monogâmica. (Post nº111, 01/09/2013)

Muitas pessoas no blog comentam sobre a vontade de ter uma relação a três. Isso porque acreditam que poderiam ser mais felizes, mais completos e por aí vai. Como já respondi algumas vezes, eu não gostaria de ter uma relação como essa. E não é apenas porque sou uma pessoa romântica (apesar de ser muito), mas porque eu não conseguiria amar duas pessoas ao mesmo tempo, na mesma intensidade. Sempre haveria preferência por uma delas. E por isso prefiro construir a vida com uma só pessoa. (Post nº70, 24/01/2013)

Se você se descobre bissexual, deve saber que não há espaço para aventuras. É preciso se decidir entre o homem ou a mulher, pelo menos enquanto o namoro durar. Depois você pode mudar de ideia. Não há limites para o que sentimos, desde que sejamos honestos com a gente mesmo e, claro, com o parceiro. (Post nº07, 10/08/2011)

Ser bissexual não é querer estar (ao mesmo tempo) com um homem e uma mulher. (Post nº32, 01/05/2012)

Não acredito ser possível dividir o meu amor com um terceiro elemento. Como já disse por aqui, sou bissexual, mas prefiro ter uma relação apenas com uma mulher OU com um homem. Atualmente, prefiro obviamente estar (e continuar) com minha namorada. [...]Uma das leitoras chegou a afirmar que se sentia incompleta sem um dos dois. (Post nº97, 08/05/2013)

Obviamente, se estou com minha namorada, não penso, em nenhum momento em estar com um homem e muito menos com outra mulher. (Post nº50, 14/08/2012)

5.5. Características de bissexuais

Nesse marcador de análise, destacamos as características apontadas nos *posts* como sendo de mulheres bissexuais, ou seja, o que elas fazem, vestem ou a forma como se relacionam.

Logo de início, o que ficou muito evidente foi o uso do chamado “gaydar” (radar ou dispositivo sensível) para identificar quem poderia ser ou não bissexual. Essa prática mostra a influência da estética e do comportamento de algumas pessoas para agrupá-las como lésbica ou bissexual.

O famoso “gaydar” (um “radar” que “criamos” para identificar se uma mulher é homo ou bi) às vezes é duvidoso. Existem meninas que podemos JURAR que são lésbicas. Elas

têm trejeitos, fazem brincadeiras e até não se vestem de forma “tão feminina”, mas são absolutamente “heterossexuais”. (Post nº47, 21/07/2012)

Algumas garotas lésbicas afirmam ter o famoso “gaydar”, ou seja, um radarzinho natural que identifica se a menina ficaria ou não com outra mulher. Eu não faço parte desse grupo. Nunca consigo descobrir se uma menina é ou não lésbica, a menos que ela seja bem masculina. (Post nº11, 22/08/2011)

Para falar de uma “normatização” de características das mulheres, em vários *post* fala-se sobre comportamentos de lésbicas/bissexuais, fazendo uma lista de “dicas” de como se vestem e o que falam essas mulheres. Em alguns *posts*, apesar de continuar falando sobre como “identificar” ou como “chegar” em uma mulher, ela fala também sobre viver livremente sua sexualidade e ser “você mesmo”.

“Como descobrir se uma pessoa é bi ou homossexual?”, eu respondo: “Você só vai realmente saber se ela te dizer”. (Post nº85, 01/04/2013)

Se a menina tem unha comprida, não significa que ela não poderia ter uma experiência homossexual, mas pode significar que ela nunca teve. [...] Muitas garotas lésbicas ou bissexuais têm um estilo mais básico e discreto. Às vezes usam bolsa carteiro ou um All Star. (Post nº11, 22/08/2011)

Acreditamos que, ao fazer uma “patrulha” de características físicas dos sujeitos para encaixá-los em nossos estereótipos, esquecemos aspectos mais subjetivos das práticas sexuais. Nesse momento, percebo o quanto esse “patrulhamento” perpassou nas minhas entrevistas. Ou seja, procurava por algo que me fizesse acreditar que aquela fosse uma mulher bissexual e, durante as entrevistas, perguntava-as sobre quais roupas e/ou comportamentos poderiam ser caracterizados como de mulheres bissexuais. O que foi muito marcante para mim foi a fala de uma delas sobre o seu desejo de se arrumar ou não a partir do/a seu/sua companheiro/a.

Não, eu era assim, eu era muito meninada, aquela beleza bem pirralha de 15 anos? [...] E digamos que o movimento de namorar uma mulher me tornou muito mulher, entendeu? Afirmou minha feminilidade de um jeito [...]. Talvez foi um movimento inconsciente meu, seila, pra tentar dizer assim, tá, eu to com uma mulher mas eu não deixei de ser feminina, né? Principalmente em cultura de interior que isso marca bastante, assim, da figura da sapatão. [...] Então quando eu tava lá no interior, tinha muito essa preocupação assim, de sair com ela montada num salto, com maquiagem, parecendo

uma travesti. Toda aquela performance assim. E aí eu me lembro que eu me incomodei um bocadinho esses dias, tu falou e eu lembrei agora, que eu fui lá pro patins e aí eu fui com uma camisa quadriculada, um *all star* e fui com o boyzinho, né? Aí quando eu cheguei lá os meninos fizeram assim, vixi, tu está tão sapatão hoje, [...]aí eu me arretei com aquilo dali, sabe? Porque pra mim já tava tão arraigado essa coisa de me mostrar muito feminina, só que quando eu cheguei aqui eu precisei, não é que precisei, eu pude sair dessa coisa de precisar afirmar a feminilidade que é uma coisa que lá no interior eu precisei fazer isso aí, sabe? Por causa da coisa do estereótipo mesmo. (Fala de uma das entrevistadas)

Apesar de falar de forma generalizadora, os *posts* também avaliam que não é tão simples assim identificar uma mulher lésbica ou bissexual, somente a partir de suas características físicas. Ou seja, em um momento coloca as unhas curtas como indicativo de ser uma mulher lésbica ou bissexual e em outro momento diz que não é tão simples assim afirmar a orientação da mulher a partir das unhas, mas pode ser observado, assim como as roupas e sapatos precisam ser olhados com cuidado. Eu sei que existem esses marcadores no corpo, mas fico receosa de afirmar esses estereótipos num blog que se propõe ajudar as mulheres bissexuais que não têm espaços de troca de experiência, ou seja, para uma mulher sem grandes aproximações como a bissexualidade pode esperar que mulheres que se vestem e agem de uma certa maneira sejam lésbicas ou bissexuais.

Achei erroneamente que unhas curtas eram fortes indícios de homo ou bissexualidade. (Post nº85, 01/04/2013)

BISSEXUAL TEM TREJEITOS? (título do post nº85, 01/04/2013)

Está cada vez mais difícil conseguir identificar se uma mulher é lésbica ou bissexual. (Post nº16, 29/01/2012)

Há alguns meses, imaginei que já estava pegando o jeito para descobrir se uma menina tinha alguma tendência homossexual ou bissexual. As unhas curtas, por exemplo, eram um indício, como comentei em um post anterior. Mas definitivamente, esse não é um meio certo de descobrir. Muitas lésbicas têm unhas compridas. (Post nº16, 29/01/2012)

Apontamos aqui para a importância das discussões de gênero para pensarmos como estamos construindo nossas subjetividades e,

consequentemente, sexualidades. Muito mais do que identificar as causas do binarismo homem/mulher ou masculino/feminino,

Deve-se adotar a perspectiva de gênero, buscando compreender como diferenças se constituem em desigualdades, indo além dos sexos como determinantes biológicos e da ‘di-visão’ sexual do mundo. (Benedito; Lyra, 2008, p.819)

Ainda nesse sentido de normatizar corpos das mulheres bissexuais e lésbicas, é interessante notar que em alguns *posts* acaba-se normatizando, também, as formas de se relacionar. Em outras palavras, fala-se sobre casos em que não sabia se “chegava” ou não na menina porque ela estava acostumada a ser cantada pelos homens. Continuando nessa linha, a autora também fala sobre as mulheres mais masculinizadas ou femininas. Ela não diz se é certo ou errado cada forma de ser, mas prefere mulheres femininas.

Quando comecei a frequentar lugares GLS era muito difícil saber como agir. Eu deveria abordar as meninas ou era melhor esperar uma abordagem? Na maioria das vezes eu preferi esperar.[...] É difícil achar uma menina legal em uma balada. (Post nº43, 10/07/2012)

Quando se é “heterossexual” a vida de solteira, digamos, é mais fácil. Você não precisa abordar os homens, eles vêm até você. Com as mulheres é diferente - isso se você é feminina e busca uma mulher feminina. É um jogo de olhares até aguardar o tão esperado primeiro oi. (Post nº03, 18/07/2011)

Sempre me atrai por mulheres femininas. Eu não tenho nenhum preconceito contra as masculinas, mas esse estilo não me atrai. (Post nº46, 17/07/2012)

Tem também aquelas que muitas mulheres chamam de “meio termo”. Essas são as meninas que misturam os traços masculinos com os femininos. Elas não são um exemplo de feminilidade, mas também não se vestem como homens. [...]. Mas mesmo com leves traços masculinos, ela era bonita.[...] E em alguns momentos, ela também queria fazer o “papel de homem”. Uma das coisas que não me “identifiquei” é quando ela abriu a porta do carro pra mim. Eu não queria uma mulher abrindo a porta do carro. Homens fazem isso, mulheres não. (Post nº46, 17/07/2012)

Mulheres lindas e femininas também são lésbicas ou bissexuais. (Post nº15, 25/01/2012)

Encontramos nesses repertórios sobre as características das mulheres bissexuais uma grande relação com o conceito de performatividade trazido do

Butler (2012, p.48), em que “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados.”.

5.6. Demandas públicas que favoreciam direitos dos bissexuais

Aqui destacamos trechos em que a bissexualidade é problematizada/falada do ponto de vista público, explorando manifestações de preconceito em contextos sociais diversos e apostando na politização do debate como estratégia para enfrentamento da violência e discriminação.

Vale ressaltar que em vários momentos não se fala exclusivamente da bissexualidade, mas de todas as expressões da sexualidade que não se orientam pela heteronormatividade. Aqui, compreendemos esse conceito como os discursos da heterossexualidade que oprimem principalmente as lésbicas, mulheres e homossexuais. “Esses discursos da heterossexualidade nos oprimem no sentido de que nos impedir de falar, a menos que falamos em seus termos.” (Witting, 2006, tradução nossa). Nesse sentido, Butler (2012) afirma que pode haver uma verdade do sexo e que

é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”. [...]A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir”. (Butler, 2012, p.38-39)

Dessa forma dividimos em três grandes demandas ou estratégias com vistas a garantia de direitos dos bissexuais, 1) Denúncia de preconceitos sofridos por bissexuais; 2) Visibilidade como estratégia de produção de felicidade; e 3) Necessidade de espaços de sociabilidade e produção cultural “bi”.

5.6.1. Denúncia de preconceitos sofridos por bissexuais

Essa foi uma demanda muito recorrente, a partir das publicações do Blog, em vários aspectos do cotidiano de uma bissexual. A começar por preconceitos originários de uma ordem religiosa, que, além de normalmente não aceitar o gay ou lésbica ou bissexual, ainda influencia na formação da nossa sociedade machista, homofóbica e excludente.

A primeira coisa que você precisa saber sobre a bissexualidade ou homossexualidade é que elas não são pecados. Infelizmente, você lerá em vários outros lugares palavras totalmente contrárias a essa. E pior: você vai encontrar até pessoas dizendo que isso é uma doença e que Deus não aceita esse tipo de coisa. (Post nº33, 03/05/2012)

O que os líderes religiosos precisam começar a fazer é aceitar os gays, lésbicas e bissexuais que querem frequentar as suas igrejas. E não querer transformá-los em heterossexuais ou em qualquer outra coisa que não são. Conheço muitos homossexuais que frequentam igrejas católicas, evangélicas e de outras religiões. Eles simplesmente não revelam a sua verdadeira identidade por medo. Eles têm medo de sofrerem preconceito.[...] Se Deus prega o amor, qual seria o erro de ter uma relação homossexual ou bissexual? (Post nº33, 03/05/2012)

A nossa sociedade não aceita a poligamia por uma série de questões históricas e religiosas. Ela é aceita pelos muçulmanos, que seguem a religião islâmica, e por muitos africanos. (Post nº 97, 08/05/2013)

Além da religião, outros espaços de sociabilidade aparecem como violentos e preconceituosos em relação aos bissexuais. A família, o contexto de trabalho e escola são os mais citados pela autora em publicações de relato de experiência ou como problematizações sobre a vivência de sexualidades consideradas não normais.

Existe uma porção de coisas envolvidas: religião, pais e amigos preconceituosos, enfim, a nossa sociedade. (Post nº01, 15/07/2011)

Pode até ser, visto que a nossa sociedade ainda é hipócrita e vive na (amarga) ilusão de achar que a atração por alguém do mesmo sexo é errada. Você ouvirá (e lerá) palavras odiosas contra homossexuais e bissexuais ainda por muito tempo, mesmo sabendo que isso não é errado. Mesmo tendo certeza

de que você não está fazendo mal a ninguém. (Post nº41, 01/07/2012)

Eles têm medo de sofrerem preconceito, têm medo de serem rejeitados pela família e serem expulsos de casa e têm medo de “decepcionar” as pessoas à sua volta. (Post nº33, 03/05/2012)

Convenhamos, por mais que ainda existam famílias ignorantes, é muito mais fácil se assumir gay ou bissexual hoje do que há 20, 30 anos. (Post nº87, 04/04/2013)

No colégio, as pessoas são maldosas, fofoqueiras e hipócritas. Sim, porque muitas meninas tinham vontade, mas criticavam. (Post nº80, 06/03/2013)

Ser homossexual e bissexual é simplesmente ter uma identidade. E você não pode criticar a de ninguém, seja ela qual for. Deixa o boba aparecer e mostrar que é gay mesmo, e que viva (muito) feliz a mulher que gosta de se vestir de forma masculina. Isso vale para os transsexuais, transgêneros, crossdressers, enfim, aqui entra qualquer um, não importa. (Post nº14, 18/01/2012)

Além de referir o preconceito da sociedade de forma geral, os posts apontam para o preconceito sofrido pelos bissexuais dentro de espaços que deveriam ser mais acessível à causa: o convívio com a população LGBT. Porém, um espaço que deveria ser de acolhimento, a autora aponta para situações em que o bissexual acaba sofrendo um “preconceito duplo”, ou seja, sofre nos espaços heterossexuais e também nos homossexuais. Nesse momento nos parece ser uma valorização de algumas práticas sexuais em detrimento da prática bissexual.

Os bissexuais sofrem, de certa forma, mais preconceito do que os homossexuais. Sofrem dos heteros (porque eles não acreditam que é possível gostar dos dois sexos) e dos homossexuais (porque acham que os bissexuais têm medo de assumir completamente a homossexualidade) (Post nº03, 18/07/2011)

A maioria dos bissexuais têm preconceito com eles mesmos. (Post nº01, 15/07/2011)

5.6.2. Visibilidade como estratégia de produção de felicidade

Assim como há essa discussão em outros espaços que circulam o assunto da sexualidade, seja dentro do movimento ou em diálogo com os pares, a questão de “assumir-se ou não” é muito frequente durante várias postagens do blog. A autora questiona, em diversos momentos, sobre os efeitos do “assumir-se” e em que momentos, com idade, com as melhores

peessoas isso pode ser vantagem. Não tem uma resposta fechada, pois cada caso é um caso, mas aposta que devemos ser felizes.

Cabe a você fazer decisões: brigar com o preconceito e tentar viver uma experiência homossexual ou fingir que nada está acontecendo e ficar se remoendo todos os dias com esse desejo. (Post nº34, 09/05/2012)

E as pessoas à sua volta, quantas delas não conseguem assumir um relacionamento homossexual por medo de fofoca? (Post nº86, 03/04/2013)

Diferentemente das mulheres bissexuais que entrevistei, os repertórios presentes no Blog falavam mais sobre assumir-se ou não. Nas entrevistas foi possível perceber que elas apostam sim na importância de nomear suas experiências e identidades bissexuais (até para dar visibilidade) mas que é negociável a quem e onde fazer essas afirmações.

Em alguns casos, os *posts* fazem alusão às “conversões”, seja da família por acreditar que é uma fase ou por parte de pessoas outras do seu convívio social. Sem contar nos manuais para dizer sobre a melhor forma de falar, etc, mas sempre finaliza (depois de um longo texto) dizendo que não há uma fórmula certa.

Já vi muitos homens tentarem fazer uma lésbica se apaixonar por eles. Ou ao contrário, meninas que são apaixonadas por gays e tentam “convertê-los”. (Post nº84, 29/03/2013)

Em muitas postagens o marcador idade parece em debates sobre a melhor idade para “se assumir”. As vezes aparece como obstáculo ou como favorecimento para assumir a bissexualidade ou desejo.

A Daniela tem quase 50 anos e só assumiu agora. Com certeza não tira o mérito, mas acho que, na idade dela, com a maturidade, tudo é mais fácil. Ainda não tenho 47 anos como Daniela (ainda faltam 20,risos), mas acredito que a idade não facilita. (Post nº87, 04/04/2013)

É muito menos arriscado assumir a bi ou a homossexualidade aos 25 anos, como aconteceu comigo. Eu já nasci nessa época do preconceito “mal visto”. Como já disse no post anterior, eu não tinha nada a perder. Não era casada, não tinha filhos. Eu, sim, podia arriscar. A maturidade às vezes é uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo em que ela pode ajudar uma

mulher a se assumir, pois ela já se conhece melhor, ela pode impedi-la de viver um grande amor e se arriscar. (Post nº87, 04/04/2013)

Por fim, acreditamos que os textos analisados apostam na importância da visibilidade quando pessoas assumem ser bissexuais, mas não postulam nem aconselham que todos/as os/as bissexuais consigam e precisem defender a visibilidade política. O “assumir-se” vai para além das consequências políticas, as relações nos microespaços (escola, trabalho, família) podem ser afetadas negativamente e não ser vantagem dar a cara a tapa, se ficar “no armário” pode te trazer muito mais felicidade.

No trabalho, a mesma coisa acontece. Vira e mexe o pessoal me pergunta se estou com alguém e eu sempre desconverso. Acho que eles já até desconfiam. Outro dia, quase falei... mas o medo falou mais alto e novamente me calei sobre o assunto. (Post nº63, 15/11/2012)

Muitos amigos já me disseram (com palavras mais delicadas) que sou hipócrita. Prego a favor da homo e da bissexualidade, mas não dou minha cara para bater. Pelo menos aqui, no BlogSouBi. (Post nº100, 28/05/2013)

Sim, eu ainda tenho medo de me assumir para qualquer pessoa. Às vezes me sinto uma hipócrita. (Post nº63, 15/11/2012)

O que quero fazer aqui com vocês é um exercício de auto-aceitação. Primeiramente, precisamos começar a aceitar que tudo o que sentimos e fazemos é absolutamente normal. Precisamos começar a falar sobre os nossos sentimentos com naturalidade e agir com ainda mais naturalidade quando estamos com os nossos parceiros. Se isso passar a ser uma cena normal aos olhos das pessoas e também aos nossos olhos, conseguiremos entender de verdade que isso não é errado. (Post nº66, 16/12/2012)

5.6.3. Necessidade de espaços de sociabilidade e produção cultural “bi”

Não há dúvidas: invisibilidade é uma questão central na produção de em todos os repertórios que identificamos nos *posts* analisados. Seja uma invisibilidade enquanto identidade, ou como prática ou até mesmo de espaços onde o assunto possa circular. Diferentemente dos gays e lésbicas, não há um mercado próprio para os bissexuais, nem viagens, nem bares. Isso não

necessariamente seja ruim, já que podemos pensar que os bissexuais possam circular por vários espaços.

No blog, os espaços de sociabilidade GLS foram apontados como forma de viver sua sexualidade sem se grandes preocupações.

Quando comecei a frequentar lugares GLS era muito difícil saber como agir. [...] Em um outro lugar GLS troquei olhares com várias mulheres. (Post nº43, 10/07/2012)

Ontem fui a um bar GLS com minha namorada e dois casais gays - um de homens e outro de mulheres. Essas reuniões são sempre interessantes para debatermos a nossa sexualidade. (Post nº 51, 26/08/2012)

Citam-se também seriados e filmes que de alguma forma ajudou a autora a aceitar e se atentar para certos desejos seus.

Então comecei a assistir seriados lésbicos (The L World) e a ir a baladas GLS com uma amiga lésbica “só por curiosidade” (a velha desculpa). (Post nº37, 05/06/2012) Veja filmes e seriados com a temática GLS. Os filmes que mais me ajudaram a conviver melhor com a ideia foram: “Desejo Proibido”; “Amigas de colégio”; “Elena Undone”; “Como esquecer”. Mas, sem dúvida, você não pode deixar de ver o seriado lésbico “The L World”. (Post nº55, 30/08/2012)

Em um dos posts a autora fala de uma peça de teatro que ela assistiu e que o tema do espetáculo era sexualidade. Ela fala de momentos muito bonitos e sensíveis e gostou da aposta em fazer teatro para falar de assuntos que não conseguimos na “vida real”.

Fui com a minha namorada a uma peça de teatro que tratava da homossexualidade. As mensagens eram muito bonitas: “vá atrás do seu grande amor”, “respeite o próximo” e “se liberte para ser quem você realmente é”. Quem tivesse qualquer preconceito poderia sair dali com outra cabeça. O tema foi tratado com tanta delicadeza que chorei em algumas cenas. Um beijo lésbico entre as atrizes deixou as mensagens ainda mais realistas. [...] A atriz disse que a peça a ajudou a perceber o quanto tinha preconceito. Acho que de alguma forma, interpretar uma lésbica mudou um pouco a sua forma de pensar...”. Eu parei para refletir e ela tinha razão. [...] É difícil encarnar na vida real uma personagem tão corajosa, tão intensa e tão verdadeira.

Uma personagem que prega com orgulho a favor da homossexualidade. O que falta (ou faltava?) à atriz é ouvir de fato o que a sua personagem está tentando mostrar ao público. (Post nº177, 25/02/2013)

Como alertam os *posts*, não há esses espaços para falar sobre bissexualidade, seja para trocar experiência, seja pra militar. A autoria aposta na justificativa que isso acontece por a bissexualidade ainda é tabu. Uma forma de sair da invisibilidade é circular em espaços onde a sexualidade é vivida/falada de forma mais livre, como por exemplo, bares GLS, seriados e filmes sobre temática LGBT.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após muitas idas e vindas no trabalho de campo, escrevo essas considerações finais com o objetivo de sistematizar as principais dificuldades e avanços em se trabalhar com o tema da bissexualidade feminina.

Durante a busca por mulheres bissexuais para realizar a entrevista, perguntei-me qual o sentido de ter que entrevistar necessariamente mulheres que se identificassem como bissexuais. Acho que a experiência que as mulheres contam vão muito além do que sua identidade possa dar conta, além de ser uma “pedra no meu sapato” na hora de encontrar novas participantes. Durante as análises, ficou claro que expressões como “posso pegar pessoas”; ou “tenho tendências” dizem muito mais do que simplesmente a necessidade de afirmar uma identidade e que poderiam gerar ricas análises em pesquisas futuras. Talvez a minha aproximação com outro tipo de pesquisa tenha influenciado muito na busca por uma “sujeita pura de pesquisa”.

Nesse sentido, gosto muito de uma reflexão de Garber (1994) sobre como ter certeza de que uma pessoa (ou a si própria) é bissexual. “Como você pode ter certeza de que é - ou de que reconhece- um bissexual, se a bissexualidade é uma categoria que desfaz a própria noção de categoria?” (GABER, 1997, p.273)

Essa desconstrução²⁰ de categoria que a bissexualidade acaba propondo, é encontrada também no trabalho de Peter Fry (1982) sobre a identidade homossexual no Brasil. O autor faz uma discussão sobre “identidade homossexual”, “bichas” e “gays” e, apesar de não estudar a bissexualidade, faz algumas considerações sobre essa identidade. A começar com uma nota de rodapé em que explica porque acredita que a bissexualidade é uma identidade marginalizada.

Considero a categoria “bissexual” como “marginal”, dado que por um lado não corresponde a nenhuma identidade

²⁰ Ao falarmos de desconstrução, não estamos falando que é o posicionamento de bissexuais, mas que da existência de uma categoria que se coloca em duas outras posições.

claramente definida e por outro lado, a tendência dos movimentos é enxergar quem se classifica como “bissexual” como quem é *de fato* um “homossexual” sem a “coragem de assumir” (FRY, 1982, p. 113).

Ainda nesse argumento, Fry (1986) sugere que, os movimentos sociais que afirmam/assumem uma identidade homossexual para pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, “sem querer menosprezar o trabalho desses movimentos na sua luta contra o preconceito, parece fora de dúvida que,[...] eles contribuem para que se continue discriminando [...] em duas categorias estanques: homossexual e heterossexual” (p. 107).

Sem grandes pretensões revolucionárias, apostamos aqui na “ambiguidade (ou mais precisamente fluidez) da sexualidade”, não no sentido dual (ou isso ou aquilo), mas sim propondo uma condição sexual diversa, ou seja, que caminhe por desejos, práticas e incertezas das experiências sexuais. “Dualista ou não, a classificação das pessoas em personagens sociais é certamente uma maneira de controlar a experiência social e de reduzir a ambiguidade” (FRY, p.109, 1986).

Sem dúvidas, Marjorie Garber (1994) é bastante abrangente quando afirma que:

Devido à sua ampla ocorrência, sem dúvida a palavra [bissexualidade] continuará sendo usada entre estudiosos do comportamento humano e pelo público em geral. Mas ela deveria ser usada com a compreensão de que deriva da palavra ‘heterossexual’ e ‘homossexual’, e que, como elas, refere-se ao sexo do parceiro, e não prova nada sobre a constituição da pessoa que é rotulada como bissexual. (GABER, 1997, p.283)

Ao mesmo tempo em que poderíamos propor uma desconstrução da identidade bissexual, acreditamos que ainda vivemos em um contexto desigual e preconceituoso. Um ponto muito interessante que encontramos durante o processo de definição do objeto dessa dissertação é sobre uma possível pauta política (de busca por direitos) dos (as) bissexuais.

Regina Facchini é uma militante bissexual que propõe um movimento político bissexual. Segundo o site “bi sides”, esse movimento foi “criado com o objetivo de encontrar, reunir, discutir e criar bases para o movimento

bissexual no Brasil.” Apesar de ter tido acesso a esse site desde o início do mestrado, ele ficou muito tempo desatualizado e só sabia da existência do movimento bi através de contato pessoal entre Benedito Medrado e a Regina. Nos últimos meses, segundo informações no site, o site que surgiu no início de 2010 como um blog,

criado pra tentar preencher um vazio de conteúdo de bi para bi em português e no Brasil, já que tudo que havia era estadunidense e europeu. Foi em junho deste mesmo ano que se transformou em mais que um blog, quando conhecemos algumas das pessoas que começaram formar o bi-sides como um coletivo. Com períodos de mais e menos atividade, fomos fazendo encontros, piqueniques pela visibilidade (para marcar o 23 de setembro), participação nas caminhadas de mulheres lésbicas e bissexuais de São Paulo, participação no IV Encontro Paulista LGBT em São Carlos, além de extensos e produtivos debates sobre nossa sexualidade por meio dos grupos online, primeiro uma lista de e-mail e depois no Facebook. (Quem somos? Site “Bi-sides)

Sem ser um movimento de luta direta por direitos dos bissexuais, esse grupo organizado tem intenções de:

- Continuar sendo um espaço de convivência tanto online (no grupo do Facebook, no blog, no twitter) quanto físico nos encontros e eventos que propomos ou participamos.
- Participar e fomentar a participação de outros grupos/coletivo/organizações/ativistas bissexuais em eventos LGBT no Brasil e porque não, no mundo.
- Nos unir em rede com outros grupos bi que estão fora do eixo EUA-Europa.
- Gerar conhecimento sobre bissexualidade no Brasil e educar, oferecendo nos mais diversos suportes informação sobre o tema. (Quem somos? Site “Bi-sides)

Uma possibilidade de continuar os estudos sobre bissexualidade é a de uma aproximação no campo da educação e diversidade sexual. Ao pensarmos uma educação que fale mais sobre a autonomia e liberdade dos sujeitos, ideais trazidos por Paulo Freire, estamos construindo uma sociedade mais aberta às questões de vivência das sexualidades.

Nesse sentido, a discussão de direitos sexuais e reprodutivos se faz importante. Segundo Sonia Correa (1996) podemos compreender esses conceitos em termos de poder e recursos:

poder de tomar decisões com base em informações seguras sobre a própria fecundidade, gravidez, educação dos filhos, saúde ginecológica e atividade sexual; e recursos para levar a cabo tais decisões de forma segura. Este terreno envolve necessariamente as noções essenciais de 'integridade corporal' ou 'controle sobre o próprio corpo'. No entanto, também estão em questão as relações que se tem com filhos, parceiros sexuais, membros da família, a comunidade e a sociedade com um todo. Em outras palavras, o corpo existe em um universo socialmente mediado. (p. 149)

Ainda de acordo com a mesma autora, o surgimento da discussão sobre direitos sexuais e reprodutivos causou certo incômodo, pois remeteria a desejos muito próprios, com uma inclinação individualista e coloca os assuntos mais pessoais e privados na esfera pública. Essa é uma discussão muito cara ao movimento feminista e que não temos tempo nem pernas para falar sobre, mas apostamos nas ideias aqui lançadas para pensarmos criticamente sobre a criação e usos de identidades sexuais e os desdobramentos (efeitos) que elas tem dentro de um contexto social.

Sem dúvidas esse mestrado me trouxe um amadurecimento de construção de conhecimento. A minha formação, mesmo sendo em Psicologia social, era muito “de laboratório”, ou seja, eu deveria encontrar mulheres que aceitassem participar das entrevistas, eu transcrevia a entrevista e escrevia a dissertação eu e meu computador, amarga ilusão. Foi caindo e tropeçando nos obstáculos da minha trilha que percebi a importância de “me sujar mais” com o meu tempo (palavras do meu orientador em uma das primeiras orientações referindo-se à importância de eu me aproximar mais dos espaços em que o meu tema de pesquisa era uma questão) para, inclusive, perceber minha timidez.

Ao mesmo tempo percebo que essa minha influência “de laboratório” me fez procurar por “sujeitos puros”, ou seja, o critério de inclusão (termo recorrente em pesquisas quantitativas e no comitê de ética) para participar

da pesquisa era o de ser uma mulher puramente bissexual, independente do que ela pudesse considerar como bissexualidade feminina. Ao final dessa dissertação percebo que outros caminhos e outras conclusões poderiam ser feitas se essa minha busca por enquadramentos fosse mais flexível e pudesse assim, dialogar sobre bissexualidade com outros interlocutores.

As vezes tenho a impressão de ainda estar “patinando” na tentativa de entender a bissexualidade feminina, seja por causa de vontade de saber (uma busca incessante por uma verdade absoluta) ou simplesmente por não me dar conta que a bissexualidade pode estar presente em vários aspectos do cotidiano. Leituras sobre o tema sempre foram muito mobilizadoras para pensar o tema e Garber (1994) foi uma das principais questionadoras dessa categoria.

Será que a bissexualidade é uma ‘atitude sexual’, um ‘estilo de vida’- ou uma ‘sexualidade’? [...] ela não tem sido vista como uma ‘cultura’ no sentido contemporâneo de ‘cultura gay e lésbica’. [...] Mas, como observaram muitos outros, a bissexualidade, como uma prática vivida, foi historicamente fundamental em muitas culturas[...]. Como reconciliar sua onipresença e sua invisibilidade, como definir sua *status*, é um problema que a ciência tradicionalmente abordou através de modelos desenvolvimentais do indivíduo ou da sociedade. Mas ao fazer isso os cientistas e os cientistas sociais necessariamente separaram a ‘orientação sexual’, como se fosse uma categoria diferente, e não uma categoria que atravessa critérios como cor dos cabelos, tamanho do corpo, musculatura, saúde, posição social e outras características conhecidas por romancistas e executivos como constituintes do erotismo. [...] A parente solidez de ‘homossexual’ e ‘heterossexual’ como categorias cientificamente mensuráveis- em contraste com ‘bissexualidade’, difusa e difícil de definir- determinou a forma das pesquisas sexuais das ciências sócias com relação à invisibilidade da bissexualidade. (GARBER, 1994, p.301)

REFERÊNCIAS

ARAGAKI, Sérgio; PIANI, Pedro; SPINK, Mary Jane. **Uso de repertórios linguísticos em pesquisas** in Spink, M. J (org.) A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual). 2014, p. 229-246.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p.97-125.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARRARA, Sérgio. *et al.* **Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa. 5ª Parada da Diversidade - Pernambuco 2006**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007a.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. **Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira**. In: cadernos Pagu Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-UNICAMP, 2007. N 28, p.65-99.

CARRARA, Sérgio. *et al.* **Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa. 9ª Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CORRÊA, Tiago. **O Governo carnavalizado ou o carnaval governado: política e estética no campo de ação da 9ª Parada da Diversidade de Pernambuco**. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós- Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco. 2012

CORREA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. **Direitos sexuais e Reprodutivos: uma perspectiva feminista**. PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: 1996, p. 147-177.

DAVIES, Bronwin; HARRÉ, Rom; SPINK, Mary (trad.) **Posicionando- A produção discursivas de “selves”**, Journal for the Theory of Social Behaviour, 20(1): 43-63, 1990.

ESCOFFIER, Jeffrey, **Introdução** in GAGNON, John H. Uma interpretação do desejo: Ensaio sobre o estudo da sexualidade, Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FRY, Peter. **Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil**. In: _____. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 87-115, 1981.

GARBER, Marjorie. **Vice versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana.** Record: Rio de Janeiro, 1997.

GOMES, Maria João, **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica**, VII Simpósio Internacional de Informática Educativa: Leiria, Portugal, p.311-315, 16-18 Novembro de 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu, n.5, p. 07-41, 1995.

IBÁÑEZ, Tomas García. **O giro lingüístico.** In: IÑIGUEZ, L. (Ed.). Manual de análise do discurso em ciências sociais. Petrópolis: Vozes, p. 19-49, 2004.

LACERDA JÚNIOR, Luiz Francisco B de; **O curta metragem gay brasileiro: questões identitárias.** (Projeto de qualificação de doutorado do departamento de comunicação social). Universidade Federal de Pernambuco. 2013

LEWIS, Elizabeth. **“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais.** (Dissertação de mestrado de Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas). Universidade Federal de Rio de Janeiro. 2012

MEDRADO, Benedito. **Das representações aos repertórios: uma abordagem construcionista.** Psicologia & Sociedade, São Paulo, v. 10, n.1, p. 86-103, 1998.

MEDRADO, Benedito. **Textos em cena: a mídia como prática discursiva.** In Spink, M. J (org.) Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004, p.194-220

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa.** In: Charles Elias Lang, Jefferson de Souza Bernardes, Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro e Susane Vasconcelos Zanotti. **Metodologias: Pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas.** Maceió: EDUFAL. (no prelo). Disponível em <https://www.dropbox.com/s/bvkjf4da43aspje/medrado-e-lyra-capitulo-UFAL-no-prelo.pdf?dl=0>. Acessado em 30/03/2015.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades.** Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3), Setembro-dezembro 2008, p. 809-840.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo. **Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas.** in Spink, M.

J (org.) A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual). 2014, p.273-294.

MINAYO, Maria Cecília (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 32ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 13-30.

MISKOLCI, Richard. **Não somos, queremos: notas sobre o declínio do essencialismo estratégico**. Mesa Novas Perspectivas e desafios políticos atuais, Stonewall 40+ o que no Brasil. Salvador, 17 de setembro de 2010.

MISKOLCI, Richard. **Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1):424, janeiro-abril/2013, p.301-324.

NOGUEIRA, Conceição. **Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero**. Cadernos de Pesquisa, n.112, p.137-154, março, 2001a.

NOGUEIRA, Conceição. **Construcionismo social, discurso e gênero**. In: Psicologia, vol.XV (1), p.43-65, 2001b.

NOGUEIRA, Conceição. **Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero**. Cadernos de Pesquisa, n.112, p.137-154, março, 2000.

PAIVA, Vera. **A psicologia redescobrirá a sexualidade?**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.13, n.4, p.641-651, out./dez. 2008.

PARREIRAS, Carolina. **Fora do armário...dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual**. In DÍAZ-BENÍTEZ, M.E ; FÍGARI, C.E.(orgs.). Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro : Garamond, p. 343-371, 2009.

PERES, William S. **Psicologia e Políticas Queer**. In: FILHO, F. S. T.[et al.] (orgs). Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea. Cuiabá: Ed. UFMT, 201, pp. 55-63.

PILÃO, Antonio Cerdeira; GOLDENBERG, Mirian. **Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias**. Artemis, V (13), jan-jul, 2012, pp. 62-71.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Fundação Perseu Abramo: São Paulo. 2004, p.95-139.

SCOTT, Joan. **Experiência**. In: SILVA, Alcione Leite ET all (orgs) Falas de gênero. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, p. 21-55, 1999.

SERGE, A. **O que quer uma mulher?**, ESTRADA, D (tradução). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.9-30.

SILVA, Tomaz Tadeu da S.; **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 14. Ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2014

SPINK, Mary Jane; LIMA, H. **Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação** in Spink, M. J (org.) *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2004, p 93-122.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, V. M. **A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos**. In: Spink, M. J (org.) *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*, São Paulo: Cortez, 2004, p. 63- 92.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, B. **Produção de sentidos na cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas**. in Spink, M. J (org.) *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2004, p 41- 61.

SPINK, Peter K. **Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista**. *Psicologia & Sociedade*; 15 (2): 18-42; jul./dez. 2003.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual**. El pensamiento heterosexual y otros ensayos. Traducción de Javier Sáez y Paco Vidarte, Madrid: Egales, 2006, p. 45-57

WOLFF, C. **Bisexualidad: um estúdio**. Barcelona: Editores Virgen de Gadalupe. 1978.

APÊNDICE

POSTAGENS da seção “bissexualidade feminina” blog “Sou bi: um blog para quem é bissexual.

| | Título/data |
|-----|---|
| 1. | Sou mulher, e bissexual- 15/07/2011 |
| 2. | Meu namorado sabia- 15/07/2011 |
| 3. | Como aceitar a bissexualidade- 18/07/2011 |
| 4. | O primeiro encontro com uma lésbica- 20/07/2011 |
| 5. | Beijar uma mulher nem sempre é fácil -26/07/2011 |
| 6. | Como saber se sou bissexual? -21/07/2011 |
| 7. | Preconceito contra a mulher bissexual- 10/08/2011 |
| 8. | Ser bissexual ou gay não é pecado, nem doença- 14/08/2011 |
| 9. | Flertar com lésbica na balada não foi fácil -17/08/2011 |
| 10. | Bissexualidade: há preferência por algum dos sexos? - 18/08/2011 |
| 11. | Como descobrir se uma mulher é lésbica ou bissexual? - 22/08/2011 |
| 12. | Vou deixar de ser bissexual para me tornar lésbica? -26/10/11 |
| 13. | O medo da homossexualidade (ou da bissexualidade)- 10/01/2012 |
| 14. | O preconceito dos próprios gays e bissexuais - 18/01/2012 |
| 15. | O que os heterossexuais deveriam saber sobre os gays e bis- 25/01/2012 |
| 16. | Achei que fosse fácil descobrir uma lésbica ou bissexual- 29/01/2012 |
| 17. | Mitos e verdades sobre uma relação lésbica- 02/02/2012 |
| 18. | Nascemos bissexuais?- 06/02/2012 |
| 19. | Homens bissexuais x mulheres bissexuais - 07/02/2012 |
| 20. | Bissexualidade ou homossexualidade tem idade?- 22/02/2012 |
| 21. | Toda mulher é bissexual?- 28/02/2012 |
| 22. | Quando assumir a bissexualidade? - 07/03/2012 |
| 23. | Ser gay ou ser bi está na moda?- 09/03/2012 |
| 24. | Como um bissexual sabe se gosta mais de homem ou de mulher? 04/04/2012 |
| 25. | Sonhar com uma mulher me torna bissexual? 05/04/2012 |
| 26. | Porque vivemos escondendo nossa bissexualidade? 07/04/2012 |
| 27. | Sou lésbica, bissexual ou é só um desejo? 11/04/2012 |
| 28. | A primeira vez com uma mulher 13/04/2012 |
| 29. | O que me ajudou a viver a minha bissexualidade - 18/04/2012 |
| 30. | A mulher lésbica ou bissexual - 25/04/2012 |
| 31. | Mulheres bissexuais fazem comparações? - 30/04/2012 |
| 32. | Bissexualidade não é promiscuidade - 01/05/2012 |
| 33. | A bissexualidade, a homossexualidade e a religião - 03/05/2012 |
| 34. | Como descobrir se sou bissexual? 09/05/2012 |
| 35. | Como aceitar a bissexualidade? 22/05/2012 |

| | |
|-----|---|
| 36. | Como sei se uma mulher está interessada? 29/05/2012 |
| 37. | Será que nasci bissexual? 05/06/2012 |
| 38. | Está apaixonada por uma mulher e ela é heterossexual? 19/06/2012 |
| 39. | Ter beijado uma mulher me torna bissexual? 26/06/2012 |
| 40. | Quando fiquei madura para me relacionar com uma mulher 27/06/2012 |
| 41. | Sou bissexual, mas seria mais fácil ser heterossexual...? 01/07/2012 |
| 42. | Porque duvidados tanto da nossa bissexualidade? 09/07/2012 |
| 43. | Como demonstrar a uma mulher que você está interessada? 10/07/2012 |
| 44. | O que mudou em mim quando comecei a namorar uma mulher? 13/07/2012 |
| 45. | Como saber se sou gay ou bissexual? Entenda-se melhor 15/07/2012 |
| 46. | O que não gostei em algumas mulheres 17/07/2012 |
| 47. | Estou apaixonada por uma mulher heterossexual. O que fazer? 21/07/2012 |
| 48. | Ninguém quer se sentir “diferente” 24/07/2012 |
| 49. | Cuidado ao viver sua primeira experiência homossexual 31/07/2012 |
| 50. | Se namoro uma mulher, posso me intitular bissexual? 14/08/2012 |
| 51. | Poucos acreditam na bissexualidade 26/08/2012 |
| 52. | Como conviver melhor com a bissexualidade? 30/08/2012 |
| 53. | As mulheres gostam de surpreender 04/09/2012 |
| 54. | Como conheci a minha namorada 12/07/2012 |
| 55. | Resposta a uma amiga heterossexual 19/09/2012 |
| 56. | Minha amiga disse que não é “heterossexual” 24/09/2012 |
| 57. | Quando a mulher quer ser o homem da relação 28/09/2012 |
| 58. | Não gosto de fingir que sou solteira 03/10/2012 |
| 59. | Os pais dificultam a aceitação da bissexualidade 19/10/2012 |
| 60. | As pessoas podem demorar muito para confessar a bissexualidade ou homossexualidade 04/11/2012 |
| 61. | Quais sensações sentimos quando somos bissexuais 09/11/2012 |
| 62. | Ser homossexual ou bissexual e ter medo de ser feliz 13/11/2012 |
| 63. | Porque é tão difícil contar que sou bissexual? 15/11/2012 |
| 64. | Devo trair a pessoa com quem estou para saber se sou bissexual? 23/11/2012 |
| 65. | Como abordar uma mulher homossexual ou bissexual 11/12/2012 |
| 66. | Porque a gente acha que a homossexualidade e a bissexualidade são erradas? 16/12/2012 |
| 67. | Acreditar na bissexualidade é passar por um período de transição 08/01/2013 |
| 68. | Algo a refletir sobre a bissexualidade 11/01/2013 |
| 69. | Nem sempre é fácil, mas as pessoas se acostumam com a homo e a bissexualidade 15/01/2013 |
| 70. | Relação a três é possível? 24/01/2013 |
| 71. | Quando descobrimos que somos bissexuais? 29/01/2013 |
| 72. | Porque as pessoas duvidam da bissexualidade? 31/01/2013 |
| 73. | A mulher por quem me apaixonei 07/02/2013 |
| 74. | Você namora alguém bissexual? 08/02/2013 |

| | |
|------|---|
| 75. | O que as mulhres querem? 13/02/2013 |
| 76. | Sou bissexual. Infelizmente você não pode falar isso para qualquer pessoa. 16/02/2013 |
| 77. | Uma lésbica na mentira e um preconceito na verdade 25/02/2013 |
| 78. | Ainda vou mostrar o quanto é bom namorar uma mulher 27/02/2013 |
| 79. | Bom atendimento a um casal de mulheres 03/03/2013 |
| 80. | Em qual idade é melhor assumir a bissexualidade (ou homossexualidade)? 06/03/2013 |
| 81. | Relacionamento entre lésbica e bissexual 09/03/2013 |
| 82. | Uma lésbica se descobrindo bissexual 17/03/2013 |
| 83. | Como conquistar uma mulher mais velha 23/03/2013 |
| 84. | Heterossexuais se apaixonam por lésbicas 29/03/2013 |
| 85. | Bissexual tem trejeitos? 01/04/2013 |
| 86. | Daniela mercury assume relacionamento com uma mulher 03/04/2013 |
| 87. | Daniela mercury tem quase 50 anos, é mais fácil se assumir? 04/04/2013 |
| 88. | As pessoas mentem que não são preconceituosas 05/04/2013 |
| 89. | Algumas mulheres começam a gostar de mulher de repente? 08/04/2013 |
| 90. | Com o tempo, fica mais fácil falar sobre a bissexualidade? 12/04/2013 |
| 91. | Marido desconfia que mulher seja bissexual 17/04/2013 |
| 92. | Namoro virtual dá certo? 24/04/2013 |
| 93. | Uma lésbica em dúvida da sua sexualidade 26/04/2013 |
| 94. | Você é heterossexual só porque a sociedade prefere assim? 30/04/2013 |
| 95. | Mulher precisam aprender a lidar melhor com a rejeição 06/05/2013 |
| 96. | Descobrir se uma mulher é lésbica ou bissexual pode ser um desafio 07/05/2013 |
| 97. | Você já viveu um verdadeiro triângulo amoroso? 08/05/2013 |
| 98. | É coisa da minha cabeça ou ela está interessada? 10/05/2013 |
| 99. | Porque as pessoas traem tanto? 21/05/2013 |
| 100. | Ser bi ou homossexual ainda é motivo de vergonha 28/05/2013 |
| 101. | Para uma lésbica também é difícil aceitar a bissexualidade 06/06/2013 |
| 102. | Será que ela é lésbica ou bissexual? 10/06/2013 |
| 103. | Curiosidades sobre lésbicas e bissexuais 13/06/2013 |
| 104. | Devo namorar um homem bissexual? 25/06/2013 |
| 105. | Bissexuais comparam homem e mulher? 06/07/2013 |
| 106. | As grandes barreiras da bissexualidade 25/07/2013 |
| 107. | Para um bissexual o que vale é o amor e não o sexo? 06/08/2013 |
| 108. | Um história de amor (quase) impossível entre duas mulheres 13/08/2013 |
| 109. | Testei e não gostei. Como ter certeza se sou bissexual? 20/08/2013 |
| 110. | Como se sentir melhor com a bissexualidade 25/08/2013 |
| 111. | Namorei homens e mulheres, mas ainda dizem que não sou bissexual... 01/09/2013 |
| 112. | Qual o limite para o jogo da sedução? 09/09/2013 |
| 113. | Fui trocado por alguém do mesmo sexo. Meu casamento foi uma mentira? 25/09/2013 |
| 114. | Namorei homens, mas agora só me apaixono por mulheres 01/10/2013 |
| 115. | Casais de mulheres também brigam por sexo 01/10/2013 |

| | |
|------|--|
| 116. | Daniela mercury está fazendo marketing? 20/10/2013 |
| 117. | O primeiro e único amor lésbico 27/10/2013 |
| 118. | Uma lésbica casando com um homem 26/01/2014 |
| 119. | No início. Não há senso crítico 16/02/2014 |
| 120. | As confissões de uma senhora de 68 anos 05/03/2014 |
| 121. | Blogsoubi no brasil post 07/03/2014 |
| 122. | A difícil aceitação da bissexualidade 14/03/2014 |
| 123. | O quanto a idade atrapalha em um relacionamento 18/03/2014 |
| 124. | Sim, eu ainda não assumo a minha bissexualidade 02/04/2014 |
| 125. | Venha para o open house do blogsoubi 26/04/2014 |
| 126. | Como contar a alguém que sou bissexual? 04/05/2014 |
| 127. | O quanto o cheiro influencia no relacionamento 22/05/2014 |
| 128. | Se minha esposa beijar outra mulher, não é traição 28/05/2014 |
| 129. | Aprenda a lidar com a rejeição 06/06/2014 |
| 130. | Porque o beijo lésbico não deveria ser um mistério 25/06/2014 |
| 131. | A insegurança de se relacionar com uma mulher confusa 12/08/2014 |
| 132. | Como entender a mente de um bissexual 18/08/2014 |
| 133. | Lésbicas e bissexuais com mais de 40 anos 07/09/2014 |
| 134. | Porque uma mulher não admite o desejo por outra mulher? 25/10/2014 |